



**Universidade Federal da Bahia**  
**Instituto de Letras**  
**Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística**



**O LÉXICO DOS TRABALHADORES NA PRODUÇÃO ARTESANAL  
DE FOGOS EM MUNIZ FERREIRA - BA**

**por**

**EVANICE RAMOS LIMA**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Jacyra Andrade Mota**

**SALVADOR**  
**2006**



**Universidade Federal da Bahia  
Instituto de Letras  
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística  
Curso de Mestrado em Letras e Lingüística**

**O LÉXICO DOS TRABALHADORES NA PRODUÇÃO ARTESANAL  
DE FOGOS EM MUNIZ FERREIRA - BA**

**por**

**EVANICE RAMOS LIMA**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Jacyra Andrade Mota**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras e Lingüística (Área Lingüística Histórica).**

**SALVADOR  
2006**

**Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa - UFBA**

L732 Lima, Evanice Ramos.  
O léxico dos trabalhadores na produção artesanal de fogos em Muniz  
Ferreira - BA / por  
Evanice Ramos Lima . - 2006.  
192 f. : il.  
  
Inclui anexos.  
  
Orientadora : Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jacyra Andrade Mota.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de  
Letras, 2006.

Aos meus pais, companheiros fiéis nessa caminhada.

A Jorge, meu noivo, que soube compreender as minhas ausências e indisponibilidades durante essa jornada.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, responsável por todas as minhas conquistas.

À professora Jacyra Mota, orientadora querida, pela receptividade, pela atenção e, principalmente, pelo direcionamento que me conduziu à conclusão desse trabalho.

À professora Suzana Cardoso, que admiro desde os tempos do Curso de Especialização, pelos valiosos ensinamentos em Dialectologia e Geografia Lingüística, que me possibilitaram cumprir uma das etapas do mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística, pelo apoio, a qualidade e dedicação de seus professores e funcionários.

A Ceresmares e Marinalva, pelo interesse, apoio e assistência que me prestaram durante todo o curso.

Ao meu tio João, pela conversa agradável e enriquecedora.

A todos os informantes, pela confiança em prestarem suas declarações e disponibilizarem seu tempo e seu espaço.

*(...) como elemento de cultura, a língua apresenta o aspecto muito curioso de não ser em si mesma uma coisa cultural de per si, à maneira da religião, da organização da família, da arte da pesca etc.; ela apenas serve dentro da cultura como seu meio de representação e comunicação.*

(MATTOSO CÂMARA JR., 1965, p.18)

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>LISTA DE QUADROS</b> .....  | 08 |
| <b>RESUMO</b> .....  | 09 |
| <b>ABSTRACT</b> .....  | 10 |
| <br>   |    |
| <b>1 Introdução</b> .....  | 11 |
| <br>   |    |
| <b>2 Aspectos metodológicos</b> .....  | 15 |
| 2.1 A localidade .....   | 15 |
| 2.2 O <i>corpus</i> .....  | 20 |
| 2.3 Os informantes .....   | 23 |
| 2.3.1 Breve perfil dos informantes .....                                       | 23 |
| <br>   |    |
| <b>3 Os fogos – origem e trajetória</b> .....                                  | 33 |
| 3.1 Os fogos em Muniz Ferreira .....   | 35 |
| 3.1.1 Processos comuns a todos os tipos de fogos produzidos na localidade..... | 36 |
| 3.1.2 Processos específicos de alguns tipos de fogos .....                     | 37 |
| <br>   |    |
| <b>4 Fundamentação teórica</b> .....   | 43 |
| 4.1 O léxico e sua estruturação .....  | 43 |
| 4.2 O campo léxico .....   | 50 |
| 4.3 Língua, espaço, cultura e sociedade.....                                   | 53 |
| 4.3.1 Campos de estudos da variação .....                                      | 56 |
| 4.3.2 A Dialectologia .....  | 58 |
| 4.3.3 A Sociolingüística .....   | 63 |
| 4.3.4 Tarefas da Sócio- e da Etnolingüística .....                             | 65 |
| 4.4 Estudos sócio- e etnolingüísticos .....                                    | 70 |
| <br>   |    |
| <b>5 Análise do campo léxico dos fogos artesanais</b> .....                    | 74 |
| 5.1.1 Espaço físico .....  | 77 |
| 5.1.2 Etapas e processos .....   | 80 |

|   |            |
|---|------------|
| 5.1.3 Elementos humanos .....                             | 88         |
| 5.1.4 Produtos e subprodutos .....                        | 100        |
| 5.1.5 Partes, componentes, especificações e medidas ..... | 118        |
| 5.1.6 Instrumentos e peças .....                          | 130        |
| <b>6 Considerações finais .....</b>                       | <b>143</b> |
| <b>GLOSSÁRIO .....</b>                                    | <b>150</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                  | <b>165</b> |
| <b>ANEXOS .....</b>                                       | <b>169</b> |



**LISTA DE QUADROS**

|   |     |
|---|-----|
| Quadro 1 – Distribuição dos informantes por faixa etária e sexo .....                   | 23  |
| Quadro 2 – Distribuição dos informantes conforme ordem numérica, iniciais, idade e sexo | 24  |
| Quadro 3 – Distribuição das lexias em subcampos .....                                   | 75  |
| Quadro 4 – Disposição dos fogos produzidos na comunidade conforme o tipo .....          | 102 |
| Quadro 5 – Distribuição das lexias conforme os tipos .....                              | 146 |
| Quadro 6 – Designações para os elementos humanos conforme a tarefa executada .....      | 148 |

## RESUMO

Este estudo de caráter descritivo tem por objetivo registrar e analisar o léxico empregado pelos trabalhadores na produção artesanal de fogos, em Muniz Ferreira-BA, baseando-se nos pressupostos que norteiam a Dialectologia, a Sociolingüística, a Etnolingüística e a Lexicologia. Para tanto, buscou-se a seleção de doze informantes, de ambos os sexos, naturais de Muniz Ferreira ou residentes nela há, pelo menos, um terço de sua vida, distribuídos nas seguintes faixas etárias: 20 a 35, 36 a 50 e mais de 50 anos. Aplicou-se um questionário contendo perguntas que contemplam as diferentes etapas do processo de fabricação, de acordo com os tipos de fogos, através do qual foram registradas e identificadas as lexias peculiares a esta atividade econômica. A análise léxico-semântica dos itens reunidos em seus respectivos campos léxicos e a observação dos fatores extralingüísticos permitiram verificar de que forma as variáveis sociolingüísticas, os fatores culturais e a estrutura social da comunidade influenciam no léxico em estudo, no que tange à sua constituição e uso. A pesquisa demonstrou que o léxico empregado pelos trabalhadores compõe-se de: formas já consagradas no uso geral da língua; elementos já existentes na língua, cujos significados foram ampliados no processo de reelaboração lexical; e construções neológicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Léxico, Dialectologia, Sociolingüística, Etnolingüística, Lexicologia, Campos léxicos, Fogos de Artífício.

## ABSTRACT

This descriptive work attempts to register and to analyse the lexicon used by the workers of the firework rustic factories in Muniz Ferreira, state of Bahia, based on principles of the Dialectology, Sociolinguistic, Ethnolinguistic and Lexicology. To collect the oral corpus, it was intended to select twelve workers who were born in Muniz Ferreira or who were living in there for one third of their age. They were arranged in three groups, according to the following ages: 20-35 years old, 36-50 years old and more than 50 years old. They were enquired about the different phases of the manufacturing fireworks process, according to the kinds of fireworks. The semantic and lexical analysis of the terms related to this economic activity, which were grouped in lexical fields, and the observation of external linguistic factors revealed how this factors influenced the creation, the use, the meaning and the variation of the lexicon. The study demonstrate the lexicon used by the workers assembles lexis that already were established in general language use; lexis that already exist in the language and whose meanings were extended; and neologic lexis.

**KEYWORDS** – Lexicon, Dialectology, Sociolinguistic, Ethnolinguistic, Lexicology, Lexical Fields, Fireworks.

## 1 Introdução

Cada grupo socioprofissional, de acordo com a atividade que desenvolve, caracteriza-se por uma especificidade lexical que o distingue dos demais, pois, conforme as ações, objetos, as substâncias e as mãos-de-obra envolvidas na execução de seu trabalho, são criadas lexias<sup>1</sup> específicas que se tornam representações de sua realidade, bem como recortes de suas experiências no labor do dia-a-dia. Tal especificidade pode ser observada no léxico dos trabalhadores na produção artesanal de fogos no Recôncavo Sul da Bahia.

A fabricação de fogos é uma atividade econômica desenvolvida em várias cidades do Recôncavo baiano e, embora esta atividade esteja passando por um declínio, em função de vários fatores, contribuiu significativamente para a constituição de um léxico característico daquela região, abrangendo desde a denominação da mão de obra até a venda do produto manufaturado. Por sermos naturais e residentes nessa região, até a adolescência não atentamos para essa diversidade, porém, a partir das aulas de Lingüística no Curso de Letras, e, principalmente, após o contato com a Sociolingüística, no Curso de Especialização, em que empreendemos reflexões sobre a diversidade lingüística, percebemos o quanto interessante e importante seria estudar e registrar o léxico daquele grupo. Além disso, através da leitura de alguns trabalhos sobre a história local, identificamos lexias específicas nos trechos das entrevistas realizadas pelos pesquisadores, as quais sinalizavam a especificidade lingüística no campo dos fogos. Assim, tal diversidade nos conduziu à investigação do léxico característico daquela atividade econômica.

Quando elaboramos o anteprojeto para ingresso no Mestrado, tínhamos a intenção de realizar uma pesquisa que contemplasse todos municípios do Recôncavo Sul da Bahia voltados para a produção de fogos, como Cruz das Almas, Santo Antônio de Jesus, Muniz

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, para o termo *lexia* também serão usadas as denominações *forma lexical* e *item lexical*.

Ferreira, Nazaré, São Felipe e outros, por entendermos que assim atingiríamos a totalidade do léxico empregado pelos trabalhadores nessa produção. Contudo, logo nos primeiros encontros com a orientadora, percebemos que o tempo disponível era insuficiente para tanto. Assim, seguindo a indicação da professora Jacyra Mota, restringimos a pesquisa a apenas um município, escolhendo aquele com o qual já temos um vínculo, Muniz Ferreira. Supúnhamos que, conhecendo alguns membros da comunidade, seria mais fácil aproximarmo-nos dos informantes, afastando, dessa forma, a sua desconfiança.

Partindo do pressuposto de que a língua é uma herança cultural, neste estudo, interessamos saber como determinadas lexias, compreendidas dentro de um contexto socioprofissional, designam ações, objetos, processos, etc, a partir da articulação com o trabalho, a história e a memória desse meio social. Com isso, objetivamos verificar como o léxico empregado pelo trabalhadores reflete a produção artesanal de fogos em Muniz Ferreira. Para tanto, buscamos:

- a) documentar e descrever lexias inerentes ao processo de fabricação de fogos;
- b) confrontar a aceção apresentada nos dicionários e a aceção corrente no campo em pesquisa;
- c) verificar até que ponto as variáveis idade e sexo interferem na constituição e no uso desse léxico.
- d) elaborar um glossário com as lexias registradas na fala dos trabalhadores.

Portanto, esse estudo se define como de natureza sócio- e etnolingüística.

Considerando que o processo de fabricação de fogos, atividade econômica desenvolvida em várias cidades do Recôncavo baiano, não é conhecido por muitos grupos, esta pesquisa se revela importante para os estudos lingüísticos na medida em que, através dela, pretende-se chegar a uma descrição léxico-semântica do vocabulário específico dessa atividade, o qual já se encontra cristalizado na norma regional, embora não registrado, em sua totalidade, no

dicionário, bem como resgatar lexias que tendem ao desuso devido à introdução das novas tecnologias nessa atividade ou ao desaparecimento da mesma.

Apesar de muitos estudiosos terem empreendido investigações sobre a influência de atividades econômicas na caracterização do léxico da língua, dando origem a inúmeros trabalhos, nenhum deles se debruçou sobre o léxico empregado na produção de fogos. Daí resulta a originalidade deste estudo. O campo da fabricação de fogos possui características importantes que poderão fornecer dados evidentes da forma como um grupo socioprofissional, em um determinado recorte sincrônico, exerce relevante influência na constituição do léxico de uma região.

Esta dissertação encontra-se dividida em seis capítulos: *Introdução*, *Aspectos metodológicos*, *Os fogos – origem e trajetória*, *Fundamentação teórica*, *Análise do campo léxico dos fogos artesanais* e *Considerações finais*. Em *Aspectos metodológicos*, procuramos detalhar os caminhos trilhados antes e durante a pesquisa de campo, na escolha da localidade, além de informar sobre a constituição do *corpus* e o perfil dos informantes; em *Os fogos – origem e trajetória*, buscamos informar, de uma maneira geral, sobre a história dos fogos e sua introdução no Brasil, bem como sobre os processos empregados na fabricação destes na comunidade; em *Fundamentação teórica*, procuramos delinear as bases que orientaram nosso estudo; em *Análise do campo léxico dos fogos artesanais*, descrevemos as lexias documentadas na comunidade, a partir da análise léxico-semântica, bem como verificando a influência de fatores extralingüísticos na constituição do léxico. A este capítulo, seguem-se as *Considerações finais*, em que buscamos apresentar, não como conclusões definitivas, os resultados obtidos após a investigação.

Acrescentamos, ainda, nesse trabalho, um glossário em que reunimos as lexias analisadas, bem como as que foram documentadas nas entrevistas e que são consideradas específicas, ainda que não exclusivas, do processo de fabricação de fogos.

Compõem também esta dissertação os anexos, em que se encontram a ficha do informante, o questionário lingüístico aplicado para a recolha dos dados e a documentação fotográfica obtida na comunidade pesquisada.

## **2 Aspectos metodológicos**

No presente capítulo, descrevemos as fases iniciais da pesquisa, os fatores que motivaram a escolha da localidade, bem como os princípios que orientaram a escolha dos informantes para a constituição do *corpus*. Além disso, explicitamos o processo de elaboração e aplicação do questionário lingüístico, apresentando também os critérios utilizados para a análise do *corpus*.

### **2.1 A localidade**

Muniz Ferreira fica situada no Recôncavo Sul da Bahia, a 207 Km de Salvador pela BR 101 e 73 Km pelo Sistema *Ferry Boat*. Conforme o Censo 2000, possui 6.941 habitantes distribuídos numa área de 115 Km<sup>2</sup>, colocando-se entre um dos menores municípios do Brasil.

Banhada pelos rios Jaguaripe, Taitinga e Pedra Branca, antes de sua emancipação, era distrito de Nazaré, criado em 1933, denominando-se Rio Fundo. Em 1938, o distrito passou a denominar-se Muniz Ferreira, em homenagem ao médico nazareno que prestava assistência ao povo da pequena vila, Dr. Manoel Muniz Ferreira. Em 30 de julho de 1962, o distrito foi elevado à categoria de cidade, desmembrando-se do município de Nazaré. Além da sede, Muniz Ferreira compõe-se de três distritos: Taitinga, Onha e Sodoma. Em sua divisa, estão os municípios Santo Antônio de Jesus, Dom Macedo Costa, São Felipe, Nazaré e Aratuípe.

Os mapas apresentados a seguir permitem a localização do município na região do Recôncavo e em relação à cidade de Salvador, capital da Bahia.





Recôncavo Sul da Bahia

Fonte: *Municipionline*

A vila Rio Fundo tem sua origem a partir da Fazenda Paracoara, propriedade do Barão de Taitinga, situada às margens do rio Jaguaripe, cuja região foi povoada por portugueses. Em 1907, a referida propriedade foi doada a Estevam Leone Tintas, filho adotivo do Barão. Muito próspera, nela havia lavouras de cana-de-açúcar, café, fumo e mandioca, mas seu proprietário contraiu dívida de um conto e duzentos mil réis com a Fazenda Municipal, o que levou a leilão as casas pertencentes à fazenda, em 1911, sendo arrematadas pelo comerciante Augusto Soriano dos Santos. Outra área da propriedade foi comprada, em 1912, pelo coronel João Procópio, que restaurou o engenho, a lavoura e cedeu terrenos para a construção de casas, as quais formaram a vila que foi denominada Rio Fundo. Oito anos depois, a fazenda foi vendida ao Dr. Adalardo Carvalho Lisboa Nogueira, que instalou uma usina de cana-de-açúcar branco, introduziu o fabrico de farinha movido à roda hidráulica e restaurou a represa do rio Jaguaripe.

Até os anos 50, Muniz Ferreira destacou-se na região como mini-centro abastecedor de açúcar mascavo, aguardente, café, farinha de mandioca e azeite de dendê, tendo uma

economia voltada para a agricultura. Seu comércio muito ativo abastecia São Felipe, Dom Macedo Costa, Cocão (distrito de Santo Antônio de Jesus), Palma e Sodoma. A existência de uma estação ferroviária favorecia o comércio local, visto que gerava um fluxo intenso de pessoas na vila, que contava com vários armazéns de compra e venda.

Nesse período, a cidade de Nazaré se destacava na Bahia pelo seu desenvolvimento econômico, sendo *o empório de toda a zona*, conforme Alves (s.d., p. 30-31). A construção da estação ferroviária de Rio Fundo transformou a vila num ponto de confluência das localidades rurais, cuja produção era por ela escoada. Todos os produtos eram levados para Nazaré, de onde eram exportados para Salvador. A distribuição dos gêneros importados desta, da mesma forma, era feita pela vila Rio Fundo. Para tanto, existia uma cooperativa formada por proprietários de armazéns, engenhos e fazendas. Através dela, era possível a compra da produção açucareira e das demais, que eram exportadas para Santo Antônio de Jesus, Nazaré e localidades do sertão.

Em 1947, a primeira cheia do rio Jaguaripe começa a enfraquecer o comércio local, o qual foi totalmente destruído com as cheias de 1952 e 1960, que assolou a vila, fragilizando a economia e desmotivando a população. Além disso, o crescimento da pecuária, uma atividade restrita aos latifundiários, bem como a crise ferroviária contribuíram para agravar esse quadro.

Nessa época, ao lado da agricultura, empreendia-se uma outra atividade econômica nas pequenas propriedades rurais: a produção artesanal de fogos, especificamente o *foguete* e o *traque de barro*. Tradicionalmente, os fazendeiros abastados, por ocasião de festas religiosas em suas fazendas, costumavam fazer encomendas de foguetes aos tímidos artesãos, financiando a matéria-prima. Apenas a mão-de-obra garantia o lucro do artesão que, por sua vez, não era muito significativo naqueles idos.

No período de crise, dos anos 50 a 60, surge o Sr. Juvenal Tupinambá, homem próspero, que impulsionou o fabrico de fogos naquela localidade, a partir da injeção do seu capital, além

da introdução de um novo artefato: as *bombas chilenas*. Estava, assim, delineado um novo quadro econômico e social na comunidade, que passou a trabalhar para o referido senhor. A atividade se expandiu, dessa forma, por toda a zona urbana, trazendo novas perspectivas àqueles que haviam perdido seu meio de sobrevivência.

A emancipação da cidade, em 1962, não representou avanço algum para a localidade, que até hoje, conforme contam os “mais velhos”, é mais “atrasada” que a antiga vila, principalmente no que tange ao comércio. Muniz Ferreira, embora esteja localizada na região metropolitana de Salvador, foi desfavorecida por estar situada entre duas cidades mais desenvolvidas, Nazaré e Santo Antônio de Jesus, centros mais antigos e tradicionais, a que a população sempre recorreu para realizar suas compras, pagamentos, fazer consultas e exames médicos. Isso gerou, durante muito tempo, uma mentalidade em que os produtos oferecidos na cidade não eram valorizados e as pessoas preferiam deslocar-se para outros centros a prestigiarem o comércio local. Dessa forma, todo empreendimento na cidade era em vão.

Outro fator que torna a cidade “atrasada”, como afirmam os seus moradores, é a concentração de terras nas “mãos de poucos”. Isso, além de impedir o crescimento urbano, visto que muitas pessoas que tentam construir na cidade se deparam com a falta de terrenos, desfavorece o desenvolvimento da agricultura.

A fabricação artesanal de fogos constitui a principal fonte de renda da maioria da população até os dias atuais, embora esta tenha experimentado algumas crises ao longo dos anos, concorrendo, para isso, diversos fatores socioeconômicos. Antigamente, as pequenas fábricas eram situadas no próprio quintal das casas e poucas pessoas se arriscavam a manipular o principal componente dos fogos, a pólvora. Por isso não havia muitos fabricantes na comunidade. Mesmo sendo este um trabalho que envolve diversas mãos-de-obra, a maioria da população desempenhava apenas as funções que não exigiam manipulação de material explosivo, mas que garantia uma renda para sua sobrevivência, enquanto os fabricantes

tinham uma renda que lhes permitia certa posição social na comunidade, com aquisição de bens materiais e uma vida razoável. Posteriormente, com o aumento do número de fábricas e, conseqüentemente, de acidentes, as autoridades determinaram que estes só deveriam ser produzidos em locais afastados da zona urbana.

Em meado dos anos 90, as pessoas que trabalhavam com os fabricantes também passaram a produzir fogos, na tentativa de melhorar suas condições financeiras a partir dos lucros que teriam com a venda. Assim, cresceu o número de fabricantes de fogos na comunidade, banalizando a arte e barateando os produtos. Além disso, as vendas a prazo fizeram com que muitos fabricantes “quebrassem a guia”, porque os compradores nem sempre honravam as suas dívidas em meio à crise provocada pelo Plano Real.

A arte de fabricar fogos, que é o meio de sobrevivência de muitas pessoas da comunidade, tende ao desaparecimento, visto que os fabricantes não têm recebido o apoio dos órgãos competentes para regulamentar suas fábricas. As autoridades exigem que estes tenham uma área específica para instalar suas fábricas, atendendo às medidas de segurança estabelecidas pelo Exército, mas nem todos dispõem de recursos para adquirir uma propriedade. De acordo com os fabricantes, o município encaminhou um projeto ao governo solicitando recursos para que, em forma de cooperativas, todos regulamentassem suas fábricas, com a aquisição de uma propriedade destinada a elas. Conforme exigência das autoridades, os fabricantes constituíram as sociedades e abriram suas empresas (o que representou gastos), custearam as reuniões com autoridades do Exército para receberem as instruções sobre segurança, mas o recurso destinado à aquisição da área nunca fora recebido. Até os dias atuais, eles aguardam a concretização do projeto que, sem dúvida, traria muito benefício à comunidade, promovendo segurança e o aprimoramento dos processos de fabricação, com o emprego de novas tecnologias.

Atualmente, a instalação de uma agroindústria na comunidade trouxe alguma expectativa para a população, visto que ofereceu trabalho a algumas pessoas, além de um pequeno empreendimento no comércio que, de certa forma, “esquentaram” a economia local, permitindo que a população empregue sua renda na própria cidade, não sendo obrigada a se deslocar para outros centros até mesmo para comprar alimentos.

A criação de gado, a fabricação artesanal de aguardente e de farinha de mandioca são algumas das atividades desenvolvidas no município que também contribuem para sustentar a economia local. O clima e o solo da localidade são favoráveis ao cultivo de cereais, hortaliças e verduras, o que pode garantir a alimentação daqueles que não têm uma renda fixa, pois as casas geralmente têm um quintal que serve para plantio. Além disso, os rios também fornecem peixes e crustáceos que, quando não são vendidos, transformam-se em alimentos para eles.

## **2.2 O corpus**

Entre os meses de junho e agosto de 2004, fizemos a abordagem dos informantes, visitando suas casas e fábricas artesanais de fogos, a fim de estabelecermos um clima de confiança e observarmos os informantes que se ajustavam ao perfil exigido pela pesquisa, que será exposto na seção seguinte. Assim, conversamos com as pessoas da comunidade e observamos o falar do grupo para que pudessemos elaborar o questionário. Cadastramos os informantes, utilizando a ficha de abordagem, a partir do modelo usado para o Projeto ALiB<sup>2</sup> (Atlas Lingüístico do Brasil) (Ver Ficha do informante, Anexo I).

---

<sup>2</sup> Projeto nacional de caráter interinstitucional, lançado em Salvador, em 1996, durante o Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolingüística no Brasil*, na Universidade Federal da Bahia. Orientado pelos pressupostos teórico-metodológicos da Geografia Lingüística e de natureza pluridimensional, esse projeto procura levantar as variações diatópicas, diagenéricas, diastráticas, diageracionais, diafásicas, aliando fatores de natureza diatópica a fatores sociolingüísticos. Para a elaboração e execução desse projeto, foi criado um Comitê Nacional constituído por representantes de atlas lingüísticos já publicados e em andamento. São integrantes desse comitê: Jacira Mota, Suzana Alice Cardoso, Aparecida Negri Isquerdo, Mário Zágari, Maria do Socorro Aragão, Vanderci Aguilera, Abdelhak Razky e Walter Koch.

As perguntas do questionário contemplam todas as etapas da fabricação, conforme o tipo de fogos (Ver Questionário Anexo II). Durante a sua aplicação, nem sempre dirigimos as perguntas ao informante da mesma forma ou na mesma ordem em que se encontravam, pois foram necessárias várias adaptações para que estas se tornassem mais claras, além da inclusão de novas perguntas, devido ao surgimento de um novo dado fornecido pelo informante.

As entrevistas foram realizadas na casa do informante, no depósito ou na fábrica de fogos. Quando realizadas no depósito ou na própria fábrica, foi possível visualizar os processos e os objetos descritos pelo informante, permitindo maior compreensão. As entrevistas tiveram cerca de 30 minutos de duração e foram registradas em gravador portátil Panasonic, com microfone interno e fita cassete de marca Sony. Após a aplicação do questionário, preenchemos a ficha definitiva, em que foram registradas as nossas impressões sobre os informantes, bem como as circunstâncias em que foram realizadas as entrevistas.

Os inquéritos foram transcritos e digitados em editor de texto Winword em microcomputador XP 2000, com cópia gravada em disco rígido e impressa em papel A4, em que foram identificadas as lexias que caracterizam o léxico empregado pelos trabalhadores na produção artesanal de fogos.

No que tange à transcrição dos inquéritos, utilizamos o sistema ortográfico canônico seguindo alguns critérios pré-estabelecidos:

- a) formas consagradas pelo uso comum, como *né, pra, tá* e outras, foram transcritas da mesma maneira que foram realizadas pelo falante;
- b) as variações morfossintáticas foram transcritas conforme realizadas pelo falante, como *as mesa, os banco; duas vez; a gente chama-se*, etc;

- c) os nomes dos informantes foram transcritos apenas pelas iniciais maiúsculas, como D.A.A, I.S.S, E.S.C., etc;
- d) uma pausa menor foi indicada por ...; uma pausa maior foi indicada por (...);
- e) incompreensão de algum termo foi indicada por (?);
- f) as explicações do inquiridor figuraram entre colchetes, como por exemplo: [risos], [gestos];

No que tange à análise do *corpus*, adotamos os seguintes procedimentos:

- a) seleção das lexias peculiares ao campo investigado;
- b) definição das lexias a partir da aceção predominante na localidade;
- c) consulta às seguintes obras lexicográficas para identificar as lexias dicionarizadas: *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, de Morais Silva (1948), *Dicionário Aurélio eletrônico – Século XXI*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1999), *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, de Antônio Houaiss e Mauro Sales Villar (2001), e *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha (1986);
- d) pesquisa da origem etimológica das lexias;

- e) recorrência às gravações dos inquiridos, sempre que necessário, para esclarecimento de dúvidas;

### 2.3 Os informantes

Para integrar esta pesquisa, selecionamos doze informantes naturais de Muniz Ferreira ou residentes nela há, pelo menos, um terço de sua vida. Além disso, estes pertencem a famílias com tradição no fabrico de fogos e desempenham diferentes tarefas no processo de fabricação dos diversos tipos de fogos. No quadro abaixo, os informantes encontram-se devidamente distribuídos por faixa etária e sexo:

| <b>Faixa Etária</b>      | <b>20 a 35 anos</b> |   | <b>36 a 50 anos</b> |   | <b>+ de 50 anos</b> |   |
|--------------------------|---------------------|---|---------------------|---|---------------------|---|
| <b>Sexo</b>              | M                   | F | M                   | F | M                   | F |
| <b>Nº de informantes</b> | 2                   | 2 | 2                   | 2 | 2                   | 2 |

**Quadro 1** – Distribuição de informantes por faixa etária e sexo.

#### 2.3.1 Breve perfil dos informantes

Para melhor compreensão do fenômeno lingüístico focado neste trabalho, faz-se necessário delinear o perfil dos informantes, a partir dos dados coletados na ficha de abordagem, bem como as circunstâncias e impressões captadas no momento de interação face a face informante e inquiridor.

Tratando-se de um trabalho de natureza sócio- e etnolingüística, consideramos de extrema importância abordar informações concernentes a suas vidas, à função que desempenham no



meio social em que vivem, bem como à relação que estabelecem com os demais membros da comunidade.

O quadro abaixo permite a identificação dos informantes de acordo com a numeração estabelecida, suas iniciais em maiúsculas, sua idade e sexo:

| <b>Informante</b> | <b>Iniciais</b> | <b>Idade</b> | <b>Sexo</b> |
|-------------------|-----------------|--------------|-------------|
| 01                | I.S.S           | 27 anos      | Masculino   |
| 02                | C.S.            | 33 anos      | Masculino   |
| 03                | C.S.S.          | 34 anos      | Feminino    |
| 04                | M.C.S.          | 35 anos      | Feminino    |
| 05                | E.S.C.          | 37 anos      | Masculino   |
| 06                | D.A.A           | 37 anos      | Masculino   |
| 07                | M.A.S.          | 42 anos      | Feminino    |
| 08                | M.R.S.          | 46 anos      | Feminino    |
| 09                | A.S.M.          | 51 anos      | Feminino    |
| 10                | B.C.S.          | 57 anos      | Masculino   |
| 11                | E.C.S.          | 63 anos      | Feminino    |
| 12                | J.C.M.          | 70 anos      | Masculino   |

**Quadro 2** – Distribuição dos informantes conforme ordem numérica, iniciais, idade e sexo.

O informante 01, I. S. S., herdou a tradição no fabrico de fogos do pai, é solteiro e tem 27 anos. Por falta de alternativas na região, cursou o Magistério em nível médio, mas não quis seguir a carreira. Preferiu administrar a fábrica e a loja de fogos da família. Por isso, a ele cabe prover e distribuir a matéria-prima, bem como vender os produtos manufaturados. Há

cinco anos, começou a lidar com essa atividade, embora sua família já trabalhe há mais tempo. Ele tem três irmãos mais novos; dois deles, que também concluíram o ensino médio, continuam trabalhando nessa atividade.

A entrevista com I.S.S. foi realizada no depósito de fogos, em meio a *bobinas de papel* e *papelão* e diversos tipos de fogos. Com muita sutileza, ele demonstrou espontaneidade durante a inquirição, principalmente por ter instrução básica e conhecimento sobre todo o processo de fabricação de vários fogos. Assim, a sua entrevista foi uma das mais prolongadas.

Para se divertir, ele assiste à TV todos os dias, principalmente a filmes, programas de auditório e noticiários. Ele costuma ler revistas, como *Isto é* e *Época*.

C.S., o informante 02, que tem 33 anos, é casado, tem três filhos e estudou até a 5ª série do ensino fundamental. Sem casa própria, ele mora com a sogra. Diariamente, ele costuma assistir à TV, principalmente ao noticiário.

Muito vivo, espontâneo e cooperativo, foi entrevistado enquanto *escorvava palito* na *tenda* do informante 05. Embora trabalhe como *escorvador*, ele entende de todo o processo de fabricação da bomba, desde o palito até a pólvora. Quando se aproxima o São João, ele costuma fazer um “pouquinho de fogos”, nas fábricas dos fogueteiros para quem trabalha, portanto, considera-se *bodeiro*. Ele afirma não saber fazer outra coisa além disso.

C.S.S., a informante 03, de 34 anos, estudou até a 4ª série primária. Órfã, foi criada por uma família de fogueteiros; casou-se e continuou no ofício. Ela cuida da *tenda* enquanto o marido viaja para comprar materiais ou para vender os produtos manufaturados. Muito solícita, ela nos explicou tudo a respeito da produção de *vulcão* e *esputinique*, especialidades de sua *tenda*.

De acordo com ela, atualmente, quem revende fogos obtém mais lucro, porque não precisa investir tanto quanto quem fabrica, que custeia toda matéria-prima, a qual está muito cara, e paga a mão-de-obra. Ela nos apontou vários fatores que causam prejuízo ao

fogueteiro, como ter que fornecer lanches e até almoço aos trabalhadores e ter que dar um “agrado”, exigido por eles no São João. Assim, ela diz que “vai todo o lucro”, mas continua trabalhando porque não tem outra profissão; o que sabem fazer são os fogos mesmo.

M.C.S., a informante 04, é casada, tem 35 anos, dois filhos, e cursou o Magistério em nível médio, mas não exerce a profissão. Trabalha como manicure e auxilia o marido na fábrica, *desenfiando palito e encaixando estalo*.

Muito atenciosa, ela também foi entrevistada na *tenda* do marido, enquanto dispunha os palitos *escorvados* para secar e, posteriormente, os *desenfiava* e os acondicionava cuidadosamente em caixas.

Uma das diversões preferidas de M.C.S é a pescaria. Além disso, gosta muito de ir à praia, assistir a novelas, noticiários, filmes, ler revistas.

Com 37 anos, E.S.C., o informante 05, é casado com M.C.S., tem dois filhos e cursou até a 6ª série. Seu avô e seu pai, já falecidos, eram fogueteiros. Os fogos produzidos por ele são apenas a *bomba* e o *estalo*.

A sua abordagem foi realizada por intermédio de sua esposa, que nos conduziu à sua tenda por ocasião da *escorva de palitos*. Nesse dia, E. S. C. recebia um trabalhador que executaria essa tarefa. Meio acanhado, enquanto coordenava o trabalho, ele respondia às nossas perguntas. Além de ser fogueteiro, ele também é motorista, profissão com que garante a renda fixa da família, fazendo transporte alternativo numa *van* que comprou a partir do seu investimento na fabricação de fogos.

Todos os dias, E.S.C. costuma assistir a noticiários e a filmes na TV e, como diversão, costuma pescar no rio que banha a cidade e ir à praia na Ilha de Itaparica, nos finais de semana, durante o verão.

Para a aplicação do inquérito com o informante 06, D.A.A, que é muito tímido e desconfiado, foi necessário conversarmos antecipadamente com sua companheira para que ela

fizesse a intermediação e lhe explicasse do que se tratava. Ela se comprometeu em nos comunicar o dia e o local, visto que o *corte de papel*, atividade exercida por ele, é uma função temporária e nem sempre o trabalhador se encontra em exercício desta. Como tínhamos preferência por inquiri-lo no seu ambiente de trabalho, logo que D.A.A. foi chamado para essa função, ela nos avisou e, assim, pudemos realizar a entrevista em ambiente bastante característico dessa atividade.

D.A.A., que estudou até a 4ª série primária, é lavrador, mas, trabalhando também como *cortador de papel*, ele consegue uma renda maior para sustentar sua mulher e o único filho que tem. Como diversão, ele diz que gosta de pescar e, nos fins de semana, tomar “umas e outras”.

Como a sua entrevista foi realizada no momento em que cortava papel, o ruído provocado pelo atrito entre a *faca de ponta* e o *papel* ficou registrado na gravação. Apesar da timidez e da pouca espontaneidade durante a entrevista, ele teve uma postura muito cooperativa, principalmente após desligarmos o gravador (parece-nos que o aparelho o inibia muito), quando nos relatou alguns casos, como aquele sobre a fábrica de seu tio que incendiou, mas sem vítimas fatais.

Sobrinho de fogueteiro, mesmo sendo cortador de papel, D.A.A. entende da fabricação de *bomba e estalo* e, eventualmente, faz “um pouquinho” de fogos. Não pode fazer muito, porque o material é muito caro. Segundo ele, trata-se de um trabalho muito perigoso, principalmente porque o *material* (referindo-se ao componente químico *clorato de potássio*) não é mais “de primeira” como era antigamente. Para ele, é um “material falso”, visto que fermenta e explode por si mesmo.

Durante a entrevista, D.A.A. mostrou-se emocionado ao nos contar que um de seus irmãos, quando levava fogos para Salvador na véspera de São João, foi atropelado ao parar na rodovia para ver um acidente e faleceu. Muitas vezes, os trabalhadores que não conseguem

vender, com antecedência, os fogos que produziram, acabam levando-os desesperadamente para Salvador, na tentativa de vendê-los nos barracões, às vésperas das festividades, para não “perder a guia”.

M.A.S., informante 07, de 42 anos, é casada, tem dois filhos e estudou até a 1ª série do ensino médio. Para garantir o sustento da família, ela trabalha como doméstica, auxilia o marido no bar que possui, e *enrola bomba* nas horas vagas. Sendo avó, é ela praticamente o esteio da família. Logo de início, pudemos perceber que se trata de uma pessoa batalhadora, pois se envolve em diversas atividades para suprir as necessidades de sua família: cuida da casa sozinha, trabalha em outra, divide as tarefas do bar com o marido e ainda *enrola bomba*.

Ela é irmã de D.A.A, informante 06, e chegou à comunidade com oito anos de idade, pois seus pais moraram em Salvador durante algum tempo. Por intermédio de sua cunhada, M.R.S., a informante 08, conseguimos marcar a entrevista com M.A.S., sendo esta realizada em sua casa. Como ela estava de férias do trabalho doméstico, “tomou papel” para *enrolar*. Quando chegamos a sua casa, ela se encontrava *enrolando bomba* com seu filho, a quem também ensinou o ofício para que ele não ficasse “parado” enquanto não tivesse trabalho. Atualmente, ela não faz muitos fogos, porque trabalha fora (referindo-se ao trabalho de doméstica) e tem que cumprir horário, mas diz que “com fé em Deus”, voltará a fazê-lo.

Enquanto executava sua tarefa, M.A.S. preparava o arroz para o almoço. Ela entende das demais etapas da fabricação de fogos. Trabalha há mais de trinta anos nessa atividade, que aprendeu com a sua mãe quando veio de Salvador para Muniz Ferreira. Sua mãe já *enrolava bomba* e os filhos *amarravam o fundo* e *enfiavam palito*. Aprendeu também com seu tio, *fogueteiro* antigo, para quem sua mãe trabalhava.

Com 46 anos, a informante 08, M.R.S., é companheira do informante 06, tem dois filhos, sendo a filha fruto de um outro relacionamento. Mesmo estudando até a 5ª série do ensino fundamental, ela sempre trabalhou como doméstica desde jovem, mas também como

*enroladeira*. Sendo uma pessoa muito atenciosa, ela não mede esforços para atender a quem lhe pede auxílio, por isso é muito requisitada pela vizinhança e pela família. Todos os dias, antes de iniciar suas atividades, ela vai até a casa de sua mãe e de seu irmão que “teve um derrame”. Assim, ela sempre confere diariamente os horários da medicação.

A entrevista foi realizada em sua casa, enquanto ela amarrava, no *cavalete*, o fundo da *bomba* que havia *enrolado*. Quando o seu companheiro faz fogos, ela se envolve em todas as etapas, menos na preparação de pólvora. Para ela, as mulheres trabalham mais na *enrolação* porque é um trabalho que pode ser feito em casa mesmo. Assim, enquanto cuida da casa, elas podem *enrolar* e *amarrar* o *fundo*. Além disso, a outra parte, em que se manuseiam substâncias químicas, ela considera mais difícil para as mulheres.

Mesmo obtendo pouco lucro, pois “o que faz só dá pra comer”, no seu dia-a-dia, M.R.S. trabalha muito alegre. Segundo ela, muita gente ainda sobrevive desse trabalho, compra roupas, móveis para a casa, mas, antigamente, esse trabalho era mais rentável, porque o material era mais barato e pouca gente trabalhava nesse ramo. Apesar de tudo, continua nele porque não tem um trabalho melhor.

Uma de suas atividades favoritas é pescar, principalmente no verão ou após alguma cheia. Geralmente, à tardinha, ela se reúne com os informantes 08, 12 e 11, prepara os jererés, munindo-os de bolinhos de farinha e dendê, e se dirige ao rio Jaguaripe. De acordo com ela, a pescaria não é por necessidade, mas todos consomem o que se pesca<sup>3</sup>.

Casada e com 4 filhos, A.S.M. a informante 09, de 51 anos, diz que sabe ler muito pouco. Gosta de assistir a novelas todos os dias e está sempre cantando. Sua entrevista foi realizada em casa, onde trabalha com os feixes de *canudos* dos *foguetinhos*, *embuchando-os* e *brocando-os*, em uma área no fundo do quintal. É dessa forma que ela ajuda o marido na confecção dos fogos.

---

<sup>3</sup> Na comunidade há pessoas que complementam a sua renda com a venda do pescado. Muitas delas, entretanto, pescam por diversão, mas também consomem o que pescam.

Ela afirma que o dia-a-dia é de muita luta e, por isso, fica estressada. No entanto, continua fazendo fogos, porque não tem outra coisa para fazer. Se tivesse, sairia desse ramo, porque, além de tanta preocupação, ela e o marido não ganham quase nada. De acordo com ela, se for “tirar a conclusão, não dá pra pagar a quem trabalha, porque tudo está caro e a mão-de-obra também; trabalhador não quer ganhar pouco”.

Durante a entrevista, percebemos uma grande preocupação de A.S.M., que fez questão de deixar claro que, em casa, só lida com o material que não é explosivo: *papel e barro*. A parte explosiva do *foguetinho* fica a cargo do marido, *fogueteiro* que possui *tenda* na zona rural.

B.C.S., de 57 anos, informante 10, tem quatro filhos, dentre eles, I.S.S., já citado, e estudou até a 2ª série do ensino primário. Seu pai faleceu quando ele tinha apenas dois anos; por isso, morou algum tempo com sua tia, que também fabricava fogos em Santo Antônio de Jesus, mas aprendeu o ofício desde criança, com sua mãe, que era filha de fogueteiro.

Ele entende de todas as etapas do processo de fabricação de fogos. Pode-se dizer que é um grande empreendedor na área, pois além de possuir uma loja onde vende todos os tipos de fogos, monta barracão em diversos lugares no período junino e faz *shows* pirotécnicos em todo o interior, nas festas de finais de ano, nas festas juninas e de padroeiros, e nos eventos políticos. A invenção da *roda* é atribuída a ele, embora não tenha feito qualquer afirmação sobre isso.

Segundo B.C.S., durante todo esse tempo em que trabalha com fogos, nunca aconteceu acidente com ele, mas tem amigos com os quais já aconteceu. Sobre isso, afirma que, apesar de tudo, o clima é sempre de otimismo, todos trabalham sempre alegres, cantando e conversando.

Para se distrair, ele gosta de assistir ao noticiário e ouvir música sertaneja. Durante a entrevista, foi muito perspicaz, espontâneo e cooperativo.

Com 63 anos, casada, e três filhos, E.C.G., informante 11, que hoje está aposentada, entende de todas as etapas da confecção de fogos, pois trabalhou durante vinte e quatro anos com fogos, auxiliando o marido na *tenda*; coordenava bravamente o trabalho enquanto este se encontrava fora a trabalho.

Ela, que é irmã de B.C.S., informante 10, deixou de fabricar fogos há alguns anos, em comum acordo com o marido, pois percebeu que o ramo não dava mais o lucro de outros tempos. Muito espontaneamente ela respondeu às perguntas, mostrando-se bastante saudosa dos momentos em que assumia a direção das tarefas. Contou-nos que o dia-a-dia era muito bom porque as pessoas cantavam, faziam fofoca, saía comida, merenda que uns davam aos outros. Segundo ela, havia o famoso *pé-de-panela*, ou seja, quando ficava um resto de comida, geralmente carne, fazia-se uma farofa e todos comiam dentro da panela. Além disso, o dono da tenda fazia suco para os trabalhadores tomarem com bolacha ou pão, pois muitos deles não iam para casa porque não tinham comida. Ela, por exemplo, oferecia porque sabia que eles não tinham o que comer. Mas ela acha que hoje não dá mais para fazer isso, pois dá prejuízo.

Assim como outros informantes, uma das diversões de E.C.G. é a pescaria, sempre nos finais de tarde, principalmente no verão. A praia também não pode deixar se incluir entre as suas preferências, visto que ela diz gostar muito de água, seja ela doce ou salgada.

Filho de fogueteiro, J.C.M., informante 12, é um senhor viúvo de 70 anos de idade que, desde criança, trabalha no fabrico de fogos. Ele é um senhor de estatura média e de aparência sadia, porém é hipertenso e já teve princípio de derrame. Apesar disso, não abandonou o vício de fumar. Como distração, gosta de pescar, ir à praia e, à noite, assistir à TV. Ele morou na zona rural, no povoado chamado Alto da Boniteza, até seu pai vender a fazenda e estabelecer-se na cidade. Tem seis filhos, sendo um fruto de uma aventura da juventude. Conseguiu, mesmo com poucos recursos, mas com a ajuda de sua esposa batalhadora, oferecer educação



aos filhos e formar quatro deles. Além de ser fogueteiro, ele trabalhou no abate de carne para complementar a renda familiar.

J.M.C. é uma figura muito interessante na cidade; consegue ter a simpatia de todos, mesmo tendo algumas atitudes grosseiras e indiscretas, pois é uma pessoa muito prestativa. Apesar da pouca instrução e da natureza rude, ele se mostrou solícito ao ser abordado e, em tom de brincadeira, perguntou se a entrevista não seria para prendê-lo.

A entrevista com J.M.C. informante 12, foi realizada em sua casa e, talvez tivesse tido mais sucesso, não fosse a dor de cabeça e a “garganta ruim”, conseqüências da pescaria sob o sol forte no dia anterior.

J.M.C. diz já ter feito muitos fogos e de tipos variados, mas, atualmente, a produção é pequena. Do trabalho com fogos, diz nunca ter tido alegria, apenas tristezas, pois já presenciou várias explosões e teve que agir para salvar a vida de seus filhos e de outras crianças. Conta que já chegou a produzir sessenta mil *bombas* por semana, comandando um grupo de quarenta trabalhadores. Também já produziu muitos *foguetes*, mas, hoje em dia, sua atividade como fogueteiro resume-se à fabricação de algumas *bombas* maiores como a dez e a vinte, que ele sozinho se encarrega de produzir, conforme relatou em conversa informal, porém não parece muito à vontade para confirmar isso durante a entrevista.

Como podemos observar, a comunidade que trabalha com fogos é muito heterogênea no que tange à escolaridade, abarcando tanto aqueles que concluíram o ensino médio quanto aqueles que não possuem escolaridade. Todos desempenham tarefas na produção de fogos. No que se refere ao nível socioeconômico, observamos que o poder aquisitivo concentra-se entre os proprietários ou administradores da fábrica, os chamados *fogueteiros* ou *donos de tenda*, e os que revendem os produtos manufaturados. São eles que geralmente estabelecem contato com pessoas de outras localidades ou de outros estados para compra e venda de produtos.

### 3 Os fogos: origem e trajetória

Os fogos de artifício têm sua origem na China, há mais de dois mil anos, a partir do descobrimento do salitre ou nitrato de potássio, uma das matérias-primas básicas para a fabricação da pólvora. Durante o período em que se construiu a Muralha da China, o salitre foi usado para emitir sinais de fumaça que serviam como meio de comunicação, mas este logo passou a compor a pólvora, juntamente com o carvão e o enxofre. Ainda muito rudimentares, inicialmente, os fogos, que eram muito utilizados em comemorações, só produziam ruídos, como as conhecidas *bombas* de São João. Estas eram usadas também para espantar os maus espíritos através do seu barulho e brilho.

Outros povos, que também tomaram conhecimento da pólvora, contribuíram para que esta arte se transformasse nos espetáculos que conhecemos hoje em dia. Na Idade Média, a Europa e a Ásia passaram a produzir seus próprios fogos. De acordo com Okada (2000), foi em Florença, na Itália, que se registrou pela primeira vez a queima de fogos de cores, durante a festa dedicada a São Geovani, no século XIV. Para conseguir as diferentes cores, foram utilizados diferentes elementos químicos: para a cor amarela, o sódio; para o azul esverdeado, o cobre; para o branco metálico, o magnésio; para o vermelho, o cálcio; para o vermelho carmim, o estrôncio; para o verde, o bário; para o violeta, o potássio.

Para incrementar essa arte, o rei Carlos V, da Inglaterra, contratou um artesão especialmente para produzir fogos do ar, os quais deveriam ser disparados a partir de um barco flutuando no rio Tâmis, sempre por ocasião de grandes celebrações. Já no século XVII, o rei James criou uma instituição de pesquisa dedicada ao desenvolvimento dos fogos artificiais. Assim, a partir daí, tornou-se tradição usá-los para comemorações de vitórias e em datas religiosas.

Há muita controvérsia no que se refere à introdução dos fogos no Brasil: alguns afirmam que existem registros de espetáculos pirotécnicos realizados pelos portugueses logo após o descobrimento; Benjamin e Araújo (1987) afirmam que, provavelmente, os fogos só foram introduzidos no Brasil no São João de 1603, conforme daria notícia Frei Vicente de Salvador; ainda segundo eles, no século XVII, quando houve uma escassez de produtos em Pernambuco, o governador determinou que a venda de farinha de mandioca seria feita somente na praça do Polé, às 11 horas, quando os agentes do governo soltassem um foguete. Por isso, essa farinha passou a ser denominada *farinha-de-foguete*.

Cascudo (1980), referindo-se aos foguetes, informa que estes foram introduzidos nos finais do século XVII, sendo utilizados em festas religiosas. Certo é que os europeus, portugueses, holandeses, espanhóis e italianos, introduziram a técnica e arte de fabricar fogos no Brasil e estes se tornaram uma tradição, principalmente no Nordeste. De acordo com Maria Graham (1821) (*apud* CASCUDO, 1980), a despesa anual do Brasil em fogos era considerável nessa época; além de produzi-los, o Brasil também os importava das Índias Orientais e da China.

No que se refere à introdução dos fogos no Recôncavo da Bahia, região que concentra um grande número de fábricas artesanais, não encontramos informações. Sobre a tradição da queima de fogos no período junino, em *Matas do sertão de baixo*, obra que trata do povoamento da região do Jaguaripe, em fins do século XIX, o santo-antoniense Isaias Alves, descrevendo a festa do São João de 1897 numa fazenda, informa sobre a preparação de *foguatório* para a noite, com *busca-pés*, *rodinhas*, *traques*, *chuvinhas*, *fósforos de cor*, *lápiz do Japão* e *estrelinhas*, que são fogos para crianças, bem como os *chuveiros* e *pistolas*, manuseados pelos adultos.

### 3.1 Os fogos em Muniz Ferreira

A tradição da queima de fogos, que atravessou séculos, até hoje, é imprescindível em todo tipo de comemoração e festas religiosas, principalmente durante o mês de junho, época em que a fabricação de fogos é mais intensa devido à grande procura, por causa das festas de Santo Antônio, São João e São Pedro. Nas festas de final de ano, também há uma certa demanda, porque se costuma comemorar a entrada do novo ano com os espetáculos pirotécnicos.

Em Muniz Ferreira, os fogos são utilizados com diversas finalidades, além dessas: comemorar vitórias de time de futebol ou de políticos, em inaugurações, em saída e chegada de romeiros, etc. Um das tradições dos fogueteiros da cidade é anunciar a entrada do mês de junho com grande queima de fogos. Assim, à meia-noite do dia 31 de maio, todos os anos, a comunidade é despertada com os tiros de bomba e, principalmente foguetes. A cada ano, entretanto, observa-se que, devido à crise na produção de fogos, há uma considerável redução dos fogos queimados.

Embora a comunidade já tenha experiência de mais de meio século na confecção de fogos, pouco ou quase nada houve de avanço no que se refere às técnicas e aos instrumentos empregados nos processos de fabricação. De acordo com as declarações dos informantes, não houve modernização dos produtos, os quais continuam tendo as mesmas formas que tinham há mais de quarenta anos. Dessa forma, a produção é totalmente artesanal, contando com instrumentos rústicos inventados pelos próprios membros da comunidade.

Na seção seguinte, apresentaremos alguns dos processos empregados na confecção de fogos em Muniz Ferreira.

### 3.1.1 Processos comuns a todos os tipos de fogos produzidos na localidade

O *corte de papel*, a *enrolação* e a *preparação da pólvora* são processos necessários para a confecção de todos os fogos. O *papel* e o *papelão* são materiais básicos para a produção dos fogos, pois, com eles, são confeccionadas as cápsulas dos artefatos, com exceção da cápsula do foguete, que é feita de bambu. Por isso, logo após os festejos juninos, assim que apuram os lucros das vendas, entre os meses de agosto e dezembro, os *fogueteiros* iniciam as compras desses materiais e procuram os *cortadores de papel* para execução do trabalho.

A técnica empregada nesse trabalho é ainda muito primitiva. Para tanto, o trabalhador dispõe de uma tábua quadrada onde arma um quadrado com ripas bem finas de madeira, uma *faca de ponta*, um cepo e cordão para amarrar os milheiros de papel cortado, os quais são levados, pelo dono do trabalho, para a casa da *enroladeira*, devidamente arrumados em sacos de náilon.

Para a enrolação, dependendo do artefato, a enroladeira usa *papel* e/ou *papelão*, *forma(ô)*, *goma* e *escova*. Os cartuchos da *bomba* e da *chuvinha* são *enrolados* no tamanho em que serão utilizados. Já os demais são *enrolados* em tamanhos maiores e, só depois, são cortados, de acordo com o tamanho do artefato. A *enrolação* dos cartuchos é um dos trabalhos mais leves na confecção dos fogos, por isso são as mulheres que normalmente “tomam papel para enrolar”. Geralmente a *enroladeira* faz os cartuchos em casa, na mesa da cozinha ou em algum anexo da casa. Após abrir o *milheiro de papel* (Ver Anexo IV Fig. 03 ) na mesa, ela o espalha gradativamente usando a *forma(ô)*, demarcando as pontas onde será passada a *goma*. Com a *escova*, ela passa a *goma* e, antes que esta seque, envolve a ponta limpa do *papel* na *forma* e vai fazendo os *rolinhos*. Apenas na *enrolação da bomba*, coloca-se um pedacinho de papelão, a *cartolina*, no meio do *papel* para dar-lhe mais firmeza; na enrolação dos demais se usa apenas ou *papel* ou *papelão*, além dos outros materiais.

No que se refere à *bomba chilena* e à *chuvinha*, esse processo envolve ainda a *amarração* ou *fechamento do fundo* do cartucho. Para a referida *bomba*, a *enroladeira* tem que *amarrar o fundo* com *cordão encerado*; esse fundo fica demarcado pela própria *cartolina*, sendo ele a parte em que esta não se encontra. Os cartuchos vão sendo, nesse processo, *empencados* e, por isso, há necessidade de separá-los depois, ao que se denomina *corte/cortação de fundo*. Para a *chuvinha*, a *enroladeira* tem que virar a borda de uma das extremidades do *canudo* para o interior deste, fechando-o. Para os demais artefatos, esse processo constitui apenas em fazer os rolinhos de papel. Os cartuchos das *bombas* são arrumados em sacos; os demais são arrumados em feixes para serem transportados.

A *pólvora* dos fogos é feita na *tenda*, sobre uma mesa firme, forrada com um plástico ou papelão. Para a carga explosiva que produz estampido, o *fogueteiro* utiliza *clorato*, *alumínio*, *enxofre* e *sulfureto*. Para a carga explosiva que impulsiona os fogos para o alto, ele utiliza o *salitre*, o *enxofre* e o *carvão*, preparado pelo próprio *fogueteiro* com madeira fofa, como a *imbaúba* ou *corana*, num *fornozinho* improvisado perto do seu local de trabalho. No caso dos fogos que produzem efeitos de chuva, como o *vulcão*, o *esputinique* e a *chuvinha*, é utilizado o *alumínio prata*. Todos os ingredientes são devidamente pesados pelo *fogueteiro*, que usa uma peneira plástica para sessá-los. Depois estes são misturados, constituindo a *pólvora*.

### **3.1.2 Processos específicos de alguns tipos de fogos**

O *enchimento de roda*, a *enfiação de palito*, a *escorva de palito*, a *amarração*, *enrolação de estalo*, o *embuchamento*, a *brocagem*, o *enflechamento*, o *batimento* e *enchimento de chuvinha* e o *encaixamento* são os processos peculiares a determinados tipos de fogos.

Para a confecção das *bombas chilenas*, depois da *enrolação* das *caixas*, procede-se ao *enchimento de rodas*, que pode ser realizado em casa, pois não oferece perigo, e que consiste

em mais uma das tarefas femininas. O dono da *tenda* se encarrega de transportar as *caixas* enroladas para a casa da *enchedeira*, bem como as *rodas* em que serão acomodadas.

Para a execução dessa tarefa, a *enchedeira* dispõe de uma *roda*, espécie de aro feito com chapa de madeira, sobre um suporte quadrado de madeira. Enquanto estão sendo preenchidas, as *rodas* vão sendo empilhadas ao lado da mesa, onde normalmente também se encontra o saco de náilon cheio de *caixas* que vão sendo despejadas aos poucos sobre a mesa.

Chegando à *tenda*, o *fogueteiro* se encarrega de encher as *caixas* de *pólvora*. Para isso, ele coloca a *pólvora* na *raque*, peça oval com cabo de madeira, e *emborca a roda* sobre esta; em seguida, vira-a, fazendo a *pólvora* cair nas *caixas*. De acordo com os *fogueteiros*, a invenção da *roda* facilitou muito esta tarefa, pois antigamente as *caixas* eram enchidas uma a uma pela *enchedeira de bomba*, que usava apenas uma *paleta* e o *tabuleiro*, em que *arrumava* as *caixas*, mas isso causava desperdício de tempo e material.

Para produzir o estopim da *bomba chilena* e do *estalo*, é necessário inicialmente enfiar o *palito branco* na *tabela*. Simultaneamente aos demais processos, o dono da *tenda*, então, se encarrega de levar as *tabelas* e as *caixas* de palito para a casa da *enfiadeira*, a fim de aprontá-los antes de iniciar os processos restritos à *tenda*.

Quando os palitos enfiados na *tabela* chegam à *tenda*, o *escorvador* começa a preparar a mistura para fazer a *escorva*: a *massa de palito*. Para esse processo, ele usa a *palheta* e uma bacia onde são misturados o *clorato*, o *enxofre*, o *óxido de ferro*, a *goma-laca* e o *álcool*.

A *amarração* é um processo peculiar à confecção da *bomba chilena*, sendo realizada apenas na *tenda*. É uma atividade que se intensifica na localidade nos meses de março a junho, quando há maior procura do artefato, em função da aproximação das festas juninas.

Para *amarrar* as *bombas*, o trabalhador precisa inicialmente *encerar o cordão*, portanto, ele dispõe de dois pregos ou tocos de madeira afixados numa mesa, a *banca*, com espaço de 20 cm entre eles. Ele vai passando a *cera* no *cordão* e envolvendo nos pregos; após encher o

prego, ele senta-se à *banca*, abre a *roda cheia*, coloca uma porção de *palitos escorvados* ao lado; com o cordão encerado à sua frente, ele pega o *palito escorvado* e coloca-o na *boca* da *caixa*, apertado e amarra-o, deixando apenas ponta do *palito* à mostra e, assim forma o *bico* da *bomba*. Ao amarrar cada *bico* da *bomba* ele também une uma à outra, formando uma corrente de bombas que é assim guardada durante a semana. Na sexta-feira, ele a corta, separando cada *bomba*; conta os milheiros e empacota, entregando toda a produção ao dono. À medida que o trabalhador vai pegando as *bombas* para *amarrar*, o resíduo da pólvora vai ficando sobre a *banca*, o que deixa as suas mãos impregnadas da substância.

A *enrolação* de *estalo/traque* também é uma tarefa executada na *tenda*, pois nela há manipulação de explosivos: a *pólvora* e o *palito escorvado*. Apesar disso, por não exigir muita força, é realizada apenas por mulheres.

Sentadas a uma mesa, elas abrem o milheiro de papel e passam a goma nas pontas deste; colocam um recipiente com água, uma porção de *palitos escorvados* e a pólvora sobre um pedaço de papelão. Inicialmente, elas pegam o *palito* e molham-no na água, depois passam-no na *pólvora* que é absorvida facilmente; por fim, elas envolvem o *palito* no papel, enrolando-o até fechá-lo, fixando a parte em que passaram a goma.

À medida que vão enrolando, os *estalos* vão sendo depositados numa caixa de papelão. No dia seguinte, são expostos ao sol para secar. Se um dia de exposição não for suficiente para que ele fique bem seco, a operação se repete no outro dia. Se o *estalo* ficar úmido, ele poderá *bufar*, causando prejuízo ao dono da *tenda*.

O *embuchamento* é um processo inerente à confecção do *traque* e da *bomba de barro*, do *foguete*, do *foguetezinho*, do *besourinho*, do *vulcão* e do *esputinique*. Nesses dois últimos, o *embuchamento*, que é feito com papel, sucede à colocação da *pólvora*; nos primeiros, o *embuchamento* é feito com barro e antecede a colocação desta.



Os *canudos*, previamente cortados em tamanho de 5 a 6 cm, são arrumados em pequenos feixes e amarrados com elástico para, em seguida, serem *embuchados*. Geralmente, a esposa e os filhos do dono da tenda se encarregam dessa tarefa, exceto no caso do foguete, que exige mais força. Para tanto, é preciso *tirar o barro* e colocá-lo para secar; depois tem que pisá-lo e sessá-lo. Com uma marreta, o trabalhador vai socando o *barro* no *canudo* até comprimi-lo. Para o *foguete*, o procedimento é o mesmo, porém a cápsula é feita de bambu e é maior, por isso é uma tarefa masculina.

No caso do *vulcão* e do *esputinique*, depois de colocar a *pólvora*, o *fogueteiro* utiliza sobras de papel fino e soca no fundo do *tubo* com um *soquete* de madeira, de forma que a carga fique bem segura.

Depois do *embuchamento* com barro, o *fogueteiro* procede à *brocagem* do barro, a fim de preparar o orifício em que será depositada a pólvora. Para *brocar*, ele usa um instrumento por ele mesmo adaptado: corta as hastes de uma sombrinha velha e introduz num pedaço de madeira. Com este instrumento que denomina *broca*, ele vai *mexendo com o ferro* até atingir o tamanho exato do orifício, em que será depositada a carga. Para os fogos que se ascendem, coloca-se primeiro a pólvora que dá impulso ao artefato, composta por carvão e salitre; depois, coloca-se a pólvora que provoca o estampido.

No que se refere ao *foguete*, o processo é o mesmo, no entanto, na *broca* se deposita apenas a carga responsável pela propulsão do artefato, visto que este possui outro compartimento, a *cachopa*, para acondicionar os tiros.

Os chamados *fogos de subida*, como o *foguete* e o *fogueteinho*, necessitam de algum componente que lhe dê sustentação ao subir. Portanto, depois de preparada a parte explosiva do *foguete*, o *fogueteiro* tem que “ir pro mato” à procura de “cana brava”, “carrapicho” ou “aticum” para fazer a *flecha do foguete*, componente que é amarrado à peça explosiva.

O *enflechamento* é a etapa final no processo de confecção do *foguete* e do *foguetezinho*. Muito simples, consiste apenas em amarrar a haste à peça explosiva com cordão. Assim, sentado em um banco, com uma pilha de *flechas* ao lado, as peças do outro, o cordão e uma faca em mãos, o trabalhador une a peça à parte mais grossa da *flecha* e a amarra nas duas extremidades.

Os *canudos* das *chuvinhas* chegam à *tenda* em feixes amarrados com cordão. Antes de receber a *pólvora*, procede-se ao batimento das *chuvinhas*, que consiste em encher de *pó-de-serra* os *canudos* pouco acima do meio. Para tanto, o *fogueteiro* coloca o *pó-de-serra* para secar ao sol com antecedência, para depois sessá-lo numa peneira grossa, a fim de refiná-lo. Estando limpo e seco o pó, o *fogueteiro* enche os *canudos*. Conforme vão enchendo, os *canudos* vão pesando, o que ajuda no batimento. Depois de encher todos os feixes de *canudos* com o *pó-de-serra*, é preciso enchê-los com a *pólvora* até a boca. Esta *pólvora* é umedecida com água para fixar-se no *canudo*; por fim, para vedar a boca da *chuvinha*, o *fogueteiro* vira o feixe, mergulhando-o numa composição feita com *goma-laca*, *álcool* e *óxido de ferro*, formando uma espécie de *escorva*, a que denominam *cabeça da chuvinha*.

Depois de confeccionados, as *chuvinhas* e os *estalos* são *encaixados* para serem vendidos. O processo de *encaixamento* dos *estalos* é muito simples, porque o *fogueteiro* compra as caixinhas de papelão já prontas e a *encaixadeira* apenas faz a montagem, fechando o fundo das mesmas, à medida que vai contando cinqüenta unidades de *estalos* e colocando em cada caixinha. No final desta etapa, ele embala vinte caixinhas, formando pacotes de um milheiro de *estalos*.

O *encaixamento* das *chuvinhas* é mais trabalhoso, pois o invólucro é confeccionado à medida que estas vão sendo *encaixadas*. Para isso, a *encaixadeira* dispõe de uma forma(ô) quadrada de madeira, papel celofane de cor, o rótulo e a *goma*.

As ações que correspondem a esses processos serão abordadas mais detalhadamente no capítulo 5, em que trataremos da análise do léxico.

## 4 Fundamentação teórica

Para a realização deste trabalho procuramos nos orientar pelos princípios teórico-metodológicos da Dialectologia e da Sociolingüística. Tais disciplinas, tendo a diversidade da língua como objeto de investigação, de acordo com Silva-Corvalán (1988, p. 8),

se han considerado hasta cierto punto sinónimas em cuanto a que ambas disciplinas estudian la lengua hablada, el uso lingüístico y establecen las relaciones que se dan entre ciertos rasgos lingüísticos y ciertos grupos de individuos.<sup>4</sup>

No que tange à estruturação e categorização do léxico, bem como à sua dimensão semântica, orientamo-nos pelo pressupostos teóricos da Lexicologia, bem como por alguns conceitos defendidos por Pottier (1978) e Coseriu (*apud* GECKELER, 1976). Para a compreensão dos limites que definem a Etnolingüística, valemo-nos dos pressupostos teóricos desenvolvidos por Coseriu (1978) e Velarde (1991).

A seguir, apresentaremos algumas questões em torno dessas áreas interdisciplinares.

### 4.1 O léxico e sua estruturação

O estudo sistematizado do acervo lexical de grupos de realidades diversificadas tem sua origem desde a antiguidade clássica. A investigação do léxico foi inicialmente tratada pela Lexicologia e pela Lexicografia, porém a finalidade de ambas era apenas descrever esse léxico. Embora, às vezes, seja confundida com a Lexicografia, a Lexicologia difere-se desta

---

<sup>4</sup>“se tem considerado até certo ponto sinónimas uma vez que ambas as disciplinas estudam a língua falada, o uso lingüístico e estabelecem as relações que ocorrem entre certos traços lingüísticos e certos grupos de indivíduos”. [Tradução nossa].

por aplicar-se mais intensamente à investigação do léxico. A Lexicologia, como bem afirmam Oliveira e Isquierdo (2001, p. 9-10), *ocupa-se dos problemas teóricos que embasam o estudo científico do léxico*, enquanto a Lexicografia *está voltada para as técnicas de elaboração dos dicionários, para o estudo da descrição da língua feita pelas obras lexicográficas*.

Em sentido amplo, o léxico corresponde ao vocabulário de uma língua, ao elenco de palavras de uma língua. Em sentido estrito, é o conjunto de entradas lexicais de uma língua, altamente criativo e dinâmico, porém regido por regras. De acordo com Biderman (2001, p.179), o léxico *constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos*. É o resultado da experiência acumulada pela sociedade e do seu acervo cultural ao longo dos anos, sendo perpetuado e reelaborado continuamente pelos membros dessa sociedade, os *sujeitos-agentes*.

De acordo com Martinet (1975), em decorrência das necessidades comunicativas de cada grupo, aliadas ao progresso intelectual, social e econômico, a língua encontra-se em constante mutação, tendo, por natureza, um caráter dinâmico, e o léxico é o nível da língua que mais reflete esse aspecto, pois, com o advento de novas tecnologias, surgem também novas lexias para designar as novas funções, as técnicas e os produtos introduzidos em cada grupo social. Em contrapartida, muitas lexias também entram em desuso ou são substituídas por outras. Sendo ele o nível da língua mais passível de mutações, devido às constantes mudanças sociais e culturais, nesse processo de reelaboração, muitas lexias se contraem ou entram em desuso, chegando até mesmo ao desaparecimento, ao passo que muitas delas também podem voltar a aparecer, apresentando uma nova conotação. Os fatores extralingüísticos concorrem para tal fenômeno, mas não são eles os únicos que determinam a constituição e a alteração do léxico. Existem muitas lexias cujo significado é *transparente* ou *motivado*, mas existem outras cujo significado é totalmente arbitrário, convencionado pelo grupo social. Estas são chamadas convencionais. De acordo com Ullmann (1973), as lexias são motivadas de três formas: pelos sons, pela estrutura morfológica ou pelo seu fundo semântico. É o que ocorre com as

onomatopéias, as derivações, as composições e as expressões figuradas da linguagem (metafóricas – baseadas em alguma semelhança entre nome e objeto ou metonímicas – baseadas em alguma conexão interna).

No que tange à semântica, muitas lexias podem perder sua motivação ao longo do tempo, outras podem apresentar diferenças por estarem relacionadas a formas variantes. Para Ullmann (1973), o sentido figurado de uma lexia poderá perder sua motivação se o sentido literal cair em desuso. Como exemplo, ele toma a palavra francesa *tête* (cabeça), originada do latim *testa* (panela, cântaro, casca), que se constituía em metáfora no latim vulgar; desaparecendo o significado primitivo, *tête* (cabeça) tornou-se opaca e atualmente possui outros sinônimos como *poire* (pêra) e *citrouille* (abóbora). Assim, conforme Ullmann, existe uma *força impulsora* no desejo do falante em “avivar” a lexia que se tornou opaca. Portanto, uma palavra opaca pode adquirir a motivação através da etimologia popular, sendo, dessa forma, mais *psicológica* que *histórica*, por basear-se na associação entre som e sentido, não se relacionando com os fatos de etimologia científica. A motivação, nesse caso, pode afetar o significado de uma lexia, mas não a sua forma; pode alterar a sua forma, mas manter o seu significado ou afetar tanto a forma quanto o seu significado.

A motivação para a mudança pode surgir da necessidade de um novo termo para designar uma idéia ou objetos novos. O falante, então, pode formar uma palavra a partir de elementos já existentes, importar um termo de língua estrangeira ou alterar o significado de uma palavra “antiga”. Essas mudanças são perceptíveis através da história das descobertas científicas e tecnológicas, o que confirma a relação entre o progresso científico e tecnológico e a expressão lingüística representativa dessa realidade.

A origem do léxico encontra-se na própria ação dos falantes sobre a sua estrutura semântica, a partir do momento em que estes atribuem sentidos peculiares às lexias, tornando possível sua criação e conservação. A aprendizagem do domínio do léxico é uma atividade

contínua, sendo o léxico gradualmente incorporado à língua, mediante os atos cognitivos da realidade e de categorização da experiência dos falantes. Dessa forma, para Ullmann (1973), ao investigar o significado das lexias devemos partir inicialmente do uso que os falantes fazem dessas. Ele sugere a seleção de um número adequado de contextos, dos quais deverão surgir os significados.

Enquanto ciência do léxico, constituem tarefas principais da Lexicologia estudar sua estruturação, funcionamento, mudança e variações, bem como delimitar e definir a palavra. Porém, ao tentar cumprir essas tarefas, os lingüistas se deparam com diversos obstáculos, visto ser o léxico um sistema aberto e em constante expansão, sendo muito complexas sua sistematização e formalização em regras. Por ser altamente dinâmico, torna-se difícil o domínio e a descrição total do léxico.

No que concerne ao estudo da palavra, objeto da Lexicologia, Biderman (2001) salienta a importância de se considerar o eixo paradigmático e o eixo sintagmático, coordenadas básicas, de cuja conjugação, segundo ela,

resulta a complexidade das redes semântico-lexicais em que se estrutura o léxico, evidenciando como a palavra inserida numa cadeia paradigmática se articula em combinatórias sintagmáticas, gerando um labirinto infundo de significações lingüísticas.  
(BIDERMAN, 2001, p.16)

As tarefas de definir e delimitar a palavra têm sido, para os lingüistas, umas das mais complexas. Ainda não há, entre eles, um consenso no que se refere a uma definição de palavra com valor universal, muitos deles apresentando inclusive posições radicais com relação a esta. A teoria gramatical clássica sempre considerou a palavra uma unidade operacional básica. Tradicionalmente, a morfologia (estudo da estrutura interna da palavra) e a sintaxe (estudo da combinação dos vocábulos em orações) se fundamentaram nesse pressuposto. Mas o

conceito desta tem gerado muitas inquietações ao longo dos tempos, originando várias posições radicais. Muitos até sugeriram que o termo fosse banido totalmente da lingüística ou que fosse substituído; Bloomfield, Hockett e Harris (*apud* BIDERMAN, 2001), por exemplo, em seus estudos, ignoram a palavra, situando o morfema como o elemento básico da análise lingüística.

Até certo ponto, o conceito de palavra pode ser elucidado, segundo Biderman, através da teoria relativista Sapir-Whorf, de acordo com a qual

cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e léxicas. (BIDERMAN, 2001, p. 109).

Assim,

Se cada língua recorta a realidade diferentemente e molda essa realidade em categorias lingüísticas e mentais que lhe são exclusivas, então o conceito de palavra não pode ter um valor absoluto. (BIDERMAN, 2001, p.114).

Nessa perspectiva, sendo a palavra uma unidade psicolingüística que se concretiza no discurso com uma individualidade, situando-se entre o morfema e o sintagma, apenas no interior de cada língua ela pode ser identificada, delimitada e conceituada.

Para delimitar e definir a palavra, os lingüistas podem lançar mão de três critérios: a) o fonológico, em que a palavra se caracteriza imperfeitamente como seqüência fonológica recorrente ao mesmo significado; b) o gramatical (morfofossintático), no qual dois critérios atuam simultaneamente: a classificação gramatical da palavra, em função de seus marcadores e a função exercida por ela na sentença; c) o semântico, através do qual se identifica a unidade léxica expressa no discurso, visto que não se pode analisar uma forma léxica esvaziada de sua significação. Assim, para determinar as unidades léxicas, faz-se necessário operar com os três



critérios. Como alguns se detêm apenas em um só critério, o termo palavra tem gerado definições diversas. No entanto, uma das mais antigas definições que reúne os três critérios é a de Meillet (1926, p. 30) (*apud* ELIA, 1997), que afirma ser uma palavra definida *pela associação de um dado sentido a um dado conjunto de sons susceptível de um dado emprego gramatical*.

Para designar a unidade lexical, o lingüista francês Bernard Pottier (1978) propôs o termo *lexia*. De acordo com sua teoria, a palavra, menor unidade lexical, é denominada *lexia simples*. Corresponde à “palavra” tradicional em vários graus: *cadeira, para, comia, a*. Uma *lexia simples* pode se combinar com outra, unindo-se por hífen e formar outra unidade lexical, que Pottier denomina *lexia composta*. Este tipo de *lexia* é definido por ele como *o resultado de uma integração semântica, a qual se manifesta formalmente: saca-rolha, verde-garrafa, rés-do-chão*. Nesse grupo, ele inclui os termos derivados ou compostos por prefixação, exemplificando com *garfete, remanejar, rematar*. Pottier salienta ainda que toda uma seqüência pode integrar-se formando um novo item lexical, como ocorreu com o português “em si mesmo” e o espanhol “por Dios!” que originaram, respectivamente, *ensimesmarse* e *pordiosear*. Um outro tipo de *lexia* proposto por ele é a *lexia complexa*, compreendida como uma seqüência de palavras, separadas por espaços, sem hífen, em via de lexicalização, em graus diversos, como *a guerra fria, um complexo industrial, tomar medidas, sinal vermelho*. Entre estas estão as siglas, consideradas por ele como casos particulares de *lexias complexas*:

Caso uma *lexia* seja longa e de uso corrente, acabamos memorizando apenas alguns elementos; as iniciais S.N.C.F. (Société Nationale des Chemins de fer Français), RFF (Rede Ferroviária Federal), ou então as primeiras sílabas: Hidronor (Hidroelétrica Norpatagónica). A sigla pode tornar-se um novo lexema de um idioma:

“Confederação geral do trabalho”  
 → C.G. T. → CGT → cegetista. (POTTIER, 1978, p. 270).

Há ainda, segundo Pottier (1978), um tipo de *lexia complexa* que pode atingir o nível de um enunciado ou de um texto, a que ele denomina *lexia textual*. As tiradas, os provérbios e as charadas incluem-se nesse grupo.

Para verificar se uma seqüência é uma *lexia complexa* e/ou uma seqüência discursiva variável, Biderman propõe os testes de substituição e de inserção. O primeiro consiste em, ao se considerar uma seqüência discursiva como unidade léxica, verificar se é possível substituir um de seus componentes sem alterar-lhe o sentido; não sendo possível, trata-se de uma *lexia complexa*:

Em seqüências como as saudações *bom dia* e *boa noite* não podemos substituir o primeiro vocábulo por um outro adjetivo mais ou menos sinônimo, dizendo: *ótimo dia* e *ótima noite*, por exemplo. Por conseguinte, tudo leva a crer que *bom dia* e *boa noite* já estão lexicalizados como *lexemas*. (BIDERMAN, 2001, p. 172).

O segundo teste consiste em verificar se uma seqüência discursiva permite a inserção de um termo sem que esta perca seus traços:

Numa seqüência como *dor de cabeça* não diremos *dor* “terrível” *de cabeça* mas “terrível” *dor de cabeça*, ou *dor de cabeça* “terrível”. Também não se diria *capa* “bonita” *de chuva* mas *capa de chuva* “bonita”. Tampouco se poderia inserir um advérbio em meio aos constituintes de *mercado negro*, resultando: *mercado* “muito” *negro*. Portanto, o teste de inserção demonstra que estão lexicalizados: *dor de cabeça*, *capa de chuva* e *mercado negro*. (BIDERMAN, 2001, p. 172).

Neste trabalho, adotamos os critérios estabelecidos por Biderman (2001, p. 172) para distinção das unidades lexicais, bem como a proposta de Pottier para a classificação destas.

## 4.2 O campo léxico

A totalidade do léxico de qualquer língua é constituída por um conjunto de lexias que mantêm entre si diferentes tipos de relações. Cada elemento desse conjunto pode manter uma relação semântica de oposição direta com um determinado número de lexias e formar com elas classes mais ou menos hierarquizadas e homogêneas. Trata-se de uma estrutura paradigmática, composta de itens lexicais que compartilham uma zona de significação comum e que se encontram em oposição imediata uns com os outros, a qual se denomina campo léxico.

De acordo com Geckeler (1976), a noção de campo já se encontra presente nos estudos lingüísticos desde o século XIX, com Humboldt, que considerava a *articulação* a característica mais geral e mais profunda de toda a língua. Segundo Geckeler (1976), outros lingüistas, como Ipsen (1924), Jolles (1934), e Porzig (1934) também propunham um conceito de campo em seus trabalhos, mas o trabalho de Trier (1931) é o de maior importância na Semântica moderna.

Determinar e descrever a estrutura do significado léxico de uma dada língua cabe à semântica estrutural ou lexemática. A semântica estrutural tem como objeto de estudo as estruturas léxicas de conteúdo, manifestadas em campos conceituais. Por estrutura entendem-se as oposições distintivas, portanto o objeto da semântica estrutural são as *oposições distintivas léxicas de conteúdo*.

As estruturas de conteúdo (significado) léxico são denominadas estruturas lexemáticas. Para identificá-las, é preciso distinguir relações de significação e relações de designação. Nas primeiras, se tratam de relações entre os significados dos signos (palavras) e nas segundas, de relações entre os signos e os objetos. Geckeler (1976) considera indispensável, para a compreensão da teoria do campo léxico, esclarecer as noções de *significação* e de *designação*.

Para ele, a *significação* é um conceito relacional que se define como relações no plano do conteúdo, relações entre significados, visto que os lexemas funcionam em campos léxicos. A relação de signos lingüísticos, em sua totalidade com objetos da realidade extralingüística, refere-se, segundo ele, à *designação*.

São várias as distinções entre *significação* e *designação* apontadas por Geckeler (1976), como:

- 1) aparentemente apenas as relações de significação são estruturáveis;
- 2) enquanto a designação de determinado objeto é um fato do discurso, a significação é um ato da língua;
- 3) na perspectiva sincrônica, as relações de significação são invariáveis, enquanto as da designação concreta são variáveis;
- 4) enquanto a designação pode ser metafórica, a significação, do ponto de vista sincrônico e distintivo, não pode.

Essas distinções encontram fundamentos em Coseriu (1967) (*apud* GECKELER, 1976). Para ele, a *designação* por meio da língua constitui algo secundário, só sendo possível por meio da *significação*, a qual pode ser considerada a virtualidade da *designação*. Trata-se, então, de funções lingüísticas diferentes, visto que, enquanto a significação é conceitual, a designação é material. Assim, segundo Geckeler (1976), é por meio das relações designativas que se chega às relações significativas e, nesse pressuposto, devemos fundamentar o estudo das *estruturas léxicas*.

A semântica estrutural do léxico estuda exclusivamente a estruturação das relações de significação, ou seja, trata de distinguir o que pertence e o que não pertence à estrutura semântica enquanto estrutura do significado. Sendo estrutura a forma das relações entre os

significados léxicos no léxico de uma língua, é possível distinguir dois tipos de relações estruturais: relações paradigmáticas e relações sintagmáticas. As paradigmáticas são opositivas e as sintagmáticas são combinatórias.

A teoria do campo léxico constitui uma proposta para tratamento do significado lexical, desenvolvida por Trier (*apud* GECKELER, 1976), partindo da idéia de língua como sistema e da articulação como característica essencial de toda língua. De acordo com ele, o vocabulário de um estado sincrônico de língua é uma totalidade semanticamente articulada em campos léxicos, que podem estabelecer entre si uma relação de coordenação ou hierarquia e que representam *um todo articulado*, uma estrutura. Em um campo léxico, cada palavra adquire sua determinação conceitual a partir da estrutura do todo, dependendo o seu do significado de suas vizinhas conceituais. Cada item lexical é compreendido mediante a existência mental do campo, dos conjuntos articulados, em que cada elemento mínimo está, geralmente, em relação com o todo, mas não de maneira imediata, devido à existência de uma escala de sistemas superpostos.

De acordo com Coseriu (*apud* GECKELER, 1976, p. 232), um campo léxico é assim definido:

Un campo léxico es, desde el punto de vista estrutural, un paradigma léxico que se origina por la distribución de un continuo de contenido léxico em diferentes unidades, dadas en la lengua como palabras, que estan reciprocamente en oposicion inmediata mediante rasgos distintivos de contenido simples.<sup>5</sup>

Para Geckeler, a concepção de campo léxico proposta por Coseriu (1967) não se opõe completamente à concepção de Trier. Na verdade, trata-se de uma ampliação na linha

---

<sup>5</sup> “Um campo léxico é, do ponto de vista estrutural, um paradigma léxico que se origina pela distribuição de um contínuo léxico em diferentes unidades, dadas na língua como palavras, que estão reciprocamente em oposição imediata mediante traços distintivos de conteúdo simples”. [Tradução nossa].

estrutural da teoria, a partir da introdução de uma terminologia coerente e, principalmente, do emprego de um método que repousa em bases lingüísticas.

Os conceitos fundamentais pertencentes ao campo léxico apontados por Coseriu (1967) são *arquilexema*, *lexema* e *sema*. O *arquilexema* é uma unidade que corresponde a todo o conteúdo de um campo léxico, que, por sua vez, pode ou não estar expresso como uma unidade léxica. Trata-se de um item lexical que reúne o conjunto de semas pertinentes e comuns a diversos itens lexicais. *Refeição*, por exemplo, é um arquilexema para o campo composto por *café-da-manhã*, *lanche*, *merenda*, *almoço*, *jantar*, *ceia*. O *lexema* é, do ponto de vista do conteúdo, toda a unidade dada na língua como palavras simples. *Semas* correspondem aos traços semânticos distintivos (mínimos) na análise do conteúdo. Um dos traços distintivos para os componentes do campo léxico das refeições é *ingere-se diariamente em horários regulares*.

Neste trabalho, organizamos os itens lexicais de acordo com a concepção de campo léxico apresentada por Coseriu (1967), visto que os itens assim distribuídos permitem-nos deduzir as relações estabelecidas entre cultura, língua e sociedade, bem como expressam os valores de um determinado grupo social e as relações estabelecidas no meio em que vivem os membros desse grupo.

### **4.3 Língua, espaço, cultura e sociedade**

A linguagem está presente em todas as atividades humanas. Além de sua função principal de estabelecer comunicação entre os homens, ela é responsável pela sistematização de suas experiências em relação aos fenômenos do mundo. A sociedade se constitui através da linguagem. É por meio dela que o homem transmite tudo que aprendeu, conheceu ou

experimentou a outras gerações. Portanto, ela é responsável pela transmissão de todo o acervo cultural acumulado pela humanidade durante séculos.

As questões relacionadas à linguagem sempre despertaram o interesse dos homens que, desde a Antigüidade, já empreendiam sérias discussões a respeito da organização da linguagem e seus constituintes. Tais discussões continuaram e continuam, sob outras perspectivas, a serem empreendidas até os dias atuais. No século XX, havia uma tendência de investigar-se a linguagem, abstraído os elementos exteriores ao sistema lingüístico, havendo preocupação em separar os estudos da linguagem, enquanto instituição, do estudo da Lingüística. Para esta, reivindicava-se uma autonomia, enquanto os problemas extralingüísticos deveriam ser estudados por outras ciências. No entanto, dentro dos estudos lingüísticos, já emergia a preocupação em relacionar a linguagem com outras disciplinas. Sapir, por exemplo, já manifestava em *A Lingüística como ciência* (1969, p. 27):

É especialmente importante que os lingüistas, tantas vezes acusados, e acusados com justiça, de não saberem enxergar além dos elaborados padrões que depreendem em seu estudo, passem a perceber claramente o que a sua ciência significa para a interpretação da conduta humana em geral. Queiram eles ou não, terão de cada vez mais se interessar pelos múltiplos problemas antropológicos, sociológicos e psicológicos que invadem o âmbito da linguagem.

Sendo a linguagem uma característica universal do homem, ela é eminentemente social, estando intimamente relacionada com a cultura. Através dela, todas as concepções do mundo são levadas ao homem. Várias teorias foram propostas em torno da linguagem enquanto fenômeno social, mas foi a teoria Sapir-Whorf (*apud* BIDERMAN, 2001) a de maior destaque nesse sentido, comprovando que a realidade é construída inconscientemente sobre os hábitos da linguagem de um grupo.

Sem dúvida, foi a partir do desenvolvimento da Lingüística como ciência e da Antropologia que a língua passou a ser analisada cientificamente, como elemento da cultura. Os estudos etnolingüísticos datam do século XIX, quando os norte-americanos passaram a estudar grupos tribais e suas respectivas línguas, a fim de identificar a sua organização, classificando-os lingüística e etnicamente. Nesses estudos, não foi adotado o método histórico-comparativo da lingüística européia, sendo cada sociedade e cada língua estudadas em particular, sem estabelecer relação entre elas.

No final do século XIX, propondo estudar as sociedades indígenas em sua própria estrutura, Boas (*apud* BIDERMAN, 2001), professor de antropologia na Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos, realizou um trabalho pioneiro, pesquisando línguas indígenas. Com a objetividade do método das ciências naturais, ele descreveu cada grupo, relacionando os fatos culturais aos fatos lingüísticos e considerando-os de natureza inconsciente. Para ele, os fenômenos lingüísticos jamais chegam a ser conscientes, já os culturais podem atingir o nível da consciência individual. Mas isso não compromete o relacionamento entre eles e, assim, é possível utilizar-se de métodos etnológicos e lingüísticos nas pesquisas, tal como na etnolingüística.

Boas deu um novo direcionamento à lingüística, demonstrando que as afinidades entre línguas podem ser explicadas também pela difusão originada do contato entre grupos humanos. Sapir deu continuidade aos seus estudos etnolingüísticos das línguas indígenas. Segundo ele, sendo a linguagem a expressão da capacidade de simbolização e o resultado da integração do homem no contexto cultural, é possível estabelecer relações entre a lingüística e a etnologia. A tradição antropológica de Boas e Sapir tiveram continuidade com Whorf, discípulo de Sapir, cuja premissa era a de que a língua molda a concepção de mundo dos grupos humanos e, portanto, esta depende da estrutura da língua falada pelo grupo.



Mais que um fato cultural, segundo Schön, a língua é um fato cultural particular: é, ao mesmo tempo, um produto da cultura e a condição para que esta seja transmitida:

Em certa medida, a língua dá conta do conteúdo de uma cultura. É certo que dois povos, um que é caçador e outro pescador, irão dispor de vocabulários amplamente desenvolvidos no seu respectivo domínio de actividade. O facto de se poder, ainda que apenas pela consulta de um dicionário indígena, formar uma primeira idéia do seu meio ambiente geográfico, climático e das suas condições económicas, é demonstrado por exemplos tão numerosos quando repetidos: os Esquimós têm três palavras para neve, enquanto nós temos apenas uma. Os Kissi da Alta-Guiné, a que se chama igualmente “povo de arroz”, conhecem um grande número de variedades deste cereal e distinguem no léxico entre arroz cozido e arroz cru. (SCHÖN, 1976, p. 96).

Dessa forma, sendo a língua o reflexo dos mais variados traços relacionados ao ambiente geográfico, à organização de cada grupo social, à religião, à atividade econômica, etc., a língua apresenta-se como um *conjunto heterogêneo de variedades lingüísticas*, de cujo estudo têm se ocupado diversas disciplinas. Entre elas, a Dialectologia, que se ocupa das variedades geográficas; a Sociolingüística, que se atém às variedades sociais e de registro e a Etnolingüística, que se preocupa com as variedades culturais. Embora apresentando especificidades, estas disciplinas não são isoladas entre si; apresentam vários pontos de contato, principalmente no que tange aos métodos e aos conceitos teóricos.

#### **4.3.1 Campos de estudos da variação**

Para a compreensão da Sociolingüística, cabem algumas considerações sobre a variação e seus campos de estudos. A variação é um fenômeno inerente à língua que consiste na

ocorrência de várias formas lingüísticas num dado momento, sendo passível de ocorrer em nível fonético, fonológico, morfológico, sintático, semântico e lexical. A língua enquanto sistema é uma abstração; assim, ao se concretizar na fala, ela sempre apresenta diversidade. É essa diversidade que garante a continuidade lingüística.

Considerando que a língua possui várias diferenças internas, conforme Ferreira *et al* (1996), a lingüística europeia, tomando como parâmetro essas diferenças, estabeleceu os campos de estudos da variação, a partir do prefixo *dia-* (através de). Assim, têm-se os termos diacronia, diatopia, diastratia e diafasia.

A variação diacrônica refere-se às diferentes formas lingüísticas manifestadas ao longo dos tempos. Ela se caracteriza por apresentar um período de transição, uma vez que a substituição de uma forma lingüística por outra se dá de forma gradual e assistemática. Esse tipo de variação é objeto de estudo da Lingüística Histórica.

A variação diatópica, também chamada geolingüística ou variação dialetal, refere-se às diferenças lingüísticas relacionadas aos fatores geográficos, às diferentes formas lingüísticas em diferentes regiões. Desta, ocupa-se a Dialectologia.

A variação diastrática ou variação social está relacionada aos fatores sociais, ao modo de falar dos grupos sociais, os quais possuem seus códigos diferenciados, hierarquia e organização próprias. Nesse campo de estudo da variação, deve-se procurar correlacionar as variáveis sociais a fenômenos lingüísticos. Nesse campo de variação estão inseridos o socioleto – a linguagem própria que diferencia um grupo social do outro – e o tecnoleto – linguagem específica necessária à execução do trabalho de determinados grupos, como é o caso da linguagem empregada pelos trabalhadores na produção de fogos artesanais, cujo léxico constitui nosso objeto de investigação.

A variação diafásica refere-se aos diversos estilos ou registros lingüísticos que cada falante pode usar, de acordo com a situação discursiva em que se encontra. Conforme Ferreira

*et al* (1996, p.481), esse tipo de variação está relacionado com *os fatores pragmáticos e discursivos que ampliam o conhecimento por parte do falante de um código socialmente estabelecido para cada situação.*

Da variação diastrática e da variação diafásica ocupa-se a Sociolingüística, procurando correlacionar sistematicamente as formas variantes lingüísticas (fonético-fonológicas, morfossintáticas, semântico-lexicais) e os fatores sociais (idade, sexo, escolaridade, profissão, contexto social, etc.). Assim, a partir da correlação desses tipos de variação, pode-se constatar a rede de variedades em que se decompõe a língua, visto que esta pode caracterizar-se de forma diversa, de acordo com o momento histórico, a região, os estratos sociais e o contexto comunicacional que envolve o falante.

#### **4.3.2 A Dialectologia**

O interesse em tratar a língua sob a perspectiva da variabilidade no espaço geográfico data dos finais do século XIX, quando surgem os primeiros estudos de Dialectologia, cujo fundamento é o fato de que

a distribuição de uma comunidade numa certa área geográfica é fator de diferenciação lingüística: cada ponto dessa área tem experiências sociais, históricas, culturais diferenciadas e isso tem repercussão na sua linguagem. (FARACO, 1998, p.112).

Para conhecermos uma determinada comunidade, além de atentarmos para a sua história, seus costumes e o meio em que vive, é primordial observarmos a sua maneira particular de representar a realidade que a cerca. O falar de uma pessoa pode revelar a que comunidade ela pertence; através da entonação, pronúncia, vocabulário, construções morfossintáticas

peculiares, indicar o seu grupo social, profissional, sua faixa etária, sua escolaridade, seu nível socioeconômico, a região ou o país a que ela pertence.

No final do século XIX, dois fatores impulsionaram os estudos dialetais: o interesse dos neogramáticos, na Alemanha, de confirmar as *leis fonéticas* a partir dos dados extraídos dos falares locais e, na França, a hipótese do Abade Rousselot e Gaston Paris (*apud* LACROIX, 1976) de que os falares locais poderiam fornecer dados indispensáveis para o conhecimento da história lingüística do domínio romano. Dessa forma, a Dialectologia passou a ser considerada complemento imprescindível aos estudos de lingüística histórica, dando origem a diversas monografias locais ou regionais.

A idéia de expor em cartas cartográficas a extensão dos fenômenos lingüísticos deve-se, segundo CHAMBERS e TRUDGILL (1994), ao lingüista alemão George Wenker que, em 1876, empreende um estudo voltado para os fenômenos fonéticos, a partir de um questionário, enviado por correspondência a 40.736 localidades, com 40 frases pequenas que deveriam ser “traduzidas”, pelos professores primários do norte da Alemanha, para os seus respectivos dialetos. Em 1881, os mapas elaborados com os dados obtidos por Wenker contrariam a concepção de que uma mudança fonética afeta todas as palavras do mesmo modo, como presumiam os neogramáticos.

O trabalho de Wenker, em que não se estabeleceu um controle sistemático no que se refere às variáveis sociais, representou um grande avanço para a Dialectologia, pois a coleta de dados em diferentes regiões possibilitou a intercomparação entre os mesmos.

A Dialectologia desenvolveu-se principalmente entre 1898 e 1912, com o *Atlas Linguistique de la France* (ALF), de Jules Gilliéron, em colaboração com Edmond Edmont, cuja preocupação recaía sobre o vocabulário dos camponeses, atendo-se a um grupo de palavras restritas a uma dada região. Diferentemente de Wenker, Gilliéron privilegiou a coleta de dados *in loco*. Conforme Gilliéron (*apud* BRANDÃO, 1991), esta deveria basear-se no

fundamento de que o retrato fiel da realidade fonética só poderia ser fornecido por um leigo, visto que a fala desse não estaria “contaminada” pelo conhecimento, expectativa ou preconceitos lingüísticos. Para ele, os fatos lingüísticos deveriam ser estudados tomando-se como parâmetro a sua distribuição espacial, sendo os pontos de inquérito determinados conforme a equidistância geográfica. Com os trabalhos de Gilliéron, inaugurou-se o método da geografia lingüística.

Gilliéron trouxe grandes contribuições para a Dialetologia e a Lingüística Histórica, a partir de comprovações pertinentes até os dias atuais, principalmente no que se refere ao léxico. Mediante seus trabalhos, percebeu-se que os falares de uma língua não se encontram isolados por fronteiras demarcadas, mas sim existe uma zona de contato ou transição, na qual coexistem traços dependentes de cada um deles. *Uma língua nunca é isolada* e, portanto, ao confrontar a área em que situam as diferenças locais com dados extralingüísticos, percebeu-se a influência dos fatores históricos, socioeconômicos e geográficos no processo de diferenciação dialetal. Assim, evidenciando a importância dos fatos extralingüísticos e despertando o interesse pelo léxico, alguns lingüistas passaram a se dedicar aos aspectos materiais e culturais das comunidades em que realizavam seus estudos.

Os mapas se revelaram de importância particular para o estudo do vocabulário, sendo possível seguir, através destes, as direções em que as palavras de uma determinada cultura se difundiram e, assim, resgatar a história cultural de um determinado povo. As investigações em torno dos falares locais levaram os lingüistas aos mais diferentes meios e culturas, refletidos através dos dialetos. Com isso, despertaram o interesse pelas tradições orais e pela etnografia, principalmente relacionadas à cultura medieval: habitação, vestuários, ferramentas e alimentação. Certo é que não podemos estudar a língua, principalmente no plano lexical, sem considerar o contexto em que ela é manifestada e quem a manifestou, por isso, conforme afirma Malmberg,

Quem quiser descrever a língua da população rural está, pois, obrigado a familiarizar-se com os costumes, as ferramentas e os métodos de trabalho que aí encontrar. As investigações sobre a língua e sobre as coisas devem caminhar emparelhadas. (1974, p. 95).

A orientação de investigar os fenômenos lingüísticos considerando a relação entre a língua e a realidade que a mesma significa difundiu-se através da revista *Wörter und Sachen* (*Palavras e Coisas*), fundada por Rudolf Meringer e Meyer-Lübke, em 1909. De acordo com essa orientação, por *coisa* entende-se não só os objetos da cultura material, como os da cultura espiritual: idéias, pensamentos, instituições, conceitos, etc, uma vez que expressos lingüisticamente por palavras. Constituindo-se num movimento que reuniu vários adeptos, *Wörter und Sachen* ganhou forte expressão nos títulos dos atlas e dos textos de trabalhos dialetais. A dedicação de vários lingüistas a este movimento contribuiu muito para o desenvolvimento da Etnolingüística.

Embora alguns trabalhos realizados no período anterior a este movimento já revelassem uma tendência ao estudo das palavras e coisas, com descrições lingüístico-etnográficas, como o *Vocabulaire des agriculteurs* (1885), publicado em *Bulletin de la Société de Littérature Wallone*, foi o método *Wörter und Sachen* que concorreu decisivamente para a união entre a Dialectologia e a Etnografia.

Os seguidores de Gilliéron, Jaberg e Jud, ao elaborarem o *Sprach- und Sachatlas Italiens und der Südschweiz* (AIS) (1928-1940), que contemplava informantes de idades diferentes (15 a 85 anos), três níveis sociais (camponeses, instrução primária e intelectuais) e dos dois sexo, imprimiram um caráter etnográfico aos estudos dialetais, explorando a relação entre a “coisa” e o objeto por ela designado (Ver Anexo III Carta 1429). Considerado a maior representação do método *Wörter und Sachen* (*Palavras e Coisas*), nos estudos dialetais, ao *Sprach- und Sachatlas Italiens und der Südschweiz* seguiram-se outros atlas que deram relevo

aos aspectos etnográficos, ilustrando também, por meio de desenhos e gráficos, as cartas lingüísticas.

Vários trabalhos foram realizados nessa perspectiva, alguns voltados para o vocabulário geral ou técnico, outros voltados para a descrição gramatical (fonética, morfologia, sintaxe), outros para elaboração dos atlas lingüísticos. Entre eles, estão:

- a) *Die Benennungen von Sichel und Sense in den Mundarten der romanischen Schweiz* (1926);
- b) *Bezeichnungen von Getreide – und Heuhaufen in Gallo-romanischen* (1930);
- c) *Dictionnaire liègeois*;
- d) *Words and Descriptive Terms for Woman and Girl in French and Provençal* (1952);
- e) *Atlas linguistique et ethnographique de la Gascogne* (1954);
- f) *Atlas linguistique et ethnographique du Massif Central* (1957);

Outra contribuição para a Dialectologia deve-se a Hans Kurath, filólogo norte-americano que, na elaboração do *Linguistic Atlas of New England* (1939-1943), estabeleceu critérios para a escolha dos informantes, correlacionando o aspecto geográfico, o social e o etário. Embora não fosse essa a primeira tentativa de considerar os diferentes estratos nos estudos dialetais, o LANE representou, no dizer de Pop (*apud* CARDOSO, 2001, p. 30), *la première tentative de donner sur une grande échelle, des indications plus précises sur l'aspect social*.<sup>6</sup> Assim, através desse trabalho, comprovou-se a complexidade dos fenômenos lingüísticos, através da correlação entre o processo de diferenciação lingüística e espaço, tempo, sociedade e cultura. Também contribuiu para a divulgação da metodologia da geografia lingüística que

---

<sup>6</sup> a primeira tentativa de fornecer em grande escala, as indicações mais precisas sobre o aspecto social. [Tradução nossa].

envolve a seleção de localidades, seleção de informantes, técnicas de inquirição, inquéritos, etc., demonstrando a flexibilidade do método.

No que concerne à elaboração de um atlas lingüístico, a Dialectologia desenvolveu métodos muito específicos. Com um questionário previamente elaborado, sua metodologia atenta para a aplicação deste pelo inquiridor, sua formação e o itinerário a seguir. Além disso, estabelece critérios para a seleção dos informantes e determina os pontos de inquérito, estabelecidos com base em critérios que levam em conta fatores extralingüísticos que podem ter influência no falar em estudo. Para se chegar ao número de pontos da rede de inquéritos, leva-se em consideração a superfície da área estudada e a sua população.

#### **4.3.3 A Sociolingüística**

A partir do surgimento da Sociolingüística, disciplina mais recente que a Etnolingüística, outras dimensões da realidade heterogênea da língua vão ser acrescentadas com sistematicidade aos estudos lingüísticos, especialmente a partir das pesquisas de Labov. Como fator de diversidade lingüística tem-se, então, a dimensão social ao lado da dimensão geográfica já correlacionada pelos estudos dialetais.

A Sociolingüística, conforme Silva-Corvalán, pode ser compreendida tanto em sentido amplo quanto em sentido estrito. Assim, de uma forma geral, ela pode ser definida como

el estudio de aquellos fenómenos lingüísticos que tienen relación con factores de tipo social. Estos factores sociales incluyen los diferentes sistemas de organización política, económica, social o geográfica de una comunidad, factores individuales que tienen repercusiones sobre la organización social en general, como la edad, el sexo y el nivel de educación, la etnia del individuo, aspectos históricos, la situación inmediata



que rodea la interacción: en una palabra, lo que ha llamado el *contexto externo* en que ocurren los hechos lingüísticos.<sup>7</sup> (SILVA-CORVALÁN, 1988, p.1).

Porém, de acordo com uma definição mais estrita, ela pode ser concebida como

una disciplina independiente, con una metodología propia, desarrollada principalmente en los Estados Unidos y Canadá a partir de los años sesenta, que estudia la lengua en su contexto social y se preocupa esencialmente de explicar la variabilidad lingüística, de su interrelación con factores sociales y del papel que esta variabilidad desempeña en los procesos de cambio lingüístico.<sup>8</sup> (SILVA CORVALÁN, 1988. p. 1).

Esta concepção estabeleceu-se principalmente a partir das pesquisas de Labov, que promoveram o desenvolvimento da Sociolingüística a partir da década de 60. Procurando investigar as relações entre língua e sociedade, Labov ressaltou a importância dos fatores sociais no processo de mudança lingüística.

Em 1966, na Universidade do Texas, por ocasião do simpósio sobre lingüística histórica, Labov, Weinreich e Herzog apresentaram um texto, que veio a ser publicado em 1968, *Empirical Foundations for a theory of language change*, no qual argumentam que o modelo gerativo de língua como objeto homogêneo é irreal, sendo um retrocesso às teorias estruturais que concebem a língua, quer diacrônica quer sincronicamente, como um objeto que possui heterogeneidade ordenada. Nesse texto, eles propõem uma teoria de mudança lingüística

---

<sup>7</sup> o estudo daqueles fenômenos lingüísticos que têm relação com fatores de tipo social. Estes fatores sociais incluem os diferentes sistemas de organização política, econômica, social ou geográfica de uma comunidade, fatores individuais que têm repercussão sobre a organização social em geral, como a idade, o sexo e o nível de educação, a etnia do indivíduo, aspectos históricos, a situação imediata que rodeia a interação: em uma palavra, o que se tem chamado *contexto externo* em que ocorrem os fatos lingüísticos. [Tradução nossa].

<sup>8</sup> uma disciplina independente, com uma metodologia própria, desenvolvida principalmente nos Estados Unidos e Canadá a partir dos anos sessenta, que estuda a língua em seu contexto social e se preocupa essencialmente em explicar a variabilidade lingüística, sua inter-relação com fatores sociais e o papel que esta variabilidade desempenha nos processos de mudança lingüística. [Tradução nossa].

capaz de explicar de que forma a estrutura lingüística de uma comunidade sofre alterações ao longo do tempo, dando forma diferente à língua, embora essa língua e a comunidade que a utiliza continuem sendo as mesmas. Dessa forma, apontam um modelo lingüístico capaz de acomodar sistematicamente a heterogeneidade sincrônica, dissociando sistema de homogeneidade.

Labov (1982), assume a heterogeneidade como *parte integrante da economia lingüística da comunidade*, sendo fundamental para atender às exigências da vida cotidiana. A ocorrência de variante está correlacionada, pois, com traços do *ambiente interno*, bem como com características do falante e da situação. A variação e a mudança lingüísticas são, para ele, partes integrantes do caráter normalmente heterogêneo do sistema lingüístico. Dessa forma, o estudo da heterogeneidade lingüística apresenta-se como importante aspecto para a apreensão do processo de mutação lingüística.

Certo é que o indivíduo traduz, em seu modo de se expressar, as influências da região em que nasceu, do meio em que vive, da profissão que exerce, da sua faixa etária, do seu nível socioeconômico e do seu nível de escolaridade. Portanto, há variações de dimensão territorial, socioprofissional, histórica, socioeconômica, etc. Assim, percebemos que uma investigação do léxico de uma língua deve ser realizada sob a perspectiva dessas dimensões, que exercem grande influência na constituição e estruturação do léxico de qualquer língua.

#### **4.3.4 Tarefas da Sócio- e da Etnolingüística**

Como observamos anteriormente, por abranger domínios tanto da lingüística quanto da antropologia, a etnolingüística não é uma disciplina isolada e autônoma, ela apresenta interdisciplinaridade com a Dialetologia e a Sociolingüística, preocupando-se em investigar os

relacionamentos entre a língua e a visão de mundo, a partir do contexto em que a língua é produzida, analisando a sua adaptação a este contexto e seu poder de expressão. Através dela, é possível perceber de que forma a visão de mundo de um grupo está relacionada às suas experiências, bem como se verifica a influência da cultura no léxico e na gramática de uma língua, de acordo com as atividades, sua estrutura social e o ambiente geográfico. Portanto, a etnolingüística não analisa o fato lingüístico isoladamente, mas sempre relacionado ao contexto em que ele foi produzido, considerando os dados paralingüísticos e extralingüísticos.

No que tange à terminologia, bem como ao seu objeto de estudo, a Etnolingüística é uma disciplina que tem causado discussões. De acordo com Velarde (1991), esse quadro se agrava quando aparecem a “antropologia lingüística” ou “sociolingüística” e a “sociologia da linguagem”, as quais são empregadas, muitas vezes, como sinônimas. Geralmente a Etnolingüística é concebida simplesmente como a disciplina que estuda as relações entre língua, cultura e sociedade. Com mais precisão, ela se define como a disciplina lingüística que estuda a variedade e a variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura. Na tentativa de situar essa disciplina, muitos lingüistas têm se dedicado à definição de seus fundamentos e suas tarefas.

Com o objetivo de definir a tarefa da sociolingüística e da etnolingüística, Coseriu (1978) procura delimitar com precisão o objeto próprio dessas duas disciplinas. De acordo com ele, as definições da sociolingüística e da etnolingüística são imprecisas e amplas demais, fazendo-se necessária a repartição de seus estudos em várias disciplinas, bem como, no caso da etnolingüística, a ampliação do objeto de estudo até então atribuído a esta. Assim, ele limita a sociolingüística (disciplina lingüística, não sociológica) ao estudo da variedade e variação da linguagem em relação à estrutura social das comunidades falantes; e a etnolingüística (disciplina lingüística, não etnológica nem etnográfica) ao estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura.

Considerando o ponto de partida dos estudos, Coseriu (1978) faz uma distinção para a sociolingüística, entre uma lingüística sociológica (sociolingüística propriamente dita) e uma outra disciplina a que denomina sociologia da linguagem; e para a etnolingüística, uma etnolingüística propriamente dita e uma “etnografia lingüística”. Partindo da correlação **linguagem-contexto social**, a lingüística sociológica tem como objeto de estudo a linguagem e as diferenças lingüísticas em relação à estratificação social, sendo a sociologia apenas disciplina auxiliar desta; já a sociologia da linguagem se ocupa do contexto social, as relações sociais, quem fala e quando se fala um determinado tipo de linguagem, e o *status* desta na comunidade, sendo a lingüística disciplina auxiliar. Partindo da correlação **linguagem-cultura**, a etnolingüística propriamente dita ocupa-se dos fatos lingüísticos determinados pelos *saberes* acerca das *coisas*, enquanto a etnografia lingüística trata da cultura, dos *saberes* acerca das *coisas* expressos pela linguagem enquanto manifestação cultural.

Além da distinção entre a sócio- e a etnolingüística, para melhor compreensão de suas tarefas, Coseriu (1978) propõe ainda três planos da estrutura geral da linguagem, aos quais correspondem saberes e conteúdos lingüísticos distintos:

- a) o plano universal do falar geral, ao qual correspondem o *saber elocucional*, independente da língua em uso, e a *designação*, referência à realidade, a “coisas” e “estados de coisas”;
- b) o plano histórico das línguas, ao qual correspondem o *saber idiomático*, domínio de uma língua e o *significado*, conteúdo dado pelas oposições idiomáticas;

- c) o plano individual do discurso, ao qual correspondem o *saber expressivo*, adequação do discurso ao contexto e o *sentido*, conteúdo próprio do discurso determinado por fatores extralingüísticos.

Em razão disto, Coseriu define três lingüísticas diferentes: a do falar, a das línguas e a do discurso. E pela mesma razão, distingue três planos para a sociolingüística e para a etnolingüística. Assim, têm-se uma sociolingüística do falar em geral, uma sociolingüística das línguas e uma sociolingüística do discurso, bem como uma etnolingüística do falar em geral, uma etnolingüística das línguas e uma etnolingüística do discurso, com tarefas e sentidos distintos.

Investigar o grau de domínio do saber elocucional relacionado com a estrutura social das comunidades de fala cabe à sociolingüística, enquanto disciplina descritiva do plano universal do falar geral. À sociolingüística das línguas, cabe o estudo da variedade diastrática, nos mais diversos dialetos e estilos, e a unidades sinstráticas relacionadas entre si. Compete ainda a esta disciplina o estudo do saber idiomático *interdiastrático*, ou seja, do grau de conhecimento e uso dos vários níveis da língua pela comunidade falante. Já a sociolingüística do discurso tem como objeto de estudo, além do uso das *diferenças diastráticas em vários tipos de discursos e sua função nos mesmos* (COSERIU, 1978, p. 21), os discursos, seus tipos e suas estruturas relacionadas com os estratos sociais.

Estudar a linguagem definida pelo conhecimento universal do mundo, pelos saberes extralingüísticos concerne à etnolingüística do falar. Já a etnolingüística da língua preocupa-se com os fatos de uma língua determinados pelos *saberes* acerca das *coisas* e, conseqüentemente, pela estratificação social das comunidades e da linguagem em si. A etnolingüística do discurso, por sua vez, estuda os discursos, seus tipos e estruturas determinadas pela cultura de uma comunidade.

Coseriu (1978) deixa claro que a sociolingüística e a etnolingüística, embora com pontos de vista diferentes, aproximam-se no plano do discurso, sendo passível de coincidência no que tange aos fatos a estudar.

Por fim, ele salienta que

Em sentido diacrônico, as tarefas das quatro disciplinas que distinguimos são, no fundo, as mesmas que na sincronia, apenas precisamente no eixo diacrônico ou da “mudança”. Assim, a sociologia da linguagem estudará as mudanças na correlação entre a estratificação social e os fatos lingüísticos; a etnografia lingüística, as mudanças na cultura manifestada pela linguagem (...). A sociolingüística diacrônica estudará as mudanças na configuração diastrática das línguas e na estrutura dos níveis de língua; e a etnolingüística diacrônica, as mudanças na linguagem enquanto motivadas por mudanças na civilização e na cultura. (p. 22).

Seguindo essa orientação, Velarde (1991) procura definir a Etnolingüística da fala, a Etnografia da linguagem no nível universal, a Etnolingüística das línguas, a Etnografia lingüística no nível histórico e a Etnolingüística do discurso. De acordo com ele, a Etnolingüística da fala trata da linguagem definida pelo conhecimento universal do mundo, os saberes universais associados a contextos e situações objetivas, como os contextos histórico e cultural. Identificar os saberes universais acerca das coisas, idéias ou crenças universais manifestados em qualquer língua histórica constitui tarefa da Etnografia da linguagem e, assim, também procura estudar a determinação da cultura não lingüística pela linguagem. A Etnolingüística das línguas interessa-se pelos fatos lingüísticos motivados pelos saberes acerca das coisas, pela linguagem enquanto fato real. A Etnografia lingüística no nível histórico estuda a cultura não lingüística manifestada na língua, procurando determinar a cosmovisão peculiar à comunidade estudada. Os discursos, tipos e estruturas típicas que

apresentam, enquanto motivados pela cultura de uma comunidade, constituem objeto de estudo da Etnolingüística do discurso. Ela procura estabelecer a correlação entre certos tipos de discurso e certos tipos de cultura.

A análise da língua de uma determinada comunidade, partindo dos fatos lingüísticos para os fatos extralingüísticos, permite conhecer melhor a realidade social desta. Em função dos fatores extralingüísticos, podem ser explicitados vários fenômenos lingüísticos, como o aparecimento ou desaparecimento de algumas formas, a preferência desta ou daquela forma por determinado grupo. O léxico de uma língua, por exemplo, pode situar preferências culturais de uma dada comunidade, refletindo mais as coisas que estão diretamente ligadas à sua vida diária. Assim, percebe-se a importância da cultura nos estudos lingüísticos.

#### **4.4 Estudos sócio- e etnolingüísticos**

O léxico específico de determinados grupos tem sido objeto de estudo de diversos pesquisadores, sob a perspectiva de disciplinas como a Dialectologia, a Sociolingüística e a Etnolingüística. Tais estudos têm revelado que, de acordo com a atividade de cada grupo, seus membros apresentam especificidade lexical desenvolvida nessa área, predominando as referências aos instrumentos, materiais, ações e conceitos relacionados a esta atividade. Além disso, têm demonstrado que fatores sociais como idade, sexo e escolaridade interferem no uso desse léxico. Alguns estudos que têm se ocupado do léxico específico de certas atividades laborativas, no Brasil, serão abordados a seguir.

Santos (1996), com o objetivo de resgatar o léxico de *uma cultura genuinamente brasileira em franco processo de extinção*, apresenta um estudo léxico-semântico do vocabulário dos trabalhadores de casas de farinha, no distrito de Vila de Guaiá, na Bahia, sob a

perspectiva da Dialetoлогия, da Sociolingüística e da Etnolingüística. Após a análise do *corpus* constituído a partir de entrevistas com informantes que integram famílias com tradição nessa atividade, ela concluiu que a preservação de certos referentes concorreu para a conservação de certas lexias, como ocorreu com as formas *arupemba* e *maniva*, bem como muitas delas perderam seu conteúdo semântico em função do desaparecimento dos referentes a elas associados. São exemplos disso as lexias *água de goma*, *rodicho*, *carimã*. O estudo realizado por Santos demonstrou também que a divisão de tarefas, de acordo com o sexo e a idade dos trabalhadores, é um dos aspectos que caracterizam o léxico da casa de farinha. A forma *tapitim*, por exemplo, só foi registrada entre os informantes mais velhos, sendo que, na faixa etária 2, apenas os informantes do sexo masculino a mencionaram. Tal fato indica, portanto, que essa é uma tarefa masculina.

Palharini (1997), baseando-se nos pressupostos da Sociolingüística, na teoria relativista de Sapir-Whorf e nos estudos dos campos léxicos apresentados por Geckeler (1976), descreve o léxico da citricultura, a partir de um *corpus* constituído através de entrevista com trabalhadores rurais e industriais, da região de Bebedouro - SP. Para tanto, recorre às variáveis extralingüísticas idade e escolaridade. Com esse trabalho, em que apresenta as lexias devidamente distribuídas por campos léxicos, ele demonstra que diferentes culturas podem desenvolver-se e subsistir no mesmo espaço, embora mediante o uso de diferentes lexias para representar a mesma realidade pelos grupos vinculados a tarefas distintas.

Ao estudar o léxico da produção e industrialização da citricultura, Palharini verificou que, conforme o nível de escolaridade dos trabalhadores, são empregadas diferentes formas para designar um mesmo referente. Assim, entre os informantes (operários) analfabetos ou que cursaram o ensino fundamental foram documentadas as formas *achauto*, *borbulha*, *maionese*, *água amarela*, *reixo*, *caixa de bagaço*, em oposição às seguintes formas realizadas pelos



informantes (engenheiros ou pessoal do laboratório) com ensino médio ou superior: *wash-out*, *gema*, *creme-de-centrífuga*, *emulsão rica*, *ratio*, *silo de bagaço*.

Isquerdo (2001), estudando o campo léxico da seringa, apresenta o vocabulário dos seringueiros do Acre. Através da análise do papel do referente na construção do significado das lexias, ela procura verificar de que forma o contexto extralingüístico influencia no processo de nomeação. Em sua análise, a autora observa que muitas lexias têm sua gênese em formas já existentes na língua, as quais passam por um processo de “ressemantização” no contexto dos seringais. A exemplo disto, ela registrou as lexias *judiar*, *sangrar*, *sarar*, *solar madeira*, que são formas já consagradas no uso geral da língua, às quais foram atribuídos traços específicos pelos seringueiros. Nesse processo de “ressemantização”, Isquerdo afirma haver uma relação motivada entre o referente e sua respectiva designação.

Oliveira (2001) trata da interação técnico/homem do campo, levantando o léxico da agricultura a partir de inquéritos aplicados com técnicos em Agropecuária e agricultores da zona rural de Catu, na Bahia. Percebendo que havia dificuldades de comunicação entre técnico e agricultor, as quais refletiam na produtividade do campo, Oliveira empreende um estudo, fundamentado nos pressupostos da Dialectologia e da Sociolingüística, o qual revela-se de grande importância uma vez que contribui para o maior conhecimento da linguagem do homem do campo, possibilitando aos técnicos que a ele tiverem acesso, uma comunicação mais efetiva com o trabalhador rural.

Como já sinalizamos anteriormente, a introdução de novas tecnologias na execução do trabalho de determinados grupos, dá origem a novas formas lexicais para nomear as especificidades da atividade que estes desenvolvem. No caso da agricultura, o uso dessas formas pelos técnicos na interação com o homem do campo faz com que aqueles se distanciem destes. Geralmente o homem do campo, com pouco ou nenhuma instrução, não domina os termos técnicos empregados pelos profissionais, retraindo-se diante destes. Através

desse trabalho, Oliveira constatou que as formas específicas do léxico dos técnicos, como *herbicida*, *fungicida*, *inseticida* e *formicida*, por exemplo, não são distinguidas pelos agricultores, os quais entendem mais a descrição das técnicas do que as próprias lexias. Além disso, constatou também que muitas formas documentadas no léxico dos agricultores encontram-se dicionarizadas ou registradas no APFB, entre as quais: *alimpar*, *camaleão*, *desencerta*, *estrume*, *grota*, *linheira*, *minador*, *tamanjuá*, *varjada*.

Santos (2004) aborda a relação entre língua e cultura, analisando as designações para os níveis hierárquicos em estaleiros da construção naval, a partir de dados coletados entre os carpinteiros navais da cidade de Valença e do povoado de Cajaíba, no município de Camamu, na Bahia, sob a perspectiva da Etnolingüística. Nesse estudo, ela demonstra como o léxico encontra-se estruturado conforme a experiência e o conhecimento da realidade, bem como as relações semânticas estabelecidas entre as palavras selecionadas para nomear os diferentes níveis hierárquicos nos estaleiros. Assim, ela documentou as lexias *carpinteiro naval*, *construtor naval*, *mestre*, *oficial*, *ajudante*, *discípulo*, *contra-mestre* e *meio-carpinteiro*, em Valença; e *carpinteiro naval*, *mestre*, *mestre calafete*, *mestre carpinteiro*, *oficial*, *oficial machadeiro*, *carpinteiro profissional*, *ajudante*, *dono* e *armador*, no povoado de Cajaíba.

Como observamos, na perspectiva histórica dos estudos lingüísticos, o léxico tem sido objeto de inúmeros trabalhos, principalmente no que concerne ao estudo do léxico de grupos diversificados. O pensamento e a cultura de uma comunidade no tempo ou no espaço geográfico podem ser observados a partir do estudo da língua de cada comunidade, especialmente através do léxico. Assim, através do estudo do léxico desses grupos, podemos contar com importantes registros das marcas socioculturais originadas das diversas maneiras de pensar, agir e de costumes dos indivíduos pertencentes a cada grupo.

## 5 Análise do campo léxico dos fogos artesanais

A partir da aplicação dos inquéritos lingüísticos com pessoas que trabalham na confecção de fogos em Muniz Ferreira, foi constituído o *corpus* que será analisado neste capítulo. Como a fabricação de fogos, nesta comunidade, não abrange todos os tipos de fogos, nossa análise será restrita às lexias peculiares ao processo de fabricação de alguns fogos, não abrangendo, portanto, a totalidade desse léxico. Além da análise descritiva das lexias documentadas na comunidade, procuraremos explicitar em que medida fatores extralingüísticos interferem na constituição e no uso do léxico dessa comunidade, bem como confrontar as acepções verificadas nos dicionários com aquelas documentadas na fala dos informantes.

Para a apresentação da análise das lexias, adotamos os seguintes critérios:

- a) os itens lexicais figurarão em negrito apenas quando da sua análise;
- b) para aclarar o conteúdo semântico das lexias, serão reproduzidas as declarações dos informantes, que figurarão em texto recuado;
- c) as definições extraídas dos dicionários figurarão em itálico;
- d) os comentários registrados de forma assistemática, em nossas anotações, através de conversas informais com os moradores da localidade, serão transcritos sem identificação dos informantes;

Tomando como parâmetro a teoria do campo léxico de Eugenio Coseriu, as lexias foram organizadas em subcampos como observamos no quadro a seguir:

| <b>CAMPO LÉXICO DOS FOGOS ARTESANAIS</b>      |   |              |
|---|---|--------------|
| <b>SUBCAMPOS</b>                              | <b>LEXIAS</b>   | <b>TOTAL</b> |
| ESPAÇO FÍSICO                                 | Tenda, barracão.  | 2            |
| ETAPAS E PROCESSOS                            | Cortar papel, enrolar caixa ~ bomba, enrolar canudo, enrolar estalo, encher roda, apertar roda, enfiar /desenfiar palito, escorvar, amarrar fundo/ bico, cortar fundo/bico, bater cordão, bater chuvinha, embuchar, brocar, embuchar, encaixar.   | 20           |
| ELEMENTOS HUMANOS                             | Fogueteiro, tendeiro, dono de tenda, bombeiro, bodeiro, cortador de papel, carregadeiro, enroladeira, enchedeira de roda, enfiadeira de palito, escorvador, enchedeira de bomba, amarrador, encaixadeira, barraqueiro, rifeiro.   | 16           |
| PRODUTOS E SUBPRODUTOS                        | Bomba, bomba de barro, bomba chilena, estalo, traque ~ traque de riscar, traque de barro ~ traque de tição ~ traque de canudo, vulcão, esputinique, besourinho ~ corisco, fogo de pranto, judas, mamãe vem ver, bico de isca, massa de palito, pólvora, clorato, óxido de ferro, brasilaque, enxofre, alumínio, sulfureto, salitre, carvão, cera, goma, restolho ~ pé de tenda, pé de pólvora, refugo, foguete, foguetinho, chuvinha. | 36           |
| PARTES, COMPONENTES, ESPECIFICAÇÕES E MEDIDAS | Caixa, caixinha, caixaria, canudo, taboca, tubo, cone, espoleta ~ palito escorvado, fundo, rabo, boca, bico ~ pavio, cachopa, flecha, arrojo, broca, descarga, cabeça, bitola, pesada.  | 22           |
| INSTRUMENTOS E PEÇAS                          | Forma, esponja, cavalete, roda, tabuleiro, encosto ~ encostador, espontão ~ abridor, tabela, banguço ~ bangoço, raque, paleta, pilão, broca, banca, banquinha.  | 18           |
| <b>TOTAL</b>                                  |   | <b>114</b>   |

**Quadro 3** – Distribuição das lexias em subcampos.

O campo léxico dos fogos artesanais se constitui de todas as lexias que designam atividades, procedimentos, instrumentos e elementos humanos relacionados à produção de

fogos, empregados pelos trabalhadores, desde a matéria-prima até a venda do produto manufaturado. Geograficamente, corresponde ao inventário lexical de falantes da língua portuguesa, residentes em Muniz Ferreira, no Recôncavo baiano, de graus de escolaridade diversos e de ambos os sexos.

**Fogos** (< latim *focus* ‘lar’, ‘lume’ ‘fogo’) é uma lexia que denomina os artigos pirotécnicos produzidos na localidade. Compreende a bomba, o traque, a chavinha, o vulcão, o esputinique, o foguete e o foguetinho. No *corpus*, o item lexical **fogos** figura sempre no plural, conforme observamos na declaração dos informantes:

(...) são essas coisas do **fogos**. (Inf. 06).

Aí eu posso dizer que do **fogos**, que é o único trabalho que a gente temos aqui é o **fogos**. Cabano o **fogos**, caba com tudo. (Inf. 02).

Ajuda porque não tem outra renda, a renda daqui sempre foi do **fogos**. É bem poucos trabalhos que temos aqui e a maior parte é do **fogos**. (Inf. 08).

É igual **fogos**; os **fogos** é um **fogos** comum. (Inf. 12).

Embora não tenhamos apurado, sistematicamente, a consciência do falante sobre se a lexia designa o conjunto de artefatos ou apenas a unidade, a declaração do informante 12 deixa transparecer que ela seja uma lexia de dois números, como é o caso de *pires*. Já as demais declarações sugerem que esta seja *pluralia tantum* e, nesse caso, ela semanticamente pode denotar apenas uma unidade. Seriam, então, variações de concordância as formas que documentamos. Por outro lado, essa hipótese pode não ser confirmada, visto que, na língua portuguesa, os referentes das lexias que são *pluralia tantum* são, em geral, formados por

objetos constituídos por duas partes, como *óculos*, *ceroulas*, *calças* e outras, embora também se incluam *férias*, *parabéns*, etc., que se constituem de mais elementos.

Essa lexia, no plural, é abonada por Ferreira (1999), que dedica uma entrada só para ela, com as seguintes acepções: 1. *Foguetes* 2. *V. fogo de artifício*. Já Houaiss (2001), que a identifica como mesmo que *foguete* e *fogo de artifício*, considera **fogos** como plural com sentido próprio e, pelas acepções que apresenta, designando apenas um elemento.

Adotando essa última acepção, neste trabalho, usaremos a forma plural desse item, considerando-a com significado próprio.

O campo léxico dos fogos é bastante amplo, por isso consideramos apenas o campo artesanal, em oposição ao industrial, tendo em vista que este não será contemplado nesta pesquisa, por não ser característico da localidade. O campo léxico artesanal subdivide-se nos subcampos que descrevemos a seguir.

### 5.1 Espaço físico

As lexias que compõem o subcampo léxico espaço físico denominam alguns dos ambientes em que os trabalhadores desenvolvem suas atividades. Os itens levantados foram os seguintes:

- Tenda
- Barracão

De um modo geral, entre os falantes, **tenda** é a lexia usada para designar o local onde se dá o processo final da fabricação dos fogos, com a colocação da pólvora. Trata-se de uma

construção muito rústica, com pilares de madeira, sem paredes, coberta com telha de cimento-amianto ou lona. Ao seu lado ou como um vão desta, há sempre um pequeno depósito de taipa ou bloco para armazenar a matéria-prima e os produtos manufaturados. A **tenda** abriga uma mesa grande de madeira e bancos onde os trabalhadores se sentam para confeccionar os fogos, bem como uma mesa menor onde são preparadas as misturas, como se observa nos trechos:

A gente dá o nome de **tenda**. Faz uma cabana, faz uma casinha, cobre, bota as mesa, os banco e chama... bota o nome de **tenda**; é onde se fabrica fogos. (Inf. 02).

O que é que tem lá é, digamos assim, uma casa de pau-a-pique, né, (...) é feito de madeira, um lugar arejado, dentro de dendezeiro ou na beira do rio, algum lugar desse.

Bota o quê... bota uma lona, cobre com uma lona, bota uma mesa... (Inf. 10).

Morais Silva (1948) e Houaiss (2001) registram **tenda** como *oficina, loja ou qualquer estabelecimento onde antigamente se praticava alguma arte, ofício, indústria, etc.* Ambos apresentam essa lexia como regionalismo ou termo açoriano e brasileiro que designa a *oficina de marceneiro, ferreiro, funileiro, sapateiro, etc.* De origem controversa, segundo A. G. Cunha, vem do baixo latim *tēnda* (barraca), de *tendēre*. Sendo esta forma consagrada no uso geral da língua portuguesa para denominar o local do trabalho do artesão, seu emprego para designar a fábrica de fogos pode ser compreendido tanto pelo tipo de construção que abriga o trabalhador/artesão, cuja cobertura pode ser de lona, bem como pelo fato de a arte de fabricar fogos ser ainda artesanal naquela comunidade, como explicitado pelo próprio informante:

**Tenda** chama o lugar que se trabalha fazendo a produção da bomba, né, aquele lugar chama tenda, que em outro lugar chama fábrica... (Inf. 10).

Notemos que nessa declaração o informante demonstra ter consciência da variação lexical e/ou diastrática para esse espaço físico.

Para denominar o estabelecimento onde se vendem fogos, documentamos a forma **barracão**. Corresponde a uma construção de madeira que geralmente se *arma* durante o período que antecede as festas juninas ou as festas de final de ano, numa área mais afastada da zona urbana, geralmente à margem das rodovias. Nessa área, além de evitar explosões, as oportunidades de venda são maiores por causa do fluxo de viajantes. O **barracão** pode ser de propriedade do próprio fogueteiro ou do *freguês* que compra fogos na comunidade e vende a atacado ou a varejo. Vejamos a declaração dos informantes:

Porque quem compra, quer dizer, tem que botar **barracão** (...) **barracão** é que tem uma área, faz uma cobertura, né? (Inf. 09).

**Barracão**, lá em Salvador ou aí nas rodovia. (Inf. 08).

No uso geral da língua portuguesa, **barracão** é a forma consagrada para designar uma grande construção de madeira usada provisoriamente como estabelecimento comercial ou depósito. Barraca, forma de origem controversa da qual deriva **barracão**, é abonada nos dicionários como *1. Abrigo ou telheiro, ou casa provisória, geralmente de madeira, para guardar utensílios ou depositar materiais de construção, num canteiro de obras; barraca. 2. Construção de desmonte e remoção fáceis, geralmente de metal leve, ferro ou madeira, usada por vendedores ambulantes e/ou por camelôs* (Ferreira, 1999). Tais acepções podem explicar a motivação dessa forma no campo em estudo.



## 5.2 Etapas e processos

No subcampo léxico etapas e processos são arrolados os itens lexicais que designam as atividades desempenhadas pelos trabalhadores na produção artesanal de fogos. Foram os seguintes os itens registrados:

- Cortar papel
- Enrolar caixa ~ bomba/ canudo/ estalo
- Encher/ apertar roda
- Enfiar/ desenfiar palito
- Esco(r)var
- (A) marrar fundo/bico
- Cortar fundo/ bico
- Bater cordão
- Bater chuvinha
- Embuchar
- Brocar
- Enflechar
- Encaixar

**Cortar papel** é a primeira etapa do processo de fabricação de qualquer um dos tipos de fogos, pois com papel se produz a cápsula onde será depositada a pólvora. Trata-se de uma atividade manual, que exige força física e bastante agilidade, por isso é uma atividade masculina. Para tanto, coloca-se uma peça de madeira, quadrada e plana, no chão; estendem-se as folhas de papel sobre esta e arma-se um quadrado com ripas de madeira em que se apóia

o trabalhador (Ver Anexo IV Fig. 01). Com uma faca de ponta e bem amolada, ele corta o papel conforme a finalidade e de acordo com o tamanho e o modelo do artefato: para as bombas e os traques, produzidos com o papel de linho adquirido em bobinas, cortam-se as tiras e depois os quadrados; para as chuvinhas, foguetinhos e besourinhos, apenas ajusta-se o tamanho do papel, pois as folhas do papel branco, com o qual se fazem estes artefatos, são de tamanho menor. **Cortar papel** também é usado para denominar o corte de papelão que serve de entretela para as bombas ou é utilizado para fazer o invólucro do vulcão e do esputinique. No uso geral da língua portuguesa, **cortar papel** significa dividir o papel em partes, com as mãos ou com algum instrumento, mas, no *corpus* em análise, essa lexia é usada para denominar também todo o processo de contagem, arrumação e amarração dos papéis em milheiros, conforme aponta o informante:

A gente, gente, no caso do **papel** grosso, a gente **corta** duzentos e cinqüenta papel cada, cada cortada duzentos e cinqüenta; aí **corta**, no caso seis pedaços cada tira. Depois coloca quatro pedaço para fazer um mileiro. Bota um em cima do outro, aperta direitinho, amarra com um cordão, corta e vai arrumano; depois a gente coloca no saco. (Inf. 06).

Para o ato de preparar os invólucros dos fogos, registramos a lexia **enrolar**. Conforme o artefato a ser produzido, registramos: **enrolar bomba ~ enrolar caixa, enrolar traque, enrolar canudo**. A tarefa de **enrolar bomba ~ caixa** e o **canudo** não requer o uso de material explosivo, podendo ser executada em casa. Esse processo é assim descrito pelo informante:

É que nem eu tava, que nem eu disse: o rapaz pega, corta o papel no tamanho certo, aí a gente abre (distribui) numa tábua e passa a goma, farinha de trigo ou goma, faz tipo

uma papa e passa pra poder colar. Aí a gente pega uma forma que é de bambu e faz a caixinha. (Inf. 08).

Pegamos o papel, né, passamos a goma, botamos um pedacinho de papelão que se chama cartolina e aí usamos a forminha que é de bambu e aí vamos **enrolando** devagarinho até chegar o canudinho (risos). (Inf. 07).

**Enrolar traque** consiste em envolver um estopim com pólvora num papel de linho fino. Para tanto, molha-se o estopim (palito) na água, passa-se na pólvora preta e envolve-o no papel, colando-o com goma. Como na execução dessa tarefa há manipulação de material explosivo, ela só pode ser realizada na tenda, distante das casas e aglomerações.

A acepção que tem enrolar no campo em pesquisa converge para a acepção registrada nos dicionários: *conferir ou adquirir forma de rolo; tornar roliço*.

**Encher roda** corresponde ao ato de arrumar as caixas ou canudos, um ao lado do outro, dentro de uma peça circular (**roda**), ajustando a quantidade de acordo com a capacidade da peça para garantir que fiquem bem presos, conforme descreve o informante:

Bota ali... Bota e vai enchendo a mão, os punhado e colocando na **roda**, aperta pra ficar apertadinha, junta, unida... (Inf. 11).

Complementa ainda esta atividade verificar possíveis espaços vazios e preenchê-los com mais caixas, ao que se denomina **apertar a roda**.

De um modo geral, encher é abonado como *tornar algo pleno, cheio, preenchido*; e apertar, *unir (-se) muito, anular espaços entre*, o que também converge para as acepções que figuram no *corpus*.

Para a atividade de colocar os palitos numa peça quadrada de borracha e perfurada, registramos a lexia **enfiar palito**. Trata-se de uma tarefa simples que pode ser executada em casa. Sentado a uma mesa ou no sofá, o trabalhador segura um *punhado de palito branco* com uma mão e, com a outra, finca os palitos, um por um, nos orifícios, como explicita o informante quando interrogado sobre como se realiza esse trabalho:

Manualmente mesmo. A gente com a mão vai pegando um por um, vai **enfiando** nos buraquinhos, porque essa sola que a gente tá falando, essa borracha, ela... a gente faz o furo, ela fecha o furo, fecha de novo. Aí, quando coloca o palito, o furo abre, aí segura o palito. (Inf. 01)

Depois de enfiados os palitos, vem o processo de **escorvar**, que consiste em mergulhar os palitos numa mistura combustível pastosa que, após a *secagem*, serve de estopim para ser usado nos fogos. Corresponde a uma atividade que só pode ser realizada na tenda, devido à manipulação de substâncias inflamáveis. A tarefa de escorvar é assim definida pelos informantes:

**Escorvar** é correr dentro de uma massa. Segura a tabela e leva a massa até o meio do palito, com cuidado pra não sujar a tabela. (Inf. 11).

**Escorvar** significa a gente pegar as tabela que tá com os palitinhos e... melar na massa, melar os palitinhos na massa. Aí chama **escorvar**. (Inf. 01).

A lexia **escorvar** está dicionarizada com sentido de *pôr escorva em* ou *preparar a escorva de* (FERREIRA, 1999; HOUAISS, 2001). A G. Cunha a deriva de *escorva*, que tem

origem em *scroba* (buraco, fossa) e significa *dispositivo com que se dá início à explosão de uma carga principal*.

Após *melar* os palitos nessa massa, as tabelas são dispostas ao sol para que os palitos sequem, ao que denominam **secagem**:

É depois do estar pronto na tabela, passa pelo processo de **secagem**, aí eu vou tirando da tabela um por um, deixar ela limpinha. (Inf. 04).

**Desenfiar palito** é a tarefa de retirar os palitos devidamente enxutos das tabelas, conforme explica o informante:

É depois que passa pelo processo que o rapaz lhe explicou, de molhar as tabelas, os palitos no produto, aí coloca todo assim ao ar livre, dá um tempo. Aí o tempo bom como tá hoje, com meia hora, ele já tá sequinho pra poder **desenfiar**. (Inf. 04).

Para a atividade de fechar as extremidades das bombas, documentamos a lexia **amarrar/amarração de fundo e bico**. Trata-se de, com um *cordão* devidamente *encerado*, amarrar uma das pontas da cápsula, formando a *caixa*. Esta tarefa pode ser feita em casa, pois não requer manipulação de material explosivo. Já a **amarração do bico**, consiste em colocar o estopim na caixa contendo a pólvora e amarrar esta ponta, prendendo o estopim e impedindo o vazamento da pólvora. Consiste numa tarefa que requer muito cuidado e só deve ser executada na tenda. Nos dois tipos de amarração, os trabalhadores vão unindo uma bomba à outra, formando uma espécie de corrente.

Depois de amarradas as bombas, eles esticam a *corrente* para apertar os nós; em seguida, separam as bombas com o uso de uma faca de ponta afiada, ao que denominam **cortar fundo/bico de bomba** ou simplesmente **cortar bomba**. Na realidade, não se trata de fazer um corte

no *fundo*, no *bico* ou na própria *bomba*, trata-se de cortar o *cordão* que as uniu, desfazendo a corrente. Assim, concluem a confecção do artefato.

Em Ferreira (1999) e Houaiss (2001), amarrar tem sentido de *ligar fortemente; atar, prender*, o que não difere da acepção com que figura no *corpus* em análise. O que se verifica é que **amarrar/amarração**, no campo em pesquisa, ganhou amplitude semântica passando a designar também *colocar o bico*, ou seja, colocar o estopim, *aprontar* o artefato:

A **amarração** a gente chama os marradores e eles vão colocar o palito dentro da *boquinha* da bomba, que já tá com pólvora dentro, **marrar** uma por uma. (Inf. 01).

... depois pega, marra, coloca o *palito*, **marra** o *bico*, tudo isso. Aí a bomba tá pronta. (Inf. 05).

Agora vem o *palito*, né, bota o *palitinho*, bota, **amarra** e a *bombinha* já tá pronta. (Inf. 07).

A lexia complexa **bater cordão** designa a atividade de passar a *cera* no *cordão* com o qual os trabalhadores amarram as bombas. Para encerar o cordão, o trabalhador dispõe de dois pregos ou pedaços de *pau* fincados numa mesa ou cavalete, com espaçamento de 20 cm entre eles; em um deles é amarrado o cordão. Segurando a cera com uma mão e o *cordão* com outra, vai passando a cera no *cordão* em golpes cruzados e assentando-o no prego. Os movimentos que o trabalhador faz ao encerar o cordão, como se estivesse dando pancadas, explicam o uso dessa lexia para denominar essa atividade. Nos dicionários consultados, não encontramos registros dessa lexia.

Para a atividade que consiste em colocar pó de madeira serrada na *chuvinha*, documentamos a lexia complexa **bater chuvinha**. Para receber a pólvora, é necessário encher

a cápsula da chavinha com esse pó, formando uma base protetora. Com as cápsulas arrumadas em feixes amarrados, o trabalhador dispõe o pó sobre elas e depois, para assentá-lo, bate várias vezes o feixe contra uma superfície até que o pó desça completamente. Neste caso também, os movimentos realizados durante o processo de enchimento motivaram a lexia complexa, que não se encontra dicionarizada.

**Embuchar** é a denominação usada para o ato de calcar o barro dentro da cápsula do foguete, do foguetinho, da bomba de barro, do traque de barro, formando-lhe uma base para, depois, enchê-lo de pólvora:

Aí **embucha**, bota o barro ou duas vez de barro e aí faz a pólvora fraca dele subir, né?

Vai botar dentro e bate (...) pisando, pisa, pisa, pisa, bate até chegar a *boquinha* certa.

(Inf. 12).

**Embuchar** também denomina o ato de socar o papel no fundo da cápsula do vulcão e do esputinique após o depósito da pólvora.

Essa lexia encontra-se registrada nos dicionários consultados com a acepção principal de *saciar-(se)*, *fartar-(se) de alimentos*, ou seja, *encher o bucho*, como popularmente é concebida. Pelo que se observa na explicação do informante, a idéia de plenitude que tem no uso geral é mantida na acepção que tem no *corpus*. Mas, numa segunda acepção, ela está registrada como *colocar bucha em*, que, no campo do armamento, significa introduzir uma porção de papel, estopa, barro, etc. no cano de armas carregáveis pela boca, colocando-a entre a pólvora e o projétil, com a finalidade de prender e calcar a carga. E nesse caso, deriva de *bucha*, com origem no francês antigo *bousche*, ‘punhado de palha, tufo de ervas ou palha’, do latim vulgar *bosca*, ‘rama, ramagem’. Pelo que observamos, essa última acepção melhor

explica o uso da *lexia* para designar essa tarefa, pois a finalidade do barro no artefato é a mesma da bucha usada nas armas.

Com o barro já seco, faz-se necessário furá-lo, ao que o artesão de fogos denomina **brocar**:

Quando chega a boca certa... vai **brocar**... furar o buraquinho dele no barro. (Inf. 12)

A gente vai, né, mexeno com o ferro e tem que **brocar**... aí faz o furo. (Inf. 09).

De um modo geral, a *lexia* **brocar** é abonada como *perfurar com broca, criar furo em, furar* (MORAIS SILVA, 1948; FERREIRA, 1999; HOUAISS, 2001), convergindo para a acepção que figura no *corpus*. Essa *lexia*, conforme A.G. Cunha, deriva de *broca*, ‘saliente, pontiagudo’.

**Enflechar** é a *lexia* usada para denominar a ação de amarrar, com barbante, uma haste, a *flecha*, à peça explosiva do foguete e do foguetinho. Trata-se de pôr a *flecha* (Ver Anexo IV Fig. 20 e 21) do foguete e do foguetinho, garantindo-lhes a sustentação.

A forma **enflechar** não está dicionarizada, mas o processo que originou esta *lexia* é muito produtivo na língua portuguesa, a partir do uso do prefixo *en-* ‘movimento sobre, justaposição’, com a idéia de *colocar* ou *pôr algo em*. Assim, literalmente, temos *enflechar* = *colocar a flecha em*.

**Encaixar** é denominação usada para a tarefa de colocar estalos em caixa ou fazer a embalagem das chavinhas em formato de caixa. A explicação do informante permite melhor compreensão dessas atividades que são designadas pela mesma *lexia*, embora apresentem algumas particularidades que as distinguem:



Depois dos traques [estalos] estarem pronto, eu vou pegano a quantidade de cinqüenta unidade e colocando nas caixinhas. (Inf. 04).

**Encaixar** é colocar o papel solofon numa forma(ô) de madeira, depois coloca o rótulo da chavinha, conta doze ou seis, coloca em cima do rótulo, passa a goma e fecha em cima e os dois lados. (Inf. 11).

Os dicionários abonam **encaixar** como *colocar em caixa*, *encaixotar*, que coincide com a acepção que tem essa lexia no campo em pesquisa, embora **encaixar chavinhas** tenha um sentido mais amplo, denotando também a ação de colocar o rótulo, colar as extremidades do papel, dando forma à embalagem. Nesse caso, **encaixar** não significar apenas acomodar os fogos numa caixa, mas confeccionar a própria caixa.

### 5.3 Elementos humanos

As lexias que informam sobre as funções exercidas pelos trabalhadores nas diversas etapas do processo de produção de fogos compõem o subcampo elementos humanos. Assim, foram registradas as seguintes formas:

- Fogueteiro
- Tendeiro
- Dono de tenda
- Bombeiro
- Bodeiro
- Cortador de papel

- Carregadeiro
- Enroladeira
- Enchedeira de roda
- Enfiadeira de palito
- Esco(r)vador
- Enchedeira de bomba
- Marrador
- Encaixadeira
- Barraqueiro
- Rifeiro

**Fogueteiro, tendeiro, dono de tenda, bombeiro e bodeiro** foram as lexias registradas para denominar a pessoa que faz fogos na comunidade. No uso geral da língua portuguesa, **fogueteiro** é a lexia usada para designar o artesão que fabrica fogos. No *corpus*, embora os informantes atribuam esta forma àqueles que fabricam fogos, através das conversas informais, percebemos que **fogueteiro** é uma forma mais empregada para designar o responsável// *dono da produção* ou da *tenda*, em alternância com as lexias **tendeiro** e **dono de tenda**, as quais apresentam em suas próprias estruturas tais noções semânticas. O informante 12 ressalta que **fogueteiro** era *aquele de antigamente*, ou seja, aquele artesão que fabricava somente o *foguete*, como seu pai e outros que se dedicavam exclusivamente a esse artefato. Na comunidade, a produção desses tipos de fogos perdeu espaço para a produção de fogos de chão, principalmente para a produção da bomba. Assim, a lexia **fogueteiro** designa o fabricante de fogos de maneira geral, seja de foguete, bomba, traque, chuvinha, bem como a pessoa que, embora não seja o artesão propriamente, é o empreendedor do negócio, ou seja,



aquele que investe capital nesse tipo de atividade econômica, mas não lida diretamente com a matéria-prima, apenas administra. Sobre tal aspecto, explicita o informante:

Hoje não existe mais o **fogueteiro**, hoje é o **bombeiro**. **Fogueteiro** era aquele de antigamente, né, no tempo de...véi Moreira, Alfredo Costa, Candinho, que eu me lembro, né, esse Hermínio. Esse que era os **fogueteiro** daqui. Fazia o quê? **Foguete**... só. (Inf. 12).

A declaração do informante 12 indica que a lexia **fogueteiro** sofreu uma ampliação semântica, visto que hoje denomina o fabricante de fogos em geral na comunidade. Além disso, essa parece ser a forma de prestígio na comunidade, sendo esta usada para informar a profissão ao preencher cadastros, por exemplo, pelos trabalhadores. Observemos a resposta da informante 07, ao ser questionada sobre como se chama a pessoa que trabalha com fogos:

**Fogueteiro**, né? Como eu mesmo que fui, quando eu abri a ficha em Santo Antônio [referindo-se a cadastro de lojas] que fazia, aí eu botava **fogueteiro**. Ou o **bombeiro**, né, se faz bomba, pode ser também. **Bombeiro** a gente sabe que é de apagar incêndio, né, mas costuma chamar de **bombeiro**. (Inf. 07).

Notemos, nessa declaração, que o informante demonstra ter consciência da variação semântica da forma **bombeiro**.

Houaiss (2001) registra **fogueteiro** apenas como *aquele que fabrica foguetes*, já Ferreira (1999) apresenta uma abonação para **fogueteiro** consoante com a que figura no *corpus*: *fabricante de foguetes e doutras peças de fogo de artifício*. A. G. Cunha deriva **fogueteiro** de foguete.

**Tendeiro** está registrado em Morais Silva (1948), Ferreira (1999) e Houaiss (2001) como *dono ou vendedor de tenda*.

A lexia **bombeiro** está registrada em Morais Silva (1948) como um termo em desuso, derivado de bomba, com uma acepção que tem sinonímia com *bombardeiro* e *artilheiro*: *aquele que trabalha com bombas, que as fabricava ou as arremessava*. Já Houaiss registra essa lexia como *indivíduo que trabalha com bombas ('máquina ou dispositivo'), canos etc.*, apresentando-a como sinônima de *comerciante* e *espião*. Ferreira (1999) registra também como termo antigo, abonando esta forma como *soldado que atirava bombas*.

**Bodeiro** é uma lexia que designa aquele que fabrica fogos em pequena quantidade e às escondidas, não sendo esta a sua principal atividade. O **bodeiro** normalmente adquire os materiais, em pequenas quantidades, com os fogueteiros (donos do trabalho) ou se aproveita de restos de materiais que lhes dão em troca de algum serviço. Por não possuírem uma *tenda* e por se tratar de uma produção pequena, seus fogos são fabricados na *tenda* de outrem ou em lugares improvisados. Vejamos, para melhor compreensão, as respostas dos informantes quando perguntamos como se chama a pessoa que faz poucos fogos:

É o **bodeiro**. **Bodeiro** fabrica pouquinho. (Inf. 02).

Quem trabalha clandestino o pessoal chama **bodeiro**, né? Quem trabalha pelos mato, que todo mundo trabalha, aí é **bodeiro**, tá fazeno um *bode*, né? (...) Então o povo fica: “**bodeiro**”, “**bodeiro**”. Quer dizer, além do fogueteiro, que o nome certo aqui é **fogueteiro**, né, mas tem esse negócio do **bodeiro**, que trabalha hoje ali, amanhã trabalha noutro lugar, amanhã trabalha... quer dizer é o **bodeiro**. (Inf. 10).

O **bodeiro** não tem o mesmo prestígio social que tem o *fogueteiro* na comunidade, pelas razões que aponta o informante:

Vende mais barato, aí a gente não gosta, que fica... desvaloriza aquele que comprou tudo caro pra fazer, tem que vender tudo é com preço normal. (Inf. 11).

Essa lexia não se encontra dicionarizada. Em Houaiss (2001), encontramos a forma *bodeiro* (ô), derivada de *bodo* (ô) ‘partilha de alimentos’, que não corresponde à forma que documentamos no campo em pesquisa. No entanto, a forma que dá origem a esta, **bode**, está dicionarizada. Na comunidade, documentamos essa lexia para designar uma pequena produção clandestina de fogos, geralmente feita com sobras de material ou com material adquirido em pequenas quantidades com os fogueteiros. Vejamos, para ilustrar, como os informantes definem **bode**, quando questionados:

“É justamente a mercadoria que é escondido trabalhar. Trabalha escondido com medo da fiscalização, do exército... (Inf. 10).

**Bode** é um pouquinho de fogos que a pessoa faz escondido; pede um pouquinho de papel a um, pede um pouquinho a outro, aí: “fazer um **bode**”. (Inf. 11).

A forma **bode** (<inglês *body* ‘corpo’, ‘corporação’) está dicionarizada como brasileirismo, termo da marinha de guerra e gíria, apresentando duas acepções: 1. *Designação comum a quatro especialidades profissionais, que se distinguem umas das outras pelo emprego de adjetivos relativos a cores: bode azul (comunicações), bode preto (máquinas), bode verde (hidrografia) e bode vermelho (armamento); 2. Segredo, mistério, de que os elementos de uma especialidade profissional procuram cercar os seus atos* (FERREIRA, 1999). Esta última explica a motivação semântica da forma **bode**, sendo que, no campo em estudo, houve uma transferência do referente: a forma que, originalmente refere-se a segredo, a mistério, passou a designar o produto resultante da atividade secreta. **Fazer bode**, de acordo

com Ferreira (1999), é *fazer mistério a respeito de um assunto; esconder o jogo*. No *corpus*, registramos **fazer um bode**, que significa confeccionar uma pequena quantidade de fogos às escondidas, como explicitado pelo informante 11.

**Cortador de papel** é a lexia que denomina o trabalhador que tem como função cortar manualmente o papel e o papelão com os quais são fabricados os fogos (Ver Anexo IV Fig. 01). É responsável também pela arrumação do papel em milheiros:

Tem o **cortador de papel**; o papel que vem de fábrica, a gente corta ele em milheiros.  
(Inf. 01).

O que corta o papel chama **cortador de papel**... (Inf. 10).

A lexia simples **cortador** também figura no *corpus*:

Primeiramente a gente tem que começar pela *caixaria*: compra o papel, chama o **cortador** pra cortar; compra o papelão, chama o **cortador** pra cortar. (Inf. 02).

Geralmente, o **cortador de papel** exerce outras atividades para complementar sua renda, pois seu trabalho é temporário. Atualmente alguns fogueteiros têm comprado as cápsulas já prontas ou vêm utilizando uma máquina para **cortar papel**, o que pode resultar no desaparecimento dessa lexia. A fala do informante revela a substituição desse trabalhador pela máquina:


Olha, algumas pessoas (referindo-se aos **cortadores**) usam faca pra cortar: ela apara a ponta, faz uma faca de ponta e corta o papel ou papelão, é o mesmo sistema. E outros usam, como no meu caso, eu uso máquina. Eu corto com uma máquina, uma máquina

de gráfica, que o pessoal chama guilhotina ou máquina de cortar papel. A gente usa a máquina. (Inf. 01).

A forma **cortador de papel** não se encontra dicionarizada. Para **cortador**, os dicionários registram, dentre outras, uma acepção que, embora não seja específica, aproxima-se daquela que registramos no *corpus*: *(O) que corta* (FERREIRA, 1999; HOUAISS, 2001).

**Carregadeiro** é a lexia usada para designar o trabalhador que se encarregava de levar e trazer os materiais (*papel, papelão, caixa*) para a casa dos trabalhadores no lombo do burro ou no carro de mão, como verificamos no trecho abaixo:

(...) **carregadeiro**, carregava os animal e andava pela roça, pelo Xangó todo aí que o povo enrolava. Carregava as caixa num panacum, num saco grande, num burro. Aí botava num burro e ia longe. Não tinha transporte naquele tempo, né, a gente carregava num animal. (...) mandava o camarada ir buscar as caixa de bomba. A gente chama de **carregadeiro**. Quando era na rua, a gente ia buscar nas costa, num carro de mão. (Inf. 12).

Essa lexia só figura no vocabulário empregado pelos informantes da faixa etária de mais de 50. Nos dias atuais, o trabalho que era realizado por ele é feito pelo próprio dono da *tenda*, que normalmente possui um carro com o qual transporta os materiais. Tal lexia encontra-se no rol daquelas que estão em desuso devido ao desaparecimento da profissão. Nos dicionários consultados, não encontramos o registro dessa lexia. Apenas em Ferreira (1999), encontramos a forma *carregadeira* '*Mulher que se ocupa em transportar fardos, mercadorias, na cabeça*'. Encontramos, porém, nos dicionários pesquisados, a forma *carregador* para denominar *que*  *ou o que carrega* (HOUAISS, 2001).

**Enroladeira** é o termo usado para designar a pessoa que faz os cartuchos (cápsulas) dos artefatos (Ver Anexo IV Fig. 04). Além de **enrolar**, ela fecha uma das extremidades do cartucho, amarrando, no caso dos cartuchos para bombas (Ver Anexo IV Fig. 05), ou dobrando as bordas, no caso dos cartuchos de chavinha, foguetinho ou besourinho. Seu trabalho é leve e não oferece perigo, pois não lida com material explosivo. Geralmente as donas de casa, enquanto executam essa tarefa, preparam o almoço. Embora essa forma só se configure no feminino por designar uma atividade que, segundo os fogueteiros é *de mulher*, muitos homens também realizam essa atividade, mas sendo esta uma atividade leve, diferentemente das atividades masculinas, não se faz referência a *enroladeiro*. Para ilustrar, vejamos as declarações dos informantes:

Aí vem a **enroladeira**, que enrola bomba, faz as caixinha... (Inf. 06).

Aí vamos pra casa da **enroladeira** pra aprontar a caixaria. Aí depois da caixaria pronta, a gente vai na casa da **enroladeira**, pega a caixaria, paga a ela. (Inf. 02).

Quem trabalha na caixaria? É **enroladeira**. A **enroladeira** enrola... faz as caixa e amarra os fundo.(Inf. 08).

A pessoa que enrola os estalos na tenda também se denomina **enroladeira**, mas esta lida com material explosivo e sua tarefa consiste em confeccionar o próprio artefato. A lexia enroladeira encontra-se dicionarizada como máquina usada em fábricas de papel para rebobinar, em rolos menores, a folha produzida na máquina contínua, acepção que tem o mesmo fundo semântico: (o) que produz algo em forma de rolo.



**Enchedeira de roda** denomina a pessoa que enche as rodas com as cápsulas (caixas) em casa:

(...) e vem a **enchedeira de roda** vazia também que enche nas casas; qualquer casa aqui enche as rodas vazia... (Inf. 10).

Sendo uma tarefa reservada às mulheres, não registramos uma forma correspondente no gênero gramatical masculino, embora também os homens possam executar essa atividade. A lexia **enchedeira** está dicionarizada como *espécie de funil com que se enchem os chouriços*, uma acepção diversa daquela que registramos no campo em pesquisa.

**Enchedeira de bomba** era a pessoa encarregada de encher, individual e manualmente, de pólvora as bombas na tenda quando ainda não existiam a roda e a raque. Seu trabalho consistia em encher uma “paetinha” ou “colherinha” de pólvora e colocar na caixa da bomba, como declara o informante:

Tinha **enchedeira de bomba**, aquela que ficava com o tabuleiro e enchia as bombas com a paetinha.(Inf. 12).

Essa forma só foi documentada no vocabulário passivo dos informantes com mais de 50 anos, ao nos relatar sobre como era o processo de enchimento das bombas antigamente. As mudanças ocorridas na técnica de confecção da bomba determinaram o desuso dessa forma na comunidade.

**Enfiadeira de palito** é o termo usado para denominar a pessoa que enfia os **palitos**, que servirão de estopim, nas tabelas. O trabalho da **enfiadeira** é realizado em casa; normalmente ela conta com o auxílio das crianças para “adiantar” o trabalho. Por ser um trabalho leve e pouco rentável, é destinado às mulheres, mas os homens da comunidade também o executam,

sem, contudo, assumir a empreitada. Não há uma correspondente masculina para essa lexia. A título de ilustração, vejamos os trechos abaixo:

(...) vem o palito mesmo que é uma... chama, a gente chama-se de... é **enfiadeira de palito**. (Inf. 06).

(...) e tem a **enfiadeira de palito** também, que já é uma mão-de-obra que já é feita em casa mesmo. (Inf.10).

Registramos também a lexia simples **enfiadeira** para designar a pessoa que executa essa tarefa:

(...) temos a **enfiadeira**, que é a mulher que enfia os palito...(Inf. 02).

**Esco(r)vador** designa o encarregado de colocar a esco(r)va nos fogos (Ver Anexo IV Fig. 11). É um trabalhador da tenda, que lida com material inflamável. Sua atividade é reservada ao homem, inexistindo, portanto, a forma correspondente feminina. A tarefa do **esco(r)vador** também pode ser executada pelo próprio dono da tenda, quando este tem habilidade na manipulação dos materiais.

Morais Silva (1948) abona essa forma como *que escorva*. Ferreira (1999) e Houaiss (2001) a registram, respectivamente, como *Instrumento para escorvar* e *instrumento com o qual se coloca pólvora nas armas*. Essas acepções não se distanciam do traço semântico que tem a lexia no *corpus*, apesar de definirem ser inanimado.

**Marrador** denomina o trabalhador que tem como função amarrar a extremidade da bomba cheia de pólvora, colocando o estopim e atando umas às outras, formando uma espécie

de corrente. É o trabalhador da tenda que também é responsável pelo corte e contagem ou pesagem das bombas amarradas, conforme observamos nos trechos:

A gente leva pra tenda, aí vai o **marrador** e começa a marrar durante o dia; de tarde, corta, pesa e traz e entrega a pessoa que a gente trabalha. (Inf. 06).

(...) e temos o **marrador**, que é o que apronta a bomba. (Inf. 02).

Tem **marrador** que chega a marrar nove mil, dez mil por dia. Na semana, ele marra cinqüenta, cinqüenta e cinco, quarenta... E não tem outro nome pra chamar não, a gente chama eles **marrador** mesmo. (Inf. 01).

Não registramos uma forma correspondente feminina para essa lexia, embora a tarefa de amarrar possa ser executada por homens ou mulheres. Verificamos que, na comunidade, muitos adolescentes, estudantes do turno noturno, trabalham como **amarradores** para ajudar a família e garantir a continuidade nos estudos.

Nos dicionários consultados, encontramos uma acepção geral para essa lexia: *que ou aquilo que amarra*; e uma específica: *mestre das jangadas grandes*. Com a acepção que tem no *corpus*, não encontramos nenhum registro.

Para designar a pessoa encarregada de encaixar as chavinhas, documentamos a lexia **encaixadeira**. É responsável por fazer o invólucro da chavinha, modelado com uma forma de madeira feita sob medida para conter seis ou doze chavinhas. Ela coloca o rótulo e fecha cada embalagem com papel celofane. Vejamos o trecho abaixo:

**Encaixadeira** encaixa a chavinha. (Inf. 11).

**Encaixadeira** é uma forma que não está dicionarizada e seu processo de criação é bastante fecundo na língua portuguesa, em que se formam vários nomes designativos de profissão a partir do radical do particípio dos verbos + o sufixo *-eiro*, *-eira*. Assim, temos: encaixado + *-eira* = encaixadeira.

Para denominar a pessoa que vende fogos no barracão, registramos a lexia **barraqueiro**. Normalmente o **barraqueiro** procura, nos dias que antecedem as festas juninas, comprar os fogos para armar seu barracão. Para tanto, ele entra em contato, por telefone, com os fogueteiros, solicitando os fogos ou vem à localidade comprá-los. No primeiro caso, os fogueteiros se encarregam de transportar o pedido; no segundo, o próprio **barraqueiro** se responsabiliza pelo transporte dos fogos. Vejamos as declarações dos informantes:

(...) foi levar pra Salvador um material pronto [fogos], pra vender em Salvador pros **barraqueiros** nos barracão, teve um acidente no meio do caminho... (Inf. 06).

Parece que é **barraqueiro** que vende no barracão, né? (Inf. 03).

A lexia **barraqueiro** (< *barraca* + *-eiro*), nos dicionários que servem de referência a esta pesquisa, é abonada como *dono de barraca* ou *que ou aquele que possui ou trabalha em barraca*, o que justifica o uso desta no campo em pesquisa.

Já para denominar a pessoa que vende fogos na banquinha, documentamos a forma **rifeiro**:

O meu caso, por exemplo, eu vendo pr'as pessoas revender no meio da feira, né, chama **rifeiro**, que revende. **Rifeiro**, ele, eu acho que arranja uma mesa e bota na feira, né, aí chama-se **rifeiro**. Ele coloca na mesa, na ponta de rua, todos os fogos que não tem perigo (...) vende nas portas mesmo. (Inf. 10).

A forma **rifeiro** não se encontra dicionarizada. No entanto, encontramos em Benjamin e Araújo (1987) o registro da forma **rifa** que, em Pernambuco, é *uma espécie de vitrine, imitando uma casinha, em madeira, enfeitada em papel colorido cortado franjado, onde os meninos vendem fogos a retalho*. De acordo com eles, a **rifa** é colocada geralmente em frente à casa dessas crianças. Embora não tenhamos registrado a forma **rifa** na localidade, pela aceção que tem ela, em Pernambuco, corresponde à **banquinha** que nos descreve o informante 10. Assim, através de **rifa**, podemos compreender a motivação para o uso da forma **rifeiro** na comunidade. Como os fogueteiros da localidade costumam manter contato com fogueteiros de Pernambuco para compra de seus materiais, nesse caso, é possível que tenham assimilado a forma derivada **rifeiro**, apesar de não terem assimilado a forma primitiva.

#### 5.4 Produtos e subprodutos

Ao subcampo produtos e subprodutos pertencem as lexias que denominam as matérias resultantes da produção dos fogos ou empregadas na sua confecção. Registramos as seguintes formas lexicais:

- Bomba/ bomba de barro/bomba chilena
- Estalo~ traque ~ traque de riscar
- Traque de barro ~ traque de tição ~ traque de canudo
- Foguete
- Foguetinho
- Chuvinha

- Vulcão
- Eputinique
- Besourinho ~ corisco
- Fogo de pranto
- Judas
- Mamãe, vem ver
- Bico de isca
- Massa de palito
- Pólvora
- Clorato
- Óxido de ferro
- Brasilaque
- Enxofre
- Alumínio
- Sulfureto
- Salitre
- Carvão
- Cera
- Goma
- Restolho ~ pé de tenda ~ pé de pólvora
- Refugo

São diversos os tipos de fogos, conforme o modelo, o tamanho e, principalmente, o efeito por eles produzidos. De uma forma geral, eles são classificados em três grupos, conforme as características comuns. Há, portanto, os *fogos de chão*, os *fogos de subida* ou *do ar* e os *fogos*

*de vista*. Os *fogos de chão* são aqueles que queimam à altura da pessoa que o manipula, com estampido ou não; os *de subida* ou *do ar* são os fogos que se ascendem e estouram no ar; os *fogos de vista* são aqueles que produzem efeitos visuais, a partir de armações com figuras representativas.

A partir dessa classificação, podemos agrupar os fogos produzidos na comunidade, conforme o quadro abaixo:

| FOGOS DE CHÃO                | FOGOS DO AR | FOGOS DE VISTA |
|------------------------------|-------------|----------------|
| Bomba de barro/bomba chilena | Foguete     | Fogo de pranto |
| Estalo                       | Foguetinho  | Judas          |
| Traque de barro              |             |                |
| Chuvinha                     |             |                |
| Vulcão                       |             |                |
| Esputinique                  |             |                |
| Besourinho ~ corisco         |             |                |

**Quadro 4** – Disposição dos fogos produzidos na comunidade conforme os tipos.

Na comunidade, **bomba** denomina o tipo mais comum dentre os fogos fabricados, pois foi um dos primeiros tipos de fogos de chão introduzidos na comunidade, permanecendo nos dias atuais quase com a mesma rusticidade de meados do século XX, quando se deram as primeiras produções. Assim, embora demande mais tempo e dinheiro, o conhecimento das etapas de sua produção é de domínio de grande parte da comunidade que, em sua maioria, investe nesse fabrico.

Confeccionada em vários tamanhos e modelos, a **bomba** corresponde basicamente a uma cápsula de papel, encorpado com papelão, contendo pólvora e um estopim. Na comunidade, são produzidos dois tipos: a **bomba de barro** e a **bomba chilena**. O artefato denominado **bomba de barro** recebe esse nome por causa do material usado para fechar uma de suas

extremidades, formando sua base: o barro. A **bomba chilena** trata-se de um cilindro de papel encorpado com papelão e amarrado nas duas extremidades com barbante, tendo um estopim em uma delas (Ver Anexo IV Fig. 18). Esse artefato é designado também, de acordo com o diâmetro da cápsula, por uma numeração específica, conforme declaram os informantes:

(...) tem a **bomba quarenta**, a **bomba cinqüenta**, que a gente faz aqui de encomenda, é muito difícil vender, que é muito grande... (Inf. 01).

Os de agora é **bomba um**, o que chama **bomba chilena**, né, **bomba dois**, **bomba quatro**, até a **bomba dez** faz, né? (Inf. 12).

Como observamos na declaração dos informantes, com exceção da forma **um**, apenas são usadas as formas pares para numerar as bombas. O interessante é que as formas **um**, **dois**, **quatro**, **seis**, **oito**, **dez**, **vinte**, **quarenta** e **cinqüenta** não têm correspondência com os numerais que designam os diâmetros das peças, apenas servem como referência de tamanho e, assim, as distingue.

Não registramos, durante a aplicação dos inquéritos na comunidade, informações de que a **bomba chilena** recebe esse nome devido à sua procedência. Apenas se sabe que este tipo de **bomba** foi introduzido na comunidade pelo Sr. Juvenal Tupinambá, na segunda metade do século passado, como recorda o informante:

Mas a gente trabalhava muito (...) que ninguém fazia isso não [a bomba chilena], ninguém sabia o que era isso não. Quem trouxe esse nome, essa bomba pr'aqui foi Tupinambá, pr'aqui lá de Minas. (Inf. 12).



Nos dicionários que servem de referência a esta pesquisa, **bomba** está registrada com diversas acepções. Morais Silva (1948) apresenta, dentre outras, como *cartucho de papel atacado de pólvora, ligado por fora por barbante breado, tendo embebido um canudo, por onde se comunica o fogo, e que rebenta com grande estrondo ao inflamar-se a pólvora*. De acordo ainda com ele, este artefato pode ser empregado nos foguetes para produzir os estalos no ar e é usado nas festas populares, podendo, assim, ser também denominado *bomba de pólvora* ou *bomba de Santo Antônio*. Houaiss (2001) também registra essa lexia como *artefato constituído por uma carga de pólvora negra e um estopim que detona com estampido*. Ele registra ainda **bombinha**, com uma acepção que melhor descreve o dispositivo: *pequeno artefato explosivo feito de papel enrolado como um canudinho, cheio de pólvora, com uma ponta semelhante a uma cabeça de fósforo, que é riscado e atirado longe, explodindo com pequeno estrondo alguns segundos depois*. No *corpus*, essa forma aparece em alternância com **bomba**:

Pra **bomba** mesmo, é clorato, enxofre, pra polva [pólvora], né, clorato, enxofre e alumínio, pra encher a **bombinha** pra dar os tiro. (Inf. 06).

Tendo origem no italiano *bómba*, conforme A. G. Cunha, essa lexia tem uma raiz onomatopaica em *bomb*, que deriva do latim *bombus* e este do grego *bómbus*, que significa ruído surdo, barulho do trovão. Dessa forma, a relação entre o barulho produzido pelo artefato e a onomatopéia que representa este som motivou o nome do explosivo.

**Estalo**, **traque** ou **traque de riscar** denominam outro tipo de fogos de chão que corresponde a um artefato que contém uma pequena quantidade de pólvora enrolada com um papel fino e um estopim (Ver Anexo IV Fig. 25) que, ao atear fogo, provoca um pequeno estalido. Os dicionários consultados registram **estalo** como artefato pirotécnico, mas sem apresentar características peculiares; Morais Silva (1948) registra também *estalo-da-china*,

pequeno explosivo usado em brincadeira de crianças; Houaiss apresenta **estalo** como o mesmo que *chumbinho*, artefato que estala pelo atrito entre o chumbo de que é composto e uma superfície dura, e *estalo-da-china*, como sinônimo de *estalinho*, pequeno explosivo usado em festas juninas e outras festividades. Ferreira (1999) indica **estalo** como sinônimo de, na Bahia, traque de massa, que se trata do mesmo chumbinho ou traque de chumbo, conforme Houaiss (2001). A forma **traque** é registrada por Moraes Silva (1948) como foguete de pólvora que estoura ou como um artefato também denominado popularmente *bicha de rabi*. A abonação que encontramos em Houaiss (2001) converge para uma das acepções que tem essa forma na localidade: *artefato pirotécnico que contém pólvora enrolada em um tubo de cartão e que, ao ser aceso, provoca a explosão da pólvora, produzindo um ruído breve e seco, como um estalo.*

Pelas abonações encontradas nos dicionários, o **estalo** que registramos nas entrevistas se refere a um outro artefato, visto que este necessita de fogo para produzir efeito e, por esse mesmo motivo denomina-se também **traque de riscar**, com sentido de traque que se acende pela fricção ou atrito com alguma superfície áspera, como a que recobre as laterais de uma caixa de fósforos.

**Traque de barro**, **traque de tição** e **traque de canudo** são variações para o artefato pirotécnico que consiste numa pequena cápsula de papel, calcada de barro, com pólvora e um canudinho que serve de estopim. Essas lexias não se encontram dicionarizadas e a motivação para estas, no campo em pesquisa, são a matéria ou o elemento que o compõe e ou o modo de acendê-lo, como observamos no trecho a seguir:

**Traque de barro** é **traque de tição**, porque ele só acende no tição da fogueira, com a brasa. Chama **traque de canudo** também porque coloca um canudo pra acender. (Inf. 11).

Conforme A. G. Cunha, a forma **estalo** é uma regressão de estalar, (*rebentar com estrondo; estourar; fazer explosão; detonar, explodir*), de origem obscura. **Traque** é abonado por ele como *ventosidade que sai pelo ânus*, cuja origem encontra-se na onomatopéia *trac-trac* (ruído repetido).

**Foguete** é o termo consagrado no uso geral da língua portuguesa para designar um dos tipos de fogos de subida. Refere-se a um dos tipos de fogos composto de um canudo de bambu cheio de pólvora, uma espécie de bolsa cheia de bombas e uma haste de sustentação para o artefato (Ver Anexo IV Fig. 20).

Esse artigo vem sendo substituído por outro fabricado em escala industrial, com novas tecnologias e mais requinte, e que causa o mesmo efeito. Assim, pode ser que, ao longo do tempo, essa forma sofra mudança semântica ou até mesmo caia em desuso, em função do desaparecimento do artefato naquela localidade:

Camarada, é rui. É por isso que ninguém quer mais fazer **foguete**. (...) Quem quer, quem é que faz mais **foguete** hoje aqui? Ninguém. (...) Pega ele, vende, vai queimar. Lá o camarada que comprou: “O **foguete** deu rui, fulano, não vou te pagar não”. Aí o cara perde o trabalho. (Inf. 12)

De acordo com Moraes Silva, **foguete** é uma peça que se compõe de um tipo de cana, um busca-pé, um cartucho de papel com bombas ou outros explosivos, cuja ascensão se dá ao lançar fogo. Para Ferreira (1999) e Houaiss (2001), é um engenho pirotécnico composto de um tubo de papelão cheio de pólvora que se eleva ao atear fogo no pavio, que fica na parte *inferior* do artefato, produzindo um forte ruído. Eles registram ainda outras formas como: fogo-do-ar, foguete-do-ar, rojão. A acepção que tem essa lexia, no campo em pesquisa, aproxima-se da encontrada em Moraes Silva. Trata-se de uma peça mais rústica, fruto de

trabalho manual, enquanto as abonações de Ferreira e Houaiss revelam uma peça industrializada em que não se utilizam vegetais como a cana.

**Foguettino** denomina um tipo de fogos composto de uma pequena cápsula de papel grosso, calcada de barro, com pólvora, presa a uma haste fina (Ver Anexo IV Fig. 21). Ao atear fogo, o artefato sobe e estoura no ar. Os dicionários registram essa lexia como *pequeno foguete*, porém não descrevem suas características. Trata-se de uma peça menor, cuja cápsula resguarda um tiro breve e fraco. De acordo com a declaração do informante, sua fabricação é a que oferece menos risco de explosão:

O que menos corre perigo é o **foguettino**, porque a gente trabalha, mas você não vê tenda suja, é tudo limpinho. (Inf. 09)

A lexia **foguete**, da qual se origina **foguettino** (MORAIS SILVA, 1948; FERREIRA, 1999; HOUAISS, 2001), segundo A. G. Cunha, vem do catalão *coet*, derivação de *coa* (do latim *coda*, cauda), com influência de *fogo* em português, daí *cohete*, *cofete*, *foquete*.

**Chuvinha** é um artefato destinado às crianças, que queima sem causar explosão. Confeccionada em vários tamanhos (Ver Anexo IV Fig. 19), trata-se de um dispositivo que produz um efeito luminoso com pingos prateados. Nos dicionários consultados, não encontramos *chuvinha* com a acepção que figura no *corpus*. Os dicionários abonam essa lexia como chuva fraca e passageira, no entanto são registradas as formas *chuva de fogo*, *chuva de prata*, *chuva de ouro*, *chuva veneziana* como sinônimas de *chuva pirotécnica*, uma espécie de chuva luminosa em cores, branco brilhante ou amarelo-ouro que adorna a queima de foguetes, que pode ter motivado a lexia **chuvinha** para denominar um artefato que produz o mesmo efeito, embora em proporções menores.

Para denominar uma peça de papelão em forma cônica, recoberta de papel laminado ou papel de presente e que jorra lavas coloridas ao se acender, registramos a lexia **vulcão**, um

tipo de fogos de chão (Ver Anexo IV Fig. 22). Esta forma que, segundo A.G. Cunha, vem de *Vulcanus* (mitônimo latino, *deus do fogo*), é consagrada na língua portuguesa para denominar a via pela qual uma massa magmática profunda emerge à superfície da terra. Houaiss não abona essa forma como artefato pirotécnico. Morais Silva e Ferreira a abonam como artigo *pirotécnico de forma cônica*, por cujo vértice é lançada uma chuva luminosa que imita a erupção de um vulcão. O efeito produzido pelo artefato, que se assemelha ao de um vulcão, motivou a denominação.

Outro tipo de fogos de chão que lança uma espécie de chuva luminosa é denominado **esputinique**. Este tem a cápsula de papelão em forma cilíndrica, com cerca de 2,5 cm de diâmetro, apoiada numa base (Ver Anexo IV Fig. 23). O efeito produzido por ele não difere do do vulcão, pois a pólvora usada é a mesma. O que os torna diferentes é a forma tanto da peça quanto da chuva luminosa que produz: enquanto o vulcão produz uma chuva em forma de pirâmide invertida, o **esputinique** produz uma chuva em forma cilíndrica como é o seu formato.

A lexia **esputinique** encontra-se dicionarizada como satélite artificial. Houaiss informa que este foi lançado especialmente pela Rússia, registrando também a forma original russa **sputnik**, denominação para *qualquer um dos satélites artificiais lançados ao espaço pela ex-União Soviética*. Com sentido literal de *companheiro de viagem*, a forma compõe-se de s - = 'com' + put' = 'caminho' + -nik = sufixo indicador de agente, e, metaforicamente, significa *satélite*. Não encontramos no *corpus* nenhuma explicação do que motivou o uso dessa lexia para designar o artefato pirotécnico, visto ser este um tipo de fogos de chão, enquanto essa denomina um satélite artificial, ou seja, um corpo que gravita no espaço. Talvez o emprego dessa lexia se explique pela relação entre o formato e o efeito do artefato, que possui uma base e lança chamas ao alto, e o satélite que se projeta também de uma base.

**Besourinho e corisco** são variações para denominar um pequeno artefato cilíndrico, de mais ou menos 5 cm de comprimento que, ao ser aceso e atirado, sai ziguezagueando e lançando faíscas. Houaiss abona a lexia **besourinho** como *besouro pequeno*, mas registra a forma *besouro* como regionalismo brasileiro, com a mesma acepção de *busca-pé, peça de fogo de artifício constante de um canudinho cheio de pólvora lenta (sic) e vedado de um dos lados o qual, aceso, serpeia pelo chão, preso a uma delgada flecha de bambu ou madeira fina, como que atrás dos pés das pessoas, e que freqüentemente contém um explosivo leve*. Pelas características dos dois artefatos, o que os difere é apenas a haste, que não constitui parte do **besourinho** (Ver Anexo IV Fig. 24). **Corisco** é a forma consagrada da língua portuguesa para designar *faisca elétrica da atmosfera*, segundo Houaiss, *acompanhada ou não de trovão*. Como artigo pirotécnico, esta forma não foi abonada nos dicionários utilizados nessa pesquisa. De origem controversa, segundo Machado, **corisco** vem do latim *coruscum*, talvez por influência da variante *coriscum* ‘relâmpago’.

Para designar um tipo de fogos de vista que exhibe a imagem de um santo ao ser queimado, registramos a lexia **fogo de pranto**. Usado nos festejos religiosos, normalmente exhibe a imagem do padroeiro da cidade. No *corpus*, não obtivemos uma explicação do porquê de se atribuir esse nome ao mecanismo pirotécnico, que é assim descrito pelo informante:

**Fogo de pranto** é isso aí que eu tô te dizeno, são a imagem do santo que a pessoa deseja queimar na hora do fogo. A gente dá o nome de **fogo de pranto**. Aí vem a queima de fogos, depois vem essa imagem. Essa imagem é feita com tecido pintado (?) e em volta fica aquela caixa de fogo queimando em volta; a imagem fica dentro. Aí chama **fogo de pranto**. (Inf. 10).

A lexia **pranto** está dicionarizada como choro, lamentação; na literatura, é uma forma de lamento da morte de uma pessoa muito querida ou ilustre através da poesia. Como o uso do

artefato está relacionado a festas de padroeiros, a festejos religiosos em que os fiéis expressam devoção, sentimentos e lamentações, o emprego dessa forma para designar o artefato pode ser compreendido, na medida em que indica a sua finalidade, ou seja, é um artifício através do qual se expressa a dor, o lamento, o choro dos fiéis.

**Judas** denomina um tipo de fogos de vista. Trata-se de um boneco de pano, cujo corpo contém *espadas* e a cabeça, uma **bomba**. É um tipo de fogos exclusivamente queimado no sábado de aleluia. Como ilustração, vejamos a descrição feita pelo informante:

O **judas** é fabricado com quatro espada, ou seis, depende da quantidade... é uma calça velha, uma camisa velha, enche de papel picado, em cima de uma roda, aquela roda giratória. (...) A roda é feita de madeira, de tauba. Coloca tudo ali. A instalação é feita de estopim. O estopim é o que mesmo... é salitre, carvão e enxofre, né, esse material e cordão que o pessoal chama barbante. Aí você encera ele com essa pólvora molhada, bota pra secar e faz um tipo um cordão, né, chama estopim, aí é onde faz a instalação do **judas** pra fazer o **judas** girar e pocar as bombas. (Inf. 10)

Os dicionários abonam **judas** como boneco feito à imagem do apóstolo traidor que se costuma malhar e queimar no Sábado de Aleluia, mas, no *corpus* em análise, verificamos que o **judas** (Ver Anexo IV Fig. 26) ganhou peculiaridades de fogos, pois não só queima, mas produz efeitos visuais, a partir do uso dos componentes explicitados pelo informante 10. Assim, a queima do Judas pode ser considerada um *show* pirotécnico, visto que há uma roda giratória que lança faíscas e explode com estampido. Ele figura como um tipo de fogos fabricado na localidade, conforme sinaliza o informante ao ser interrogado sobre outro tipo de fogos fabricado por ele, além dos já citados:

Não, não. Eu fazia um **judas** aí, mas depois eu desisti. Porque o **judas** também faz parte de fogos. Eu aí desisti. Queimava, num... ninguém pagava nada. (Inf. 12).

A partir do antropônimo Judas, o traidor de Jesus Cristo, essa lexia passou a denominar o boneco queimado no festejo religioso, tornando-se nome comum. Conforme Câmara Cascudo (1980, p. 417), *os costumistas descreveram a queima do judas ou a sua dilaceração punidora. Certamente o judas queimado é a personalização das forças do mal e constituirá vestígios de cultos agrários espalhados pelo mundo.*

**Mamãe, vem ver** é a forma que designa a chuvinha que não produz o efeito de luminosidade prolongado. Atualmente, por causa do custo do material, alguns fogueteiros, para economizar a pólvora, colocam uma porção pequena no canudo. Isso faz com que o artefato queime por poucos segundos, decepcionando a criança que, entusiasmada, chama a mãe pra vê-la tocando a chuvinha e, quando esta chega, a chuvinha já acabou. A declaração do informante comprova a motivação semântica dessa forma:

“Mamãe, vem ver!” Quando chega aqui, a bichinha acabou... a chuvinha de hoje, né? Antigamente era tudo... queimava. Os menino enjoava de queimar duas e jogava até fora, e hoje... botou o nome **Mamãe, vem ver**. A menina acendia a chuvinha e aí vinha, chamava a mãe pra vim ver queimar, quando a mãe chegava aqui já tinha acabado. (Inf. 12).

**Bico de isca** é a forma usada para designar a bomba chilena, cuja boca ficou espiralada ao ser enrolada. *Isca* é o termo usado, na comunidade, para denominar a minhoca, a qual tem o corpo anelado. Quando a caixa da bomba está mal enrolada, a sua extremidade forma anéis semelhantes aos da minhoca. Isto é explicitado pelos informantes ao serem interrogados se qualquer pessoa sabe enrolar a caixa da bomba:



Não, tem gente que faz mal [enrolada], toda retorcida, aí chama... fica igual a **bico de isca**... **Bico de isca**, porque fica toda retorcida a ponta. (Inf. 08).

O que pode acontecer é sair folgada, sair, passar, não fica a boca certinha, aí a gente chama ela **bico de isca**, dá o nome de **bico de isca**. (Inf. 07).

Neste caso, o processo metafórico motivou o uso dessa forma.

Para denominar a mistura pastosa usada para fazer a espoleta documentamos a forma **massa de palito**. Nessa massa, o fogueteiro escorva os palitos brancos enfiados na tabela, os quais, após secarem, são usados para comunicar o fogo à pólvora. Trata-se de uma mistura combustível homogênea, composta de clorato, enxofre, óxido de ferro e brasilaque (goma-laca), conforme descrevem os informantes:

É com clorato, enxofre, ocre de ferro e brasilaque [marca de goma-laca]. Aí prepara com álcool, aí torna a **massa de palito**. Aí fica a massa já pronta, (...) aí se chama **massa de palito**. (Inf. 05).

Se chama **massa de palito**, é o material que a gente apronta a espoleta... (Inf. 02).

A **massa de palito** é clorato, enxofre e o óxido de ferro pra dar a cor vermelhinha. (Inf. 07).

Não registramos, na comunidade, explicações para o uso da forma **massa de palito** para denominar essa mistura. Os dicionários registram para massa, dentre várias acepções, *substância mole e pastosa preparada para um determinado fim*, como a *massa de pedreiro*, *massa de pão*. Pelo que observamos, o uso dessa forma pode ser explicado pela sua própria finalidade: *massa que compõe a escorva dos palitos*.

Para denominar uma substância química, em pó, de cor branca, documentamos a forma **clorato**, que foi realizada também sob a variante **colorato**, conforme observamos na fala do informante:

(...) vem a pólvora que é **colorato** de potássio, o alumínio, enxofre e sulfureto, que o pessoal chama de antimônia ou sulfureto. (Inf. 01).

Trata-se do principal componente responsável pelos efeitos da maioria dos fogos. Essa forma está dicionarizada como substância química com a seguinte acepção: *sal do ácido clórico ou ânion dele derivado*. Tal acepção converge para aquela que tem a lexia na comunidade.

**Enxofre** é uma forma lexical que denomina outro componente químico usado na preparação da pólvora. Trata-se de uma substância em pó, de cor amarela, de odor forte que impregna quem o manipula ou manuseia os fogos.

Essa forma encontra-se dicionarizada com uma acepção que coincide com a que documentamos na comunidade: *Elemento de número atômico 16, não metálico, cristalino, amarelo, com odor característico, utilizado em diversas indústrias* (FERREIRA, 1999); *elemento químico de número atômico 16, usado como matéria-prima para ácido sulfúrico, vulcanização de borracha, pólvora, fósforos de segurança, fungicidas etc.* (HOUAISS, 2001).

**Óxido de ferro** é a forma empregada para denominar a substância química que confere ao palito um tom avermelhado, porém, como atualmente os fogueteiros vêm usando um material similar, documentamos alguns palitos escorvados com uma massa de tom amarelo-amarronzado (Ver Anexo IV Fig. 11). Essa forma foi realizada sob as variantes **ocre de ferro** e **óchido de ferro**.

Os dicionários pesquisados não abonam a lexia composta **óxido de ferro**, no entanto, registram as lexias simples **óxido**, como *composto binário formado pela combinação de*

*oxigênio com outro elemento* e **ocre**, como mesmo que **ocra** (latim *ochra*) ‘*certa variedade de terra de que se obtém uma tinta de cor amarela*’. Assim pode ser explicado o uso dessa lexia para denominar esse componente químico.

**Brasilaque** designa uma substância translúcida, em forma de escamas, utilizada para “dar liga” na massa de palito. Trata-se de uma espécie de goma-laca que fixa a massa ao palito ao ser escorvado. Como a marca utilizada denomina-se *Brasilac*, a comunidade relacionou a marca pelo produto, caracterizando uma relação metonímica. Tal relação explica o uso dessa lexia para denominar a substância.

Outra mistura usada pelo fogueteiro é a **pólvora**, cuja composição varia, conforme o efeito desejado. Para dar impulso aos fogos, faz-se uma mistura, de salitre, enxofre e carvão em pó; para provocar estampido, mistura-se clorato, enxofre, sulfureto e alumínio; para os efeitos de faíscas de alguns fogos, como a chavinha, o vulcão e o esputinique, há ainda uma composição de clorato, enxofre, salitre e alumínio branco ou prata. Verificamos no *corpus*, que o fogueteiro usa um adjetivador para distinguir as misturas. Para a primeira, documentamos a forma **pólvora fraca**; para a segunda, **pólvora forte** ou **de explosão**; e para a terceira, **pólvora branca**. Vejamos, para ilustrar, a descrição dos informantes:

A **pólvora** que usa para explodir são cinco quilos de clorato de potássio, a gente usa aqui um quilo e trezentas ou um quilo e meio de alumínio, um quilo de enxofre e o sulfureto, a gente usa trezentos gramas, tem gente que usa meio quilo, mas o alumínio sendo bom, usa trezentos gramas. A gente faz todo o processo de mistura também, a mesma coisa do sistema da massa de palito: faz a mistura, peneira numa peneira plástica e já tá pronto, preparada a **pólvora de explosão**. (Inf. 01).

Pisa o carvão, depois bota o salitre. Pisa tudo pra fazer a **pólvora**... (Inf. 12).

A lexia **pólvora** encontra-se dicionarizada com uma acepção que coincide com a que registramos na comunidade: *mistura explosiva de enxofre, salitre e carvão, que se torna inflamável pelo calor e liberta gases de grande expansão e força* (HOUAISS, 2001).

**Alumínio** designa um dos elementos químicos da pólvora. Trata-se de um metal em pó, de cor preta ou branco-prateada. É o componente que impregna a roupa e as mãos dos trabalhadores, indicando a atividade que exercem na comunidade.

A forma **alumínio**, assim como a maioria das formas que designam os componentes químicos, está registrada com uma abonação que converge para a que tem ela na localidade: *Metal branco prateado, com número atômico 13, leve, mole, dúctil, resistente a corrosão, com inúmeras aplicações.*

A forma **sulfureto**, registrada unicamente sob a variante **sulfureto**, trata-se de outro componente da pólvora, cuja finalidade parece ser conservar a força da pólvora. Essa lexia é abonada como *combinação do enxofre com substância alcalina* (HOUAISS, 2001), acepção semelhante a que explica o uso dessa lexia para denominar esse produto.

**Salitre** é um dos componentes da pólvora usada nos fogos de propulsão ou de efeito luminoso. Essa forma foi registrada entre os informantes sob as variantes **salito** e **salitro**. Os dicionários o registram como o mesmo que **nitrato de potássio**; este, por sua vez, é abonado como *substância (KNO<sub>3</sub>) usada em fogos de artifícios, explosivos, fósforos, fertilizantes etc.*, acepção que converge para a que documentamos entre os informantes.

Outro componente também usado nesses tipos de fogos é denominado **carvão**. Trata-se de um material feito a partir da queima de madeira, geralmente uma madeira “fofa”, que é pilado e sessado para ser usado como combustível, principalmente do foguete e do foguetinho. Vejamos como o informante descreve esse processo:

O pilão, a peneira, corana... queimar para fazer o carvão que não é todo carvão [madeira] que presta: ou corana ou imbaúba, um dos dois. (...) queima ele no forozinho. Quando tiver todo queimado, a gente pega a folha de banana, cobre ele. Quando ela tá (?), no outro dia, a gente vai e tira ela, já tá seca pra pisar e o salitro para fazer a pólvora. (Inf. 12).

Nos dicionários que servem de referência a esta pesquisa, encontramos as seguintes acepções para essa lexia: *material sólido, de origem mineral ou vegetal, que principalmente consiste em carbono com pequeno percentual de hidrogênio, compostos orgânicos complexos e materiais inorgânicos, muito usado industrialmente como combustível* (HOUAISS, 2001); *Substância combustível, sólida, negra, resultante da combustão incompleta de materiais orgânicos* (FERREIRA, 1999). Apresentam também a forma **carvão vegetal**, como aquele que se obtém da carbonização da madeira, exatamente como documentamos na comunidade.

**Cera** denomina um bolinho sólido resultante do cozimento de parafina, breu e azeite ou óleo (Ver Anexo IV Fig. 17). Trata-se de uma substância usada para untar o cordão com que se amarram as bombas e revestem os arrojós. A cera garante certa aderência do cordão à caixa ou à taboca, como observamos nos trechos abaixo:

(...) e tem a **cera** também que a gente encera o cordão, que é pra poder ele não ficar escorregando no fundo da caixa, que é pra poder (a)marrar. (Inf. 01).

(...) aí temos um produto que se chama **cera** – nós não falamos da **cera** – a **cera** serve para encerar o cordão. Ela é feita de parafina, breu e azeite ou óleo de cozinha... (Inf. 07).

Em Moraes Silva (1948), Ferreira (1999) e Houaiss (2001), dentre outras acepções secundárias, **cera** (< latim *cera*) denomina a substância amarelada e fusível com que são fabricados os favos das abelhas, bem como qualquer substância que tenha propriedades semelhantes às dela. Assim, a acepção que documentamos na comunidade, coincide com a que encontramos nos dicionários.

Para denominar uma substância viscosa e translúcida usada como cola, registramos a lexia **goma**. Trata-se de espécie de papa cozida, uma mistura do polvilho de mandioca ou farinha de trigo e água (Ver Anexo IV Fig. 04). É empregada na confecção das caixas, dos canudos e dos tubos, no enfeite dos fogos ou encaixamento de chavinhas, como demonstram os informantes:

Aí a gente abre numa tábua e passa **goma**. A goma... farinha de trigo, faz tipo uma papa e passa pra poder colar. (Inf. 08).

É farinha de trigo, pode ser também da própria goma de mandioca, mas com a farinha de trigo é melhor de se trabalhar. (Inf. 07).

A acepção que tem **goma**, no *corpus*, está registrada nos dicionários consultados.

**Restolho, pé de tenda e pé de pólvora** são formas variantes para o resíduo de pólvora que fica na mesa onde as bombas são amarradas, conforme declarações abaixo:

Chama **restolho**, isso aí depois a gente aproveita, alguma vez aproveita. (Inf. 10).

**Pé de tenda, pé de pólvora**, muito amarrador juntava escondido pra sessar e vender ou guardar pra fazer um bode antes do São João. (Inf. 11).

A forma **restolho**, de origem incerta, está dicionarizada como regionalismo brasileiro com a mesma acepção que registramos no campo em pesquisa: *resto, depois de tirado o que havia de melhor; conjunto de sobras, de resíduos* (HOUAISS, 2001).

As formas **pé de tenda** e **pé de pólvora** podem ter sua origem explicada a partir de uma das acepções que estão para a lexia pé: *o que resta da uva depois de extraído o vinho*. Na localidade, é comum usar a forma **pé** para denominar o resíduo de determinadas substâncias, como por exemplo, o resto de azeite ou de suco artificial que fica assentado no fundo da garrafa é denominado *pé do azeite* e *pé do suco*.

**Refugo** denomina as caixas que não servem para serem amarradas. Quando não estão perfeitamente enroladas, elas amassam facilmente e, por isso, não são aproveitadas, como afirma o informante:

Aí tem que jogar fora, porque não tem como mais aproveitar; chama **refugo**. (Inf. 10).

A lexia **refugo** está dicionarizada com uma acepção que explica a motivação semântica desta na comunidade: *aquilo que é refugado, resto, rebotalho 'coisa sem valor, restos inúteis'* (FERREIRA, 1999).

## **5.5 Partes, componentes, especificações e medidas**

Compreende o subcampo partes, componentes e medidas os itens lexicais que se referem aos invólucros, às peças que compõem os artefatos, às partes em que se dividem, bem como às medidas usadas pelos trabalhadores na produção dos fogos. As lexias levantadas foram as seguintes:

- Caixa/ caixinha/ caixaria
- Canudo
- Taboca
- Tubo/ cone
- Espoleta ~ palito escorvado
- Fundo/ rabo
- Boca/bico ~ pavio
- Cachopa
- Flecha
- Arrojo
- Broca
- Descarga
- Cabeça
- Bitola
- Pesada

Para denominar as cápsulas (cartuchos) dos fogos que ainda não contêm a pólvora, registramos as lexias **caixa**, **caixinha**, **caixaria**, **canudo**, **canudinho** e **taboca**. A **caixa** ou **caixinha** é o cartucho da bomba. Antes de receber a pólvora, quando ainda se encontra na casa da enroladeira, da enchedeira ou até mesmo na tenda, é denominado **caixa** ou **caixinha**, embora tenha forma cilíndrica:

(...) as **caixinha** a gente leva pra casa das enchedeira de roda tamém. (Inf. 06).

É como eu já lhe disse: vem a **caixa** já pronta que é o papel e o papelão. (Inf. 01).



A **caixa**, **caixinha** da bomba, aquela... a gente chama aqui de **caixa** mesmo, a **caixinha** da bomba... (Inf. 10).

Para a lexia **caixa**, encontramos as seguintes definições nos dicionários: *Recipiente, de ordinário em forma de paralelepípedo rectângulo, com tampa ou sem ela, feito de madeira, metal, papelão, papel ou outro material e que serve para guardar ou transportar objetos* (MORAIS SILVA, 1948); *Recipiente ou receptáculo de madeira, papelão, metal, ou outro material, com tampa ou sem ela, com faces geralmente retangulares ou quadradas, como uma arca, um cofre, um estojo, etc.* (FERREIRA, 1999); *qualquer receptáculo, de madeira, papelão, metal etc., destinado a guardar ou transportar objetos* (HOUAISS, 2001). Pela forma e finalidade que sugerem tais abonações para **caixa**, a motivação do uso dessa lexia para o cartucho da bomba só pode ser compreendida pela etimologia da mesma: segundo A.G. Cunha, ela tem origem no catalão *caixa* ou no provençal *caissa*, derivada do latim *capsa*, uma espécie de caixa redonda em que os romanos guardavam os livros, e que tinha forma de rolo.

A lexia **caixaria**, que denomina o conjunto dessas caixas, encontra-se dicionarizada como *grande porção ou quantidade de caixas*, abonação que converge para a que registramos no *corpus*.

O **canudo** é a denominação para o invólucro da bomba de barro, do traque de barro chuvinha, do foguetinho e do besourinho (Ver Anexo IV Fig. 08). Para a confecção da chuvinha, o **canudo** é enrolado em tamanhos que variam de 15 a 20 cm de comprimento. Já para a bomba de barro, foguetinho e o besourinho, depois de enrolado, o **canudo** é cortado, resultando em pequenos cartuchos de cinco a seis centímetros, conforme observamos na fala do informante:

Ela [a bomba de barro] é feita os **canudos**, os **canudos**, os **canudos** de papéis, ele enrola numa forma de bambu, ou forma de cano de antena, depois corta tudo numa medida certa os canos...(Inf. 01).

A **taboca** é a matéria-prima que serve de base para o componente responsável pela partida do foguete. Corresponde a um pedaço de bambu que, enrolado com cordão encerado, é usado pelo fogueteiro como cápsula.

A **taboca** é aquilo que enrola para fazer o **arrojo**. (Inf. 12).

De acordo com A. G. Cunha (1978), a forma lexical **taboca** tem origem no tupi *ta'woka*, que significa haste oca ou furada de planta, em geral, das espécies gramíneas, como se caracteriza o bambu.

Essa lexia está dicionarizada, dentre outras acepções, como *gomo de bambu que é usado, cheio de pólvora, como foguete caseiro; pistolão* (HOUAISS, 2001). A acepção com que a documentamos no *corpus* converge, portanto, para a que figura no dicionário.

**Tubo** denomina os invólucros do vulcão e do esputinique, que são cápsulas de maior diâmetro do que as cápsulas dos demais. Confeccionado com papelão, o **tubo** do vulcão difere do **tubo** do esputinique apenas pela forma: enquanto este tem uma forma roliça, aquele tem uma forma cônica e, exatamente por isso, também é denominado **cone**, como declara o informante:

Tem o **tubo**, né, que é esse aqui (apontando), que é o do vulcão também chama cone.

(Inf. 03)

De acordo com o informante, o **tubo**, que era confeccionado na própria comunidade, atualmente vem sendo comprado pronto, visto que algumas pessoas estão se dedicando ao fabrico das cápsulas dos fogos na região:

Depois que chega os **tubo** pronto, que às vez a gente mesmo faz, mas agora já tamos comprando pronto na mão de um rapaz que só trabalha com isso: canudo, caixa, cone, essas coisas... (Inf. 03).

De uma maneira geral, os dicionários registram a lexia **tubo** (<latim *tŭbus*) como *qualquer objeto cilíndrico e oco por onde passam líquidos ou gases*. Apenas em Ferreira (1999), encontramos a forma **tubo de fogo**, cuja acepção se aproxima daquela que documentamos no campo em pesquisa: *Dispositivo destinado à iniciação de artificios pirotécnicos, constituído por um tubo cilíndrico de papel em cujo fundo se põe uma camada de polvorim e, acima desta, uma mistura de sulfonitro e polvorim*.

**Cone** denomina apenas a cápsula do vulcão. Trata-se de um tubo afunilado na extremidade, pela qual saem as lavas de artefato, produzindo um efeito que se assemelha ao do vulcão quando entra em erupção.

A forma **cone** (< latim *conu*), no uso geral da língua portuguesa, é usada para denominar qualquer objeto ou figura que tenha forma afunilada. Os dicionários consultados não registram a acepção para cone que documentamos na localidade, porém registram a forma *cone vulcânico*, que, conforme Ferreira (2001), é a *acumulação coniforme, em torno da cratera, dos produtos lançados pelo vulcão*. Como observamos, o formato da cápsula é a motivação para essa lexia no campo.

**Espoleta** denomina o palito com escorva que serve de estopim para a bomba chilena e o estalo. Trata-se de um palito comum, semelhante ao palito de fósforo, quase totalmente envolvido com uma massa explosiva (Ver Anexo IV Fig. 30). É utilizado para comunicar

fogo à carga de pólvora contida na bomba e no estalo. A este componente também se atribuem as formas **palito escorvado** ou simplesmente **palito**, em contraposição à forma **palito branco**, ou seja, que ainda não recebeu a massa de escorva. Vejamos como a **espoleta** é definida pelos informantes:

É esse **palito branco** aqui que a gente dá uma massinha vermelha nela imitando a massa do palito de fosco. Depois que ele seca, aí a gente pode (a)marrar bomba, tá pronta a bomba. (Inf. 02).

(...) que é o que a gente chama aqui... **palito**, a gente chama **espoleta**, chama é... isso mesmo **espoleta** ou **palito** que a gente chama. (Inf. 01).

A lexia **espoleta** está registrada em Moraes Silva (1948) apenas como artifício de guerra. Porém, em Ferreira (1999) e Houaiss (2001), encontramos essa forma registrada como artifício de pirotecnia, que tem como função inflamar a carga explosiva dos fogos.

Conforme A. G. Cunha, **espoleta** tem origem no italiano *spoletta*, que denomina a *escorva das bocas de fogo*.

**Fundo** denomina uma das extremidades do canudo e da caixa que é fechada antes de estes receberem a carga explosiva. Corresponde à extremidade que se opõe à **boca**. Na bomba, esta parte é definida na enrolação, quando, ao tirar o *rolinho* da forma, a enroladeira aperta-lhe a borda demarcada pela cartolina, sendo esta maior que a **boca**; além disso, na amarração, ao formar o receptáculo, também se define o fundo. Vejamos o que diz o informante ao responder o que é que define **boca** e **fundo** da **bomba**:

É só dividir o papel: pega o papel e bota o papelão, que se chama papelão ou cartolina, bota e bota a forminha. Agora tem que dividir o papel certinho pra que fique igual **boca**

e **fundo**. (...) É o cordão, quando a gente for (a)marrar. O **fundo** é a parte que (a)marra primeiro sem dinamite e a **boca** é quando a gente amarra já com o palitinho... (Inf. 07).

No **canudo**, o **fundo** é feito com a dobradura das bordas do próprio **canudo**, como explica o informante:

Chuvinha, enrola o canudo, depois fecha o **fundo** com a ponta da tesoura, todo pra dentro. (Inf. 11).

A **boca** corresponde à extremidade do canudo e da caixa por onde se deposita a carga explosiva e se coloca o estopim. Esta parte, depois que recebe o estopim, passa a ser denominada **bico**, conforme descreve o informante:

(...) abro a **boca** [da bomba], preparo a pólvora pros meninos (a)marrar o **bico**. (Inf. 05).

(...) depois pega, (a)marra, coloca o palito, (a)marra o **bico**, tudo isso. (Inf. 05)

**Bico** da bomba, porque tem o **palito**. (Inf. 11).

Há informantes que fazem ainda a distinção entre **fundo** e **rabo** no que se refere à bomba, mas não emprega a forma **bico** para designar a parte que contém a espoleta (Ver Anexo IV Fig. 18), como observamos abaixo:

(...) a **boca** é menor do que o **rabo**. Aí tem esses dois nomes: **boca** e **fundo** ou **rabo** e **boca**, os dois. **Boca** e **fundo** é antes de (a)marrar: **boca** e **fundo**. Depois que (a)marra, fica o **rabo** e a **boca**; é que o **rabo** é quando machuca aquele pedaço de papel, aí chama

**rabo. Boca e fundo** é porque ela tá toda tipo um canudo aberto (?). Depois que (a)marra, se chama **rabo**, que fez um **rabo**. (Inf. 10).

De um modo geral, **fundo** (< latim *fundus* ‘fundo’) é uma designação consagrada na língua portuguesa para o lado oposto da abertura de qualquer objeto, como *fundo do vaso*, *fundo da jarra*, *fundo do copo*. Nos dicionários, não encontramos uma acepção especificamente relacionada a uma das partes dos artigos pirotécnicos.

A lexia **rabo** (< latim *rapum* ‘rápão’), que denomina o **fundo** depois de amarrado, está dicionarizada como *cauda*, *apêndice de pena* (FERREIRA, 1999; HOUAISS, 2001). A motivação semântica para essa lexia pode ser perfeitamente compreendida pela semelhança entre essa extremidade da bomba e a cauda das aves; na extremidade, a partir do ponto em que se aperta o nó, forma-se uma espécie de apêndice triangular semelhante ao rabo das aves (Ver Anexo IV Fig. 18).

A lexia **boca** (< latim *bucca*) é uma forma consagrada, no uso geral da língua portuguesa, para denominar a abertura de qualquer recipiente ou objeto oco. Os dicionários não apresentam para ela uma acepção peculiar a fogos de artifício. Neste caso, parece ter ocorrido o mesmo processo que ocorreu com a forma lexical **fundo**.

A forma **bico** (< latim *beccus* ‘bico’) está dicionarizada como *saliência córnea da boca dos animais* e, por extensão de sentido, encontra-se registrada como regionalismo brasileiro designando a *extremidade do canal pelo qual sai o pavio do candeeiro*, acepção que explica a motivação semântica para o emprego dessa lexia, visto que o **bico** da bomba é a parte em que se encontra a espoleta, que é o **pavio** da bomba, como demonstra o informante:

(...) a gente (a)marra já com o palitinho, que chama também **pavio**, muita gente conhece por **pavio**. (Inf. 07).

**Arrojo** é a lexia usada para designar a taboca já devidamente envolvida pelo cordão encerado (Ver Anexo IV Fig. 29). Ele contém o barro socado e as pólvoras fraca e forte. O **arrojo** é o componente que dá partida ao foguete, fazendo-o subir. No uso geral, essa lexia denomina a ação ou efeito de arrojear-(se), lançar-(se), atirar-(se), arremessar-(se). Sendo o **arrojo** a peça que faz com que o **foguete** seja lançado, a relação metafórica motivou o significado da palavra no campo em pesquisa. O informante 12 assim o descreve:

O **arrojo** dele [do foguete] é feito de bambu. (...) O **arrojo** é que vai botar a **pólvora** dentro dele. (...) Aqui, aqui é o **arrojo**, né, aqui é enrolado de cordão. (Inf. 12).

Ferreira (1999) e Houaiss (2001) não registram **arrojo** com a acepção que documentamos na comunidade. Apenas em Morais Silva (1948), que a registra como provincianismo minhoto, encontramos uma acepção que converge para aquela que figura no *corpus*: *pau grosso com que se atira, como arma de arremesso; qualquer projétil que se arremessa*. Conforme A. G. Cunha, a forma **arrojo** tem origem no castelhano *arrojar* ‘arrastar’, ‘atirar’, ‘arremessar’.

A lexia **cachopa** (ó) denomina uma espécie de bolsa de papel onde são depositadas as bombas do foguete. A **cachopa** é feita de papel pardo, tem formato de um saquinho com o fundo amarrado. Para fechá-la, o fogueteiro torce-lhe a *boca*. Amarrada ao arrojo que, por sua vez, prende-se a uma haste *linheira*, a **cachopa** se assemelha a uma inflorescência (Ver Anexo IV Fig. 28). Vejamos a declaração do informante que utiliza essa lexia:

Pega uma **cachopa** maior, bota aqui dentro nele, amarra o cordão, aqui dentro da **cachopinha** bota uma colher de pólvora fraca aqui dentro e pega as **bomba** e vai colocando aqui dentro e torce, torce... (...) Daqui pra cima já é a **cachopa**, o lugar das **bomba**. Tocou fogo aqui, xiiiiiii! Vai embora. (Inf. 12).

**Cachopa**, tal como realizada pelo informante, encontra-se registrada em Houaiss (2001) como regionalismo madeirense que designa *o cacho (conjunto) de flores na extremidade de um ramo*. Com o mesmo sema, Ferreira (1999) registra a forma cachopa (ô) como brasileirismo do Rio Grande do Sul, proveniente da ilha da Madeira. De origem controversa, segundo A. G. Cunha, essa lexia pode estar relacionada a cacho.

**Flecha** é o termo empregado para denominar uma haste “linheira” feita de “cana-brava”, “carrapicho”, “aticum”, utilizada no foguete, ou de lasca de bambu, utilizada no foguetinho, à qual é amarrada a peça explosiva do artefato (Ver Anexo IV Fig. 20 e 21). Trata-se da peça que sustenta o foguete e o foguetinho em sua ascensão, como afirma o informante:

É importante pro foguete, senão ele não tem como subir que não seja a **flecha**. (Inf. 12).

Pelo que observamos, pode haver duas motivações para o uso dessa lexia. No uso geral da língua portuguesa, **flecha** é a designação para *arma de arremesso*. Os dicionários também registram essa forma para *cana-brava* ou *cana-do-rio*, cuja haste é a própria **flecha** usada pelo fogueteiro na confecção do artefato. Considerando que essa haste é a peça que dá equilíbrio ao foguete e ao foguetinho para subirem, é o componente responsável pelo seu arremesso, pode-se observar que a comparação entre os dois referentes, cujas *performances* e aparência são semelhantes, motivou essa lexia no campo em estudo.

Para denominar o orifício onde se coloca a pólvora forte do foguete e do foguetinho registramos a lexia **broca**. Depois de embuchado o arrojão, o fogueteiro faz o furo no barro para depositar a pólvora, como descreve o informante:

Aí embucha, bota o barro ou duas vez de barro e aí faz a pólvora fraca dele subir, né ?

Vai botar dentro e bate (...) pisando, pisa, pisa, pisa, bate até chegar a boquinha certa.

Quando chega a boca [do arrojão] certa... vai brocar. (...) furar o buraquinho dele no



barro. Aí chama **broca**, né, faz uma **brocazinha**. Que ele tiver uma polegada de *bichinho*, a **broca** a broca vai ser dividida em três, quatro partes ou em três, até chegar naquele tamanho certo que eu dividi. (Inf. 12).

A lexia **broca** (< francês *boucle*) está registrada nos dicionários como *instrumento para abrir buracos; pua*. Os dicionários também a registram como *qualquer orifício, furo, buraco*, ou seja, o efeito causado pelo instrumento de mesmo nome. Daí a motivação semântica para essa lexia.

**Descarga** é o termo usado para designar o tiro ou a carga do **foguete**. Assim, conforme o número de tiros ou bombas, tem-se o foguete de uma **descarga**, de duas **descargas** ou de três **descargas**. A essa lexia, no entanto, foi acrescentado o traço [+ tipo de foguete], conforme define o informante:

**Descarga** é o nome do foguete, né? Aí chama **duas descarga**. Tem o foguete comum [o de uma descarga], foguete de duas bomba, foguete de três bomba, foguete de quatro bomba, foguete de três **descarga**, de duas, de uma... (Inf. 12).

Nos dicionários, essa lexia está registrada como *ação ou efeito de descarregar; descarregamento; tiro de espingarda, revólver, canhão, etc* - acepções não muito distantes daquela que tem para o fogueteiro.

Para denominar a carga responsável pelo tiro do foguetinho, documentamos a forma **cabeça**. Corresponde ao componente em que se encontra a pólvora forte, que explode com estampido quando o artefato se encontra no ar. É depositada na broca, acima da pólvora fraca que dá propulsão ao foguetinho. Vejamos, para ilustrar, a descrição do informante:

Vai pra tenda, aí lá termina o resto: bota o tiro, bota a **cabeça**. (...) **Cabeça**, quer dizer, é no lugar em que tá a broca, que vai ficar ali a pólvora... (Inf. 11).

Por analogia à extremidade do corpo humano que contém o crânio e a face, a lexia **cabeça** (< latim vul. *capitia*) incorporou vários matizes semânticos, dentre eles, *extremidade maior, superior ou anterior de qualquer corpo, objeto ou estrutura*, como a *cabeça do prego* e *cabeça do martelo* (HOUAISS, 2001). O traço semântico [+ extremidade superior] justifica o uso da forma **cabeça** para denominar essa parte da peça explosiva do foguetinho.

**Bitola** é a denominação para o diâmetro da caixa da bomba e dos canudos. A **bitola** é padronizada pela forma (ô) que as enroladeiras usam na confecção das cápsulas, como explica o informante:

(...) que seja bambu ou aqueles tubozinhos de antena de televisão, vai da **bitola** da bomba: a número um tem que ser uma forminha mais fina; a número quatro, uma mais grossa; a número seis, outra forma mais grossa. (Inf. 10).

De origem controversa, a lexia **bitola** está dicionarizada com as seguintes acepções: *medida-padrão usada na construção ou na indústria; grossura do cabo medida pela circunferência; diâmetro do vergalhão de que se faz uma amarra* (HOUAISS, 2001). Tais acepções coincidem com aquela que tem a lexia na localidade.

**Pesada** refere-se à quantidade de pólvora que geralmente é preparada para o uso em um dia de trabalho. Conforme a produção, há quem prepare apenas meia **pesada** por dia. Uma **pesada** é assim definida pelo informante:

(...) são cinco quilos de clorato de potássio, a gente usa aqui um quilo e trezentos ou um quilo e meio de alumínio, um quilo de enxofre e o sulforeto, a gente usa trezentos

gramas, tem gente que usa meio quilo, mas o alumínio sendo bomba, usa trezentos gramas. (Inf. 01).

Conforme Ferreira (1999), **pesada** é *aquilo que se pesa de uma vez na balança* ou *pesagem*, acepções que justificam a motivação dessa forma no campo investigado.

## 5.6 Instrumentos e peças

O subcampo instrumentos e peças reúne todas as denominações de objetos, ferramentas, utensílios e estruturas, móveis ou peças empregados no processo de fabricação dos artefatos pelos trabalhadores. Assim, foram documentadas as lexias:

- Forma (ô)
- Esponja
- Cavalete
- Roda
- Tabuleiro
- Encosto ~ encostador
- Espontão ~ abridor
- Tabela/ banguço ~ bangoço
- Raque
- Paleta
- Pilão
- Broca
- Banca

- Banquinha

A **forma** (ô) é uma lexia usada para denominar um molde usado para enrolar as caixas e os canudos (Ver Anexo IV Fig. 04), bem como uma espécie de caixa de madeira usada para fazer a embalagem das chavinhas (Ver Anexo IV Fig. 27). De acordo com o tamanho da caixa e do canudo, pode ser feita de bambu, haste de antena ou um lápis, conforme definem os informantes:

É uma varetinha de bambu que a gente chama **forma** e que enrola a caixinha. Pode ser um bambu, pode ser um lápis, pode ser um elemento de televisão, depende da grossura da bomba que você queira: cada bomba tem uma forma diferente... (Inf. 07).

Ali pra fazer a caixinha é uma **forma**. Digamos ou que seja de bambu ou de antena de televisão, agora sendo que a **forma**, que seja de bambu ou aqueles tubozinhos de antena de televisão, vai da bitola da bomba... (Inf. 10).

**Forma** de bambu ou perna de antena. Tira as varinhas de bambu das bem fininhas, raspa e corta os pedacinho no tamanho de quinze centímetros ou pra bomba ou pra chavinha. Outros usa também essas pernas de antena de televisão, essa antena comum. (Inf. 11).

No uso geral da língua portuguesa, **forma** (ô) (< latim *forma(ó)* >(ô)) é a designação para qualquer objeto com um espaço vazio, no qual se despeja alguma matéria, a fim de modelá-la, reproduzindo um formato, como a *forma de bolo*, a *forma de gelo*, etc. Tal abonação converge para aquela que tem a **forma** (ô) usada para encaixar a chavinha na localidade. A **forma** (ô) usada para enrolar possui um formato roliço, não coincidindo com nenhuma das abonações

encontradas nos dicionários, porém a motivação para o uso dessa lexia justifica-se pela finalidade do objeto: dar ao papel a forma de canudo.

Outro objeto usado na enrolação denomina-se **esponja** (latim *spongia*). Era usada para passar a goma no papel e foi substituída pela escova de dente, pois a **esponja**, por ser de pano, acumulava a goma e endurecia, dificultando a sua limpeza. Vejamos como se fazia a esponja:

(...) antes se fazia era uma **esponja**, né, chamava **esponja**, pegava uns paninho pequeno, botava outro maior por fora e amarrava de cordão, fazia como... tipo o que... uma peteca, certo? (Inf. 07).

Hoje não se usa mais (...) pega um pedaço de pano grosso e junta outros dentro, amarra tipo uma peteca e corre na goma. Chama **esponja**. (Inf. 11).

Embora o material com que a enroladeira fazia a **esponja** não fosse esponjoso, a acepção que documentamos para a lexia **esponja**, no *corpus*, converge, pela sua finalidade, para esta acepção, dentre outras que encontramos nos dicionários consultados: *qualquer objeto esponjoso usado para ensaboar, limpar, espalhar pó ou líquido etc.* (HOUAISS, 2001).

O **cavalete** é uma peça de quatro pés interligados no vértice por uma barra de madeira, onde são afixados dois pregos (Ver Anexo IV Fig. 05). Nesses pregos, a enroladeira prende o cordão encerado para amarrar os fundos das caixas, como declara o informante:

**Cavalete**, a gente faz um **cavalete**, coloca esses pregos e aí **encera** o cordão. (Inf. 08).

Os dicionários não abonam **cavalete** (< italiano *cavalléto*) com a acepção específica do campo em estudo, mas encontramos uma acepção que explica o uso dessa forma para designar

o instrumento de trabalho da enroladeira: *Armação ou banquetta para apoiar as peças em que trabalham marceneiros, carpinteiros, mecânicos, etc.* (FERREIRA, 1999).

**Roda** (< latim *rota*) é uma peça feita de lâmina de madeira, em forma circular, na qual são colocadas as caixas das bombas (Ver Anexo IV Fig. 07). Depois de *cheia e apertada*, a **roda** é levada para a tenda onde as caixas recebem a pólvora. Ela permite encher de pólvora várias caixas ao mesmo tempo. Vejamos como ela é feita:

Essa **roda** é feita... a gente usa aqui geralmente *eucatex* [marca de lâmina de madeira] , a gente serra ela. *Eucatex* vem a folha tamanho, se eu não me engano, tamanho 1,50 cm por 1,50 cm, acho que é 1,50m<sup>2</sup>. A gente serra ela, tira as tirinhas, depois a gente prega com brocha... (Inf. 01).

No uso geral da língua portuguesa, essa lexia designa qualquer objeto circular ou elementos distribuídos em forma ou função de círculo. No campo em estudo, o formato da peça motivou a lexia.

Embora se trate de uma peça muito simples, os relatos demonstram que a invenção da **roda** melhorou bastante o trabalho dos fogueteiros, evitando o desperdício da pólvora e economizando tempo, como afirmam os informantes:

Antes, antes, há uns quarenta anos atrás era enchida de uma a uma , com uma forminha: metia a forminha na pólvora e enchia as bomba de uma a uma e hoje em dia não. Nego aprendeu fazer a **roda** e aumenta muito mais o serviço, né? (...) porque antes era enchido de uma a uma, a mão-de-obra era mais difícil. (Inf. 10).

Em outros tempos, o processo de enchimento de pólvora era mais lento, principalmente porque se enchiam as caixas individualmente para, em seguida, acomodá-las numa peça

quadrada ornada por uma borda, a que denominavam **tabuleiro**. Para ilustrar, vejamos as descrições dos informantes:

Mudou, porque antes não existia a **roda**, era... enchia num **tabuleiro**, na mão . Enchia na mão e colocava num **tabuleiro**. **Tabuleiro** é uma tauba grande que tinha assim (gestos) quatro lado, quadrado, aí a gente ia encheno e botano no **tabuleiro**. Aí era complicado, porque uma pessoa ia pegar assim (gestos) com a mão, derramava... Hoje em dia não, existe a **roda** que já vai certo pro lugar onde tá (a) marrando. (Inf. 08).

Esse **tabuleiro** era pra encher os traque, botar tudo em pezinho, né? (...) Fazia os pacotinhos, botava no **tabuleiro**... (Inf. 12).

(...) tinha um **tabuleiro** assim (gestos), aí ia enchendo e botano num **tabuleiro**, que em vez de ir na **roda**, como hoje, ia num **tabuleiro** antigamente, chamava **tabuleiro**... (Inf. 10).

O **tabuleiro** perdeu a utilidade na tenda, fazendo também com que a lexia entrasse em desuso na comunidade. Apenas informantes das faixas etárias 2 e 3 fizeram uso dessa forma em seus relatos, por terem usado a peça ou por a terem visto quando criança.

Outros tipos de fogos como o traque, foguetinho e o besourinho também eram enchidos individualmente. Inspirados na roda, os fabricantes desses artefatos passaram a enchê-los em feixes amarrados com cordão ou elástico, assemelhando-se à roda.

O **encostador** ou **encosto** denomina um suporte utilizado pela **enchedeira** para apoiar a roda, de maneira que esta fique inclinada. Trata-se de um quadrado de madeira, com bordas nas laterais e na parte inferior, bem como duas pernas na parte posterior, como define o informante:

Tem o **encosto**, o **encosto** quer dizer um tabuleiro com duas pernazinhas que chama... a gente chama aqui de **encosto** mesmo. (inf. 10).

Colocar na roda é o mais fácil que tem. As caixarias já tá prontinha; temos uma tábua que chama-se... é **encostador**. **Encostador** e aí vai colocando as bombinhas, as **caixarias** já pronta. (Inf. 07).

Outro informante assim explica para que serve essa peça:

Pra colocar a roda e colocar a bombinha dentro da roda. (Inf. 08).

**Encosto** está dicionarizado como *lugar ou objeto em que alguém ou alguma coisa pode encostar-se*. Já **encostador** é abonado *como relativo a ou o que encosta* (HOUAISS, 2001). O uso dessas duas formas para denominar a peça pode ser compreendido pela finalidade que ela tem na comunidade, ou seja, apoiar, sustentar a roda enquanto se processa o enchimento desta. (Ver. Anexo IV Fig. 09).

Além do **encosto**, outra peça usada pela enchedeira é o **espontão** ou **abridor** (Ver Anexo IV Fig. 10). Trata-se de uma grande palito pontiagudo de madeira que serve para abrir as bocas das caixas, bem como apertá-las na roda, como declaram os informantes:

(...) panha uma palito pra abrir a boca que chama assim... um **espontão**, pra abrir.

**Espontão**, né, um pedaço de pau com ponta. É... chama aqui é **espontão** mesmo. Aí abre a boca da bomba e... (Inf. 10).

(...) pega um **abridor** feito de madeira com a ponta bem fina pra abrir a boca e apertar. (Inf. 11).



A motivação semântica para a forma **espontão** pode ser compreendida pela própria explicação do informante:

É porque ele tem uma ponta fina, essa madeira tem uma parte mais grossa, a parte de cima e a outra mais fina, tipo uma agulha, né, e aí é por isso que se chama **espontão**, pra abrir a boca das bombas que tão entupida. Chama-se **espontão**. (Inf. 10).

Conforme Houaiss (2001), **espontão** denominava uma meia lança usada pelos oficiais de infantaria até o século XIX, que, provavelmente, foi introduzido no português por influência do francês *sponton* ‘meia ponta’. Já a forma **abridor**, *aquele ou aquilo que abre* (FERREIRA, 1999), tem sua motivação semântica na finalidade da peça: abrir a boca das bombas.

A lexia **raque** denomina uma peça circular de madeira munida de cabo, contornada por uma borracha. Com ela, coloca-se a pólvora nas caixas devidamente arrumadas na roda. Assim como a roda, a introdução dessa peça também trouxe vantagens ao trabalho do fogueteiro, como economia de tempo e material. Vejamos a descrição que os informantes fazem da peça e do seu manuseio:

Depois da pólvora pronta, aí cê pega essa roda: que tem uma peça de madeira, de tauba, tipo uma roda, tipo um pneu de carro, menor, certo? E chama-se a **raque**; essa peça é usada pra botar a pólvora dentro da bomba, chama **raque**. Ele é redondo com borracha de panela de pressão por cima. Passa, tira o excesso de pólvora que tem, fica todo igual, no **raque** a pólvora fica todo igual. Aí cê vem com a roda e encaixa em cima do **raque**, né, esse **raque** é feito de tauba pra colocar pólvora dentro da bomba, dentro das **roda**, das bombas. (Inf. 10).

É, o, a **raque** é onde a gente coloca a pólvora pra depois que a roda já tiver com bomba já pura, vem pra cima da **raque** pra pegar a pólvora. (Inf. 01).

Bota numa **raque**, (...) agora coloca a roda já cheia de bomba, emborca, né, como se a gente fosse tirar um bolo de uma forma certo? Aí vira novamente, a pólvora já cai toda dentro da bombinha. (Inf. 07).

Pelos relatos acima, verificamos que não há uma definição no que se refere ao gênero gramatical da lexia **raque**: ora empregada no feminino ora no masculino no discurso de um mesmo informante. Mas no *corpus* como um todo, verificamos que o gênero gramatical predominante é o feminino. Acreditamos que a dúvida quanto ao gênero, para o informante, reside na relação que ele faz entre essa lexia e a sua homônima que designa um pequeno móvel onde se colocam os aparelhos eletrônicos, cujo gênero é o masculino, conforme Luft (2000).

Para esta forma, encontramos as seguintes abonações: *Conjunto formado por coluna vertebral e partes moles dispostas posteriormente a esta; eixo da inflorescência; eixo da pena das aves* (FERREIRA, 1999). Tais acepções não se aproximam daquela observada nas entrevistas e conversas informais. Acreditamos que, por ser esta uma peça cuja forma se assemelha a uma raquete de tênis (Ver Anexo IV Fig. 15), em um dado momento, foi denominada **raquete** (< francês *raquette* < latim medieval *rasceta* ‘palma da mão’) e, talvez, por economia lingüística, passou por um processo de redução, prevalecendo então a forma **raque**. Durante a gravação dos inquéritos, não registramos a forma *raquete*, mas ouvimos um circunstante lembrar ao informante: “E a **raquete**?”. Parecia que o circunstante queria lembrar-lhe desse objeto importante no processo de fabricação de fogos do qual ele não deveria deixar de falar. Assim, compreendemos que essa forma pode ter originado a lexia **raque**.

Para denominar uma peça retangular de borracha, perfurada, onde são colocados os palitos brancos que servirão de estopim, após serem envolvidos com o material explosivo, documentamos a lexia **tabela** (< latim *tabella*). Vejamos como ela é feita:

Essa **tabela** é usada pra fazer sola de sandália e outros produtos que não sei bem direito. A gente compra ela em folha em quilo, vem as folhas grande em quilo, chega aqui a gente compra por quilo. Chega aqui a gente passa ela pro cortador; o mesmo cortador de papel corta **tabela**. A gente manda pra casa das mulheres, pra casa das mullheres ou meninos que que tá... não tem nada pra fazer. Pra furar, a gente tem um furadorzinho específico pra fazer isso. Ele vai furando uma por uma. São... cada **tabela**, no mínimo, pega duzentos a duzentos e cinqüenta furos. (Inf. 01).

Vem **tabela**, **tabela** é um pedaço de plástico, de borracha furadinha, com os palitos em pé... (Inf. 10).

Para furar a **tabela**, riscam-se listras na vertical e na horizontal, de maneira que, no ponto em que estas se cruzam, é feito o furo. Dessa forma, os furos formam vários quadrinhos contínuos na **tabela**.

Essa peça constitui mais uma das inovações dos fogueteiros para garantir produtividade no seu trabalho. Antigamente, para enfiar os palitos, eles usavam o caule da bananeira, que era cortado em rodela grossas, como explicita o informante:

Palito mesmo enfiava no miolo da banana, aí apareceu a **tabela**, que é de plástico [borracha]. Era **bangoço**; **banguço** ou **bangoço**, acho que era **bangoço**. (Inf. 08).

Por ser um caule maciço, com o próprio palito eram feitos os furos e, assim os **bangoços** eram usados várias vezes. Porém, estas não duravam muito e logo tinham que ser substituídos por outros, obrigando o fogueteiro a novamente dedicar tempo ao corte do caule da bananeira.

A forma **bangoço** não está dicionarizada, porém está documentada na Carta 32 do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), como denominação para a parte terminal da inflorescência da bananeira, empregada na localidade 22, Jequiçá, também situada no Recôncavo Sul baiano.

**Tabela** (< latim *tabella* ‘pequena tábua’), além das diversas acepções que tem, denomina, nas artes gráficas, um *quadro composto de linhas e colunas que, separadas por filetes, formam casas em que se acham contidas palavras e algarismos* (HOUAISS, 2001). No campo em estudo, a peça também corresponde a um quadro com subdivisões semelhantes a essas casas. Assim o aspecto da peça pode ter motivado a denominação.

A forma **paleta** ocorre no *corpus* com as variações **palheta**, **paetinha** e **paletazinha**, com diferentes matizes, porém com o mesmo fundo semântico. **Paleta** é forma para denominar uma peça feita com tubo plástico cortado ao meio (Ver Anexo IV Fig. 16), com a qual se espalha a pólvora na raque, conforme o depoimento do informante:

(...) a gente bota a **pólvora**, espalha com uma **paetinha** que se chama... como, meu Deus, que se chama aquilo ali? É uma **paleta** mesmo. É feita de cano de água, cano de esgoto, é porque o de água é muito... muito fino; tem que ser um de 75; gente abre e faz aquela **paetinha** pra passar na... no **raque**... (Inf. 07).

**Paleta** também é a denominação para a peça de madeira usada para mexer a massa de palito (Ver Anexo IV Fig. 11):

A bacia, uma bacia plástica, um balde, um pedacinho de tábua pra mexer ela... Uma **palheta**, a gente dá o nome de **palheta**. (Inf. 02).

Essa forma lexical ocorre ainda para denominar a peça com que, antigamente, se enchiam as bombas e os traques individualmente:

(...) enchia de uma a uma na **paetinha** e depois metia o martelinho, né? (Inf. 12).

(...) se fazia um punhado assim [gesto] na mão, né, entendeu? Um punhado, enchia a mão assim [gesto] que desse pra pegar e, com a **paletazinha**, tinha uma **paletazinha** ou colher de plástico e ia enchendo de uma a uma. (Inf. 10).

A lexia **paleta** (< italiano *palleta* ‘pequena pá’) está dicionarizada como *placa oval ou retangular, em geral de madeira, que tem um orifício onde se enfia o polegar, e sobre a qual os pintores dispõem e misturam as tintas*. De acordo com Ferreira (1999) e Houaiss (2001) **palheta** é a forma alterada de **paleta** que está dicionarizada como qualquer lâmina ou espátula para uso específico, acepção que converge para a que tem a lexia na comunidade.

**Pilão** é um instrumento de madeira com o qual o **fogueteiro** pisa o carvão para preparar a pólvora do foguete, conforme descreve o informante:

Pisa o carvão. Depois bota o salitro. Pisa tudo para fazer a pólvora. O **pilão**, a peneira, corana, queimar pra fazer o carvão que não é todo carvão que presta. (Inf. 10).

Além de várias outras acepções, Ferreira (1999) e Houaiss (2001) abonam **pilão**, enquanto africanismo e brasileirismo, como recipiente usado para descascar e triturar arroz, café, milho, etc., coincidindo, assim, com a acepção que tem essa forma na comunidade.

De acordo com Houaiss, a forma pode ter sua origem no francês *pilon* 'instrumento com que se pila', derivada de *piler* 'reduzir a pequenos fragmentos, pilar', do latim tardio *pilare*.

Para denominar a mesa em que os trabalhadores amarram as bombas, documentamos a lexia **banca**. Trata-se de uma mesa grande, retangular, geralmente de pernas fincadas no chão para evitar abalos devido aos movimentos dos trabalhadores durante o processo de amarração.

O informante assim a descreve:

**Banca**, “vou marrar bomba na **banca**”, né, amarrar bomba. Na banca tem o quê... dois pregos, mais ou menos 30 centímetros de um para o outro, né, aonde aí uma banca dessa ou mesa dessa pega o quê... quatro ou cinco pessoa trabalhano, pra amarrar o palito. (Inf. 10).

Na **banca** são dispostos ainda o palito escorvado (a espoleta) e as caixas das bombas cheias de pólvora, bem à mão do amarrador, nas laterais posteriores ao cordão encerado nos pregos.

**Banca** (< italiano *banca* ‘assento’, banco’) está dicionarizada com uma acepção que coincide com a acepção que registramos entre os falantes: *mesa dotada de dispositivos adequados a trabalhos de oficina* (HOUAISS, 2001).

**Banquinha** é a forma para designar uma pequena mesa em que os fogos são vendidos *a retalhos* na feira ou nas pontas de ruas. Na **banquinha**, geralmente são vendidos fogos para crianças, aqueles que não oferecem riscos de explosão.

Vende às crianças na **banquinha**, tipo assim uma **banquinha** de queimado, de bombons, esses tipos assim. (Inf. 05).

Morais Silva (1948) registra **banquinha** como *pequena banca*. **Banca**, por sua vez, para Ferreira (1999), é um termo brasileiro que corresponde, nos mercados e feiras livres à *instalação onde é exposta a mercadoria; banca de legumes*. Houaiss (2001), não se distanciando dessa acepção, a registra como *mesa rústica ou improvisada, geralmente um estrado sobre cavaletes, em que feirantes, mercadistas, camelôs etc. expõem suas mercadorias*.

## 6 Considerações finais

Sendo a língua o meio através do qual os homens recriam a realidade, interpretando-a e transmitindo-a aos demais, o nível lexical é o que revela mais precisamente os diversos modos de pensamento e organização de cada comunidade. Por isso, investigar o léxico dentro do contexto sócio-histórico-econômico dessa comunidade se faz necessário a fim de garantir o registro das formas lingüísticas diversas em que estão impressas as marcas de sua cultura.

Para denominar os objetos, as ações e os produtos que fazem parte do universo dos fogos, o trabalhador se utiliza dos mais diversos recursos lingüísticos. Através deste estudo, verificamos que a maioria dos itens lexicais empregados para denominar as coisas que o cercam e que são necessárias para o desenvolvimento de sua atividade, no dia-a-dia, tem sua origem em formas já existentes na língua. No processo de reelaboração do léxico, o significado de algumas dessas formas foi ampliado pelo trabalhador. À luz dos pressupostos explicitados no capítulo 4, procuramos registrá-las e descrevê-las por considerá-las representativas dentro do campo em pesquisa.

No que se refere aos fatores lingüísticos, de um modo geral, observamos que o léxico empregado pela comunidade apresenta:

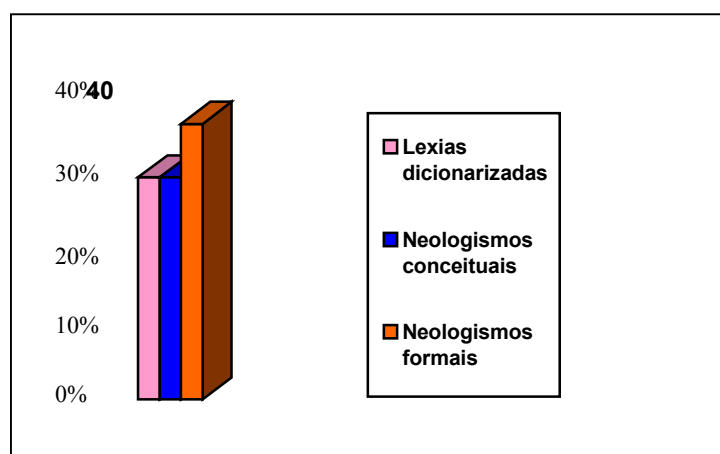
- a) variações fonéticas, como em *(a)marrador, sulforeto, colorato, banguço; polva;*
- b) variações lexicais, como *abridor ~ espontão, estalo ~ traque, traque de barro ~ traque de tição ~ traque de canudo, espoleta ~ palito escorvado; besouro ~ corisco;*
- c) variações semânticas, como em *forma* (1. caixa quadrada de madeira para fazer o invólucro das chavinha; 2. vareta de bambu para enrolar os canudos) e *paleta* (1. instrumento de madeira para mexer a massa de palito; 2. espécie de canaleta plástica



para espalhar a pólvora; 3. espécie de medida (recipiente) feita de bambu para colocar pólvora individualmente nas bombas;

- d) variações morfossintáticas, como em *a raque ~ o raque*, *os fogos ~ o fogos*, *encosto ~ encostador*.

A análise léxico-semântica nos permitiu verificar que o léxico empregado pelo trabalhador na produção de fogos compõe-se tanto de formas já dicionarizadas com o mesmo sentido documentado na localidade quanto de criações neológicas. De acordo com Biderman (2001), há dois tipos de criações neológicas: conceituais e formais. As primeiras correspondem às lexias já existentes na língua, às quais foi incorporada uma nova acepção. As segundas referem-se às lexias novas introduzidas na língua, que podem ser derivadas de outras já existentes. Elas podem ser empréstimos estrangeiros, lexias complexas ou expressões idiomáticas. A figura a seguir demonstra o percentual de ocorrências dessas lexias no campo em pesquisa.



**Figura 1** – Índice de lexias dicionarizadas e neologismos.

Das 114 lexias analisadas, 31,6% estão dicionarizadas com o mesmo sentido registrado na fala dos informantes; 31,6% correspondem a neologismos formais e 36,8% são neologismos

conceituais. Considerando os dois últimos percentuais, verificamos que o léxico em estudo compõe-se, em sua maioria, de criações neológicas.

Assim, de um modo geral, observamos que o léxico objeto de nossa investigação caracteriza-se pelo:

- a) emprego de processos onomatopaicos, já fixados na língua, como em *bomba (bomb)*, *traque (trac-trac)*;
- b) emprego de processos metonímicos, como em *brasilaque, pé-de-tenda, descarga, broca, rabo, cabeça*;
- c) emprego de processos metafóricos, motivados pela aparência do referente, como em *roda, tabela, cachopa, bico de isca*; ou pelo efeito do referente, como ocorre com *flecha, vulcão, corisco, chuvinha*; pela relação entre o referente e sua finalidade, como em *encosto, abridor, amarrador, escorvador*;
- d) pelo emprego de formas já existentes, mantendo o significado original como em *foguete e fogueteiro, tendeiro, bombeiro*;
- e) pelo emprego de formas já existentes com modificação de sentido (ampliação ou redução), como *chuvinha; encostador*;
- f) pelo emprego de formas derivadas, com sentido novo, como *bodeiro, enflechar, carregadeiro, encaixadeira*.

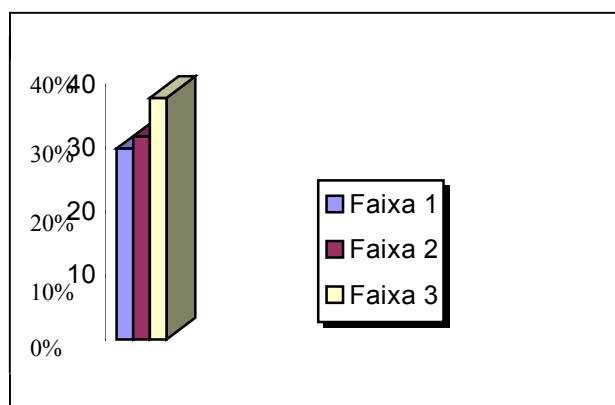
No que concerne aos tipos de lexias<sup>9</sup>, verificamos que o trabalhador de fogos utiliza-se de lexias simples e de lexias compostas para nomear os elementos que caracterizam o seu ambiente, como demonstra o quadro a seguir:

| Subcampos                                     | Lexias simples   | Lexias complexas   |
|---|--|--|
| ESPAÇO FÍSICO                                 | Tenda, barracão.   |  |
| ETAPAS E PROCESSOS                            | Escorvar, embuchar, brocar, enflechar, encaixar.   | Cortar papel, enrolar caixa ~ bomba enrolar canudo, enrolar estalo, encher roda, apertar roda, enfiar/ desenfiar palito, amarrar fundo/ bico, cortar fundo/ bico, bater cordão, bater chuvinha.                |
| ELEMENTOS HUMANOS                             | Fogueteiro, tendeiro, bombeiro, bodeiro, carregadeiro, enroladeira, escorvador, amarrador, encaixadeira, barraqueiro, rifeiro.   | Dono de tenda, cortador de papel, enchedeira de roda, enfiadeira de palito, enchedeira de bomba.   |
| PRODUTOS E SUBPRODUTOS                        | Bomba, estalo, traque, chuvinha, foguete, foguetinho, esputinique, vulcão, besourinho ~ corisco, judas, pólvora, clorato, brasilaque, enxofre, alumínio, sulfureto, salitre, carvão, cera, goma, restolho, refugo, | Bomba de barro, bomba chilena, traque de riscar, traque de barro, traque de tição, traque de canudo, fogo de pranto, mamãe vem ver, bico de isca, massa de palito, óxido de ferro, pé de tenda, pé de pólvora. |
| PARTES, COMPONENTES, ESPECIFICAÇÕES E MEDIDAS | Caixa, caixinha, caixaria, canudo, taboca, tubo, cone, espoleta, fundo, rabo, boca, bico ~ pavio, flecha, cachopa, arrojo, broca, descarga, cabeça, bitola, pesada.  | Palito escorvado.  |
| INSTRUMENTOS E PEÇAS                          | Forma, esponja, cavalete, tabuleiro, roda, encosto ~ encostador, espontão ~ abridor, tabela, banguço ~ bangoço, raque, paleta, pilão, broca, banca, banquinha.   |  |
| TOTAL   | 80   | 34   |

**Quadro 5** – Distribuição das lexias conforme o tipo.

No que tange à influência de fatores extralingüísticos no léxico, observamos que os informantes das faixas etárias 2 e 3 realizaram um maior número de lexias peculiares aos fogos, conforme demonstra o gráfico a seguir:

<sup>9</sup> Para a classificação das lexias documentadas em complexas, utilizamo-nos dos testes de substituição e de inserção propostos por Biderman (2001).



**Figura** – Índice de realização das lexias conforme a faixa etária.

Tal aspecto pode ser um indício de que os mais jovens da comunidade estão se afastando dessa atividade e buscando outros campos de trabalho, principalmente em função do seu maior nível de escolaridade pelos recursos educacionais que há atualmente na localidade, aos quais os mais velhos não tiveram acesso em sua adolescência.

Além disso, alguns itens lexicais, cujos referentes desapareceram devido à introdução de novas técnicas ou instrumentos, foram documentados apenas no vocabulário passivo dos informantes das faixas 2 e 3. São as lexias *enchadeira de bomba*, *tabuleiro*, *banguço* ~ *bangoço*, *esponja*, *carregadeiro*, que entraram em desuso, dando espaço a *roda*, *raque*, *encosto* ~ *encostador*, *tabela*. Registramos essas lexias quando os informantes foram questionados sobre a ocorrência de mudanças nos processos empregados na confecção dos artefatos ao longo dos anos.

Outro aspecto que constatamos, no caso das lexias que designam os elementos humanos, é a relação entre o gênero gramatical, masculino ou feminino, e o sexo dos indivíduos que principal ou exclusivamente realizam a tarefa. Sendo esta atribuída ou ao sexo masculino ou ao feminino, predomina um só gênero gramatical para essas lexias, conforme observamos no quadro 6.

| Lexias                      | Gêneros   |          |
|-----------------------------|-----------|----------|
|                             | Masculino | Feminino |
| <i>Fogueteiro</i>           | X         |          |
| <i>Bodeiro</i>              | X         |          |
| <i>Tendeiro</i>             | X         |          |
| <i>Cortador de papel</i>    | X         |          |
| <i>Carregadeiro</i>         | X         |          |
| <i>Escorvador</i>           | X         |          |
| <i>Amarrador</i>            | X         |          |
| <i>Enroladeira</i>          |           | X        |
| <i>Enchedeira de roda</i>   |           | X        |
| <i>Enfiadeira de palito</i> |           | X        |
| <i>Encaixadeira</i>         |           | X        |

**Quadro 6** – Designações para os elementos humanos conforme a tarefa executada e o gênero gramatical.

O quadro também permite verificar que a maioria das tarefas é executada por homens. Na produção dos fogos, há muitas tarefas que exigem força física e outras que oferecem riscos. Como é característica da sociedade brasileira reservá-las ao sexo masculino, na comunidade, a mulher apenas executa as tarefas consideradas leves e menos perigosas, que geralmente podem ser realizadas em casa.

No que tange à constituição do léxico, constatamos ainda que as lexias empregadas para denominar os elementos humanos estão condicionadas à divisão hierárquica do trabalho. Portanto, embora a lexia *fogueteiro* denomine o artesão de fogos, através da pesquisa, percebemos que a divisão de tarefas dentro da comunidade suscita diversas lexias para denominar o artesão, conforme a tarefa por ele executada. São elas: *enroladeira*, *amarrador*, *encaixadeira*, *cortador*, *escorvador*, etc. Com isso, *fogueteiro* passa a ser usado, predominantemente, para referir-se à pessoa que executa a tarefa mais importante na

comunidade, ou seja, administra ou dirige a fábrica (o proprietário). Assim, a distribuição das tarefas traz conseqüências léxicas, demonstrando que os fatores culturais e a estrutura social da comunidade influenciam no léxico, no que tange à sua constituição e uso.

A produção de fogos é uma atividade econômica que, embora não tenha sofrido muitas mudanças ao longo dos anos, recebeu novas técnicas e instrumentos, provocando o aparecimento de novas palavras para designar ações, objetos e coisas utilizadas na execução desse trabalho. Alguns métodos empregados na confecção também estão fadados ao desaparecimento, a exemplo do processo de enchimento de bomba no *tabuleiro*, que já está em desuso e, conseqüentemente, resultou no desaparecimento dessa lexia que designava uma das peças utilizadas nesse processo. Dessa forma, o registro pioneiro desse recorte lingüístico como representação cultural, revelou-se de grande importância antes que as inovações venham a apagá-lo.

## GLOSSÁRIO

A partir do *corpus* constituído com a aplicação dos inquéritos, bem como os dados obtidos através de conversas informais com pessoas da comunidade, organizamos este glossário. Nele, constam, em ordem alfabética, as formas documentadas nos inquéritos realizados com os trabalhadores na produção artesanal de fogos.

Embora tenhamos usado os dicionários para a análise das lexias, as abonações que apresentamos neste glossário correspondem àquelas apreendidas na comunidade, conforme o sentido atribuído pelos informantes às lexias.

Entre os informantes, há um grande número de variações, por isso, a entrada dos verbetes corresponde à forma padrão, sendo apresentadas entre colchetes as formas documentadas na fala dos informantes. Cada entrada figura em negrito. Em itálico, apresentamos, após a definição, os trechos das entrevistas em que documentamos as lexias para melhor compreensão do conteúdo semântico. Na seqüência, entre parênteses, figura a identificação do informante.

Outras informações e remissões figuram entre colchetes. Os itens lexicais documentados sem uma explicação para o seu uso são reproduzidos, entre parênteses, através da pergunta feita pelo inquiridor.

Nos verbetes deste glossário foram empregadas as reduções apresentadas abaixo.

fraseol. .... fraseologia

s.f. .... substantivo feminino

s.m. .... substantivo masculino

v. .... ver

var. .... variante

v.i. .... verbo intransitivo

v.t.d. .... verbo transitivo direto

Para melhor compreensão de alguns itens lexicais constantes neste glossário, a documentação fotográfica no Anexo IV permite a visualização de seus referentes.



**Abridor** – S.m. Instrumento pontiagudo e roliço de madeira, usado para abrir a boca das bombas e apertá-las na roda. *Pega um abridor feito de madeira com a ponta bem fina, pra abrir a boca e apertar.* (Inf. 11).

**Abrir a boca** – Fraseol. Desmachucar a borda da abertura da bomba usando um instrumento pontiagudo e roliço de madeira. *Aí abre a boca da bomba e...* (Inf. 10).

**Alumínio** – S.m. Produto químico usado para fazer pólvora. *Mistura o sulfureto junto com o clorato e o enxofre, por último, vem o alumínio.* (Inf. 02).

**Amarração** – S.f. Ato de fechar a boca da bomba, introduzindo e atando a espoleta com cordão encerado. (...) *vão botando o palito; um cordão de seda vão passando na boca da caixa da bomba; vão marrando em pencos...* (Inf. 01).

**Amarrador** – S.m. Pessoa que amarra a bomba na tenda. [Var. marrador]. *A gente leva pra tenda, aí vai o marrador e começa marrar durante o dia...* (Inf. 06). *Marrador, marrador de bomba é o que trabalha com fogos, que amarra as bombas.* (Inf. 04).

**Amarrar** – V.t.d. Fechar a boca da bomba introduzindo e atando a espoleta com cordão encerado [Var. marrar]. (...) *a gente chama os marradores e eles vão colocar o palito dentro da boquinha da bomba, que já tá com pólvora dentro, marrar uma por uma.* (Inf. 01).

**Arrojo** – S.m. Peça do foguete responsável pela sua propulsão. *O arrojo é que vai botar a pólvora dentro dele. Aí embucha, bota o barro ou duas vez de barro e aí faz a pólvora dele subir, né?* (Inf. 12).

**Bacia de massa** – S.f. Recipiente plástico redondo onde se prepara a massa usada para escorvar palito. (...) *a gente chama aqui... bacia de massa, essas coisas...* (Inf. 01).

**Banca** – S.f. Mesa firme e grande, com quatro ou seis conjuntos de dois pregos ou tocos de madeira paralelos fixados na direção dos assentos, onde se amarra a bomba. (...) *bota uma mesa que se chama uma banca.* (Inf. 10).

**Bangoço** – S.m. Rodela do miolo de bananeira onde se enfiavam os palitos. [Var. banguço]. *Palito mesmo enfiava no miolo da banana (...) Era bangoço; banguço ou bangoço...* (Inf. 08).

**Banquinha** – S.f. Armação de madeira onde são vendidos os fogos nas feiras ou nas pontas de rua. *Vende às crianças nas banquinha, tipo assim uma banquinha de queimado...* (Inf. 05).

**Bater chavinha** – Fraseol. Ato de encher as chavinhas de pó-de-serra amarradas em feixe, batendo-o contra o chão. (...) *no caso da chavinha, tem o processo de bater chavinha, encher de pó-de-serra, né?* (Inf. 03).

**Bater o cordão** – Fraseol. M.q. encerar cordão. *Dois pregos enfiados na mesa, eles pegam, bate o cordão de seda, com... são dois fios de seda, bate com a cera...* (Inf. 01).

**Barracão** – S.m. Construção de madeira, armada provisória ou permanentemente para vender fogos. *Cada tipo de fogos ele vai acumulando, pra quando chegar perto de São João, ele monta um barracão, aquele depósito grande, né, pra vender.* (Inf. 12).

**Barraqueiro** – S.m. Pessoa que vende fogos no barracão. *Parece que é barraqueiro, que vende no barracão, né?* (Inf. 03).

**Barro** – S.m. Argila usada para embuchamento. *Só o barro que eu te falo que a gente embucha...* (Inf. 11).

**Besouro** – S.m. Artefato pirotécnico que rabeia no chão e estoura com estampido. *Corisco é aquele que toca assim ô [gesto], chama besouro.* (Inf. 11).

**Besourinho** – S.m. [V. besouro, corisco]. (Inq. Quais são os tipos de fogos feitos aqui? *Chavinha, besourinho, esputinique, vulcão...*). (Inf. 03).

**Bico** - S.m. Extremidade da boca onde se localiza a espoleta. (...) *agora, quando passa pro bico, botar o palitinho, já é feito fora...* (Inf. 07).

**Bico de isca** – S.m. Bomba mal enrolada, retorcida na extremidade. *Bico de isca, porque fica toda retorcida a ponta.* (Inf. 08).

**Bitola** – S.f. Diâmetro das caixas e canudos. (...) *vai da bitola da bomba: a número um tem que ser uma forminha mais fina...* (Inf. 10).

**Bobina de papel** – S.m. Rolo de papel. (Inq. E como se chama o papel que não se compra em resma?) *Bobina de papel.* (Inf. 03).

**Boca** – S. f. Abertura na extremidade das caixas e canudos que se opõe ao fundo e pela qual se deposita a pólvora. (...) *se não botar no meio do papel, ela fica ou sem boca ou sem fundo.* (Inf. 07).

**Bode** – S.m. Pequena produção de fogos; produção clandestina de fogos. *Bode é um pouquinho de fogos que a pessoa faz escondido...* (Inf. 11).

**Bodeiro** – S.m. Aquele que faz bode. (...) *ai é bodeiro, tá fazeno um bode, né?* (Inf. 10).

**Bomba** – S.f. [V. bomba chilena e bomba de barro ]. Qualquer artefato pirotécnico constituído de um cartucho de papel, contendo pólvora e estopim e que explode com estampido ao ser aceso e lançado. *Aqui são feitos o traque e bomba.* (Inf. 04).

**Bomba chilena** – S.f. Artefato pirotécnico que consiste em um cartucho de papel encorpado com cartolina, atado com cordão encerado nas duas extremidades, contendo pólvora e estopim e que, ao ser aceso e lançado, explode com estampido. *Os de agora é bomba um, o que chama bomba chilena, né, bomba dois, bomba quatro, até bomba dez faz, né?* (Inf. 12).

**Bomba de barro** – S.f. Artefato pirotécnico que consiste em um cartucho de papel embuchado com barro, contendo estopim e que, ao ser aceso e lançado, explode com estampido. (...) *é um canudozinho que chama estopim com pólvora dentro; coloca, bota um pouquinho de cola e chama bomba de barro.* (Inf. 01).

**Bombeiro** - S.m. Aquele que fabrica bomba chilena ou bomba de barro. (...) *o bombeiro, né, se faz bomba pode ser também.* (Inf. 07).

**Brasilaque** – S.m. (Metonímia) Goma-laca, identificada pela marca, usada na preparação da massa para escorvar palito. (...) *que essa escorva, que é o palito, tem clorato, enxofre, ocre de ferro e brasilaque.* (Inf. 10).

**Broca** – S.f. 1. Instrumento usado para furar o barro embuchado. (Inq. E como se chama esse instrumento usado para furar o barro?) *Broca.* (Inf. 10). 2. Orifício feito com esse instrumento. *Hum, furar o buraquinho dele no barro, aí se chama broca, né?* (Inf. 12).

**Brocar** – V.t.d. Furar, com a broca, o barro embuchado. *Que brocar com uma broca pequena, ele poca na cara da gente.* (Inf. 12).

**Cachopa** – S.f. Espécie de bolsa ou saco de papel que resguarda a pólvora fraca e as bombas do foguete. *Daqui pra cima, já é a cachopa, o lugar das bomba.* (Inf. 12).

**Caixa** – S.f. Cartucho vazio das bombas. *As etapas? A bomba, a caixa da bomba, depois amarração...*(Inf. 05).

**Caixaria** – S.f. Conjunto das caixas. *Primeiramente, a gente tem que começar pela caixaria.* (Inf. 02).

**Cana-brava** – S.f. Erva nativa, com até três metros de altura, de caule linheiro que serve de flecha para o foguete. [Var. cana-braba]. *Aquelas cana braba, faz daquilo.* (Inf. 12).

**Canudo** – S.m. Cápsula da chavinha, do foguetinho, do besourinho, da bomba de barro e do traque de barro. *Ela é feita os canudos, os canudos, os canudos de papéis, ele enrola numa forma de bambu ou de cano de antena...*(Inf. 01).

**Caniçozinho** – S.m. Estopim da bomba de barro ou do traque de barro. (...) *depois pega um caniçozinho que não é nem um palito mais...*(Inf. 01).

**Cartolina** – S.f. Peça de papel grosso que dá consistência à caixa da bomba; entretela da bomba. *A cartolina, a gente corta ela que é pra enrolar a bomba.* (Inf. 01).

**Carvão** – S.m. Substância resultante da queima de madeira fofa que é usado na preparação da pólvora do foguete e do foguetinho depois de pilado e sessado. [Var. calvão]. (...) *o carvão que pisa com salito pra poder bater, pra poder rabiá, pra subir o foguete.* (Inf. 11); (...) *faz calvão pra poder pisar o salito.* (Inf. 09).

**Carregadeiro** – S.m. Aquele que transportava as caixas de bomba, no lombo do burro, pela zona rural. (...) *carregadeiro, carregava os animal que andava pela roça, pelo Xangó todo aí que o povo enrolava.* (Inf. 12).

**Cavalete** – S.m. Peça de quatro pés usada para amarrar o fundo das bombas. *Cavalete, a gente faz um cavalete, coloca esses dois pregos e aí encera o cordão.* (Inf. 08).

**Cera** – S.f. Substância resultante do derretimento da parafina e do breu com óleo ou azeite de dendê quente, usada para encerar cordão. (...) *já tem a cera pra encerar o cordão, pra não soltar, não desamarrar.* (Inf. 08).

**Chuvinha** – S.f. Artefato pirotécnico destinado às crianças que lança fagulhas prateadas. *Tem a chuvinha também, né, a chuvinha é mais fácil...* (Inf. 10).

**Clorato** – S.m. Substância química, de cor branca, usada na preparação da pólvora. [Var. colorato] (...) *Depois vem o clorato, chama... um material que chama clorato.* (Inf. 08).

**Cordão** – S.m. Barbante; linha usada para amarrar a bomba. *Geralmente a gente usa aqui cordão de seda ou cordão barbante desse que vende no supermercado que é feito de algodão.* (Inf. 01).

**Corisco** – S.m. [V. besouro]. *Corisco é aquele que toca assim ô [gesto], chama besouro.* (Inf. 11)

**Cortação** – S.f. Ato ou efeito de separar as bombas empencadas. *Pego a faca e separo uma por uma, aí se chama cortação, aí vai cortar, separa, fica uma em uma.* (Inf. 08).

**Cortador de papel** – S.m. Aquele que corta o papel, arrumando-o em milheiro, e o papelão. (Inq. Como se chama a pessoa que corta o papel?) *Cortador de papel.*(Inf. 02). [Var.

cortador]. (...) *compra o papel, chama o cortador pra cortar; compra o papelão, chama o cortador pra cortar.* (Inf. 02).

**Cortar bomba** – Fraseol. Separar as bombas que ficam empencadas após a amarração. (...) *ai corta com essa faca, e é própria só pra fazer isso mesmo, pra cortar bomba...* (Inf. 07).

**Cortar papel** – Fraseol. Dividir o papel com uma faca de ponta, conforme o modelo e tamanho do artefato a ser feito com este, arrumando-o em milheiro. *Rapaz, é mais na parte financeira e algumas coisas como cortar papel.* (Inf. 01).

**Descarga** – S.m. Tiro do foguete. (...) *porque é uma mão de obra danada e, além disso, difícil de fazer foguete, foguete de três descarga, de duas descarga...* (Inf. 10).

**Desenfiar palito** – Fraseol. Tirar o palito escorvado da tabela. *Eu sou... no encaixe, eu, desenfiar palito...* (Inf. 04).

**Dono de tenda** – S.m. [V. tendeiro]. Fabricante de fogos. Proprietário. *Esse daí recebe o nome de tendeiro ou dono de tenda mesmo, que é o mais forte.* (Inf. 02).

**Embuchamento** – S.m. Ato de socar barro ou papel na cápsula dos fogos. (...) *tem um outro sistema que é de embuchamento.* (Inf. 01).

**Embuchar** – V.t.d. Socar o barro ou o papel na cápsula dos fogos. *A gente bate no ferro, né, pra embuchar o foguetinho.* (Inf. 09).

**Encaixamento** – S.m. 1. Ato de colocar os estalos na caixa. 2. Ato de fazer a embalagem das chavinhas colocando os rótulos. *Tem a enrolação, a amarração, o encaixamento...* (Inf. 03).

**Encaixar** – V.t.d. 1. Colocar os estalos na caixa. *Eu sou... no encaixe (...) encaixar traque.* (Inf. 04). 2. Fazer a embalagem das chavinhas, colocando os rótulos. *Encaixadeira encaixa chavinha.* (Inf. 11).

**Encaixadeira** – S. f. Mulher que encaixa os fogos. *Encaixadeira encaixa chavinha.* (Inf. 03).

**Enchedeira de roda** – S.f. Mulher que coloca as bombas vazias na roda. *Aí vai pra casa da enchedeira botar bombas nas rodas.* (Inf. 02).

**Enchedeira de bomba** – S.f. Mulher que enchia as bombas de pólvora individual e manualmente na tenda. *Tinha a enchedeira de bomba, aquela que ficava com o tabuleiro e enchia as bombas...* (Inf. 12).

**Enfiadeira de palito** – S.f. Mulher que coloca os palitos brancos nos orifícios da tabela. (...) *e tem a enfiadeira de palito também, que é uma mão-de-obra que já é feita em casa mesmo.* (Inf. 10).

**Enfiar palito** – Fraseol. Fixar os palitos nos orifícios da tabela. (...) *a gente vai passar esse palito para casa das mulheres pra enfiar na tabela pra depois que tiver na casa ...* (Inf. 01).

**Enxofre** – S.m. Substância química de cor amarelo-esverdeada, usada para preparar a pólvora. *Vem brasilaque, enxofre e o ocre de ferro, aí mistura...* (Inf. 06).

**Enrolação** – S.f. Ato de fazer as caixas e os canudos dos fogos. *Na parte da enrolação, enrolar e amarrar o fundo.* (Inf. 08).

**Enroladeira** – S.f. Mulher que enrola as caixas e os canudos. *Aí vem a enroladeira que enrola bomba, faz as caixinhas...* (Inf. 06).

**Enrolar** – V.t.d. Fazer as caixas e os canudos dos fogos. *Chuvinha, enrola o canudo, depois fecha o fundo...* (Inf. 11).

**Escorvador** – S.m. Homem que escorva os palitos. [Var. escovador]. (Inq. Tem algum nome para chamar a pessoa que escorva o palito?) *Aqui chama escovador de palito.* (Inf. 02).

**Escorvar** – V.t.d. Imergir parcialmente os palitos fixados na tabela em uma massa combustível. (...) *ele traz pra tenda, pra poder escorvar numa massa que é feita também com material explosível.* (Inf. 01).

**Esmeril** – S.m Pedra usada pelo cortador de papel para amolar a faca de ponta. (Inq. Quais os materiais usados no corte de papel?) *É faca, esmeril e tauba.* (Inf. 06). [Var. esmerilho].  
*Esmerilho, faca, corta a ponta pra ficar bem fina, pra ficar bem molada.* (Inf. 11).

**Espoleta** – S.f. Palito envolvido em massa combustível usado para comunicar fogo à pólvora dos fogos; palito escorvado. (...) *isso mesmo, espoleta ou palito que a gente chama.* (Inf. 01).

**Espontão** – S.m. [V. abridor]. *Espontão, né, um pedaço de pau com a ponta.* (Inf. 10).

**Esputinique** – S.m. Artefato pirotécnico de forma cilíndrica que jorra lavas. *Em primeiro lugar, traque, bomba, chavinha, esputinique, foguetinho e mais algumas coisas.* (Inf. 01).

**Flecha** – S.f. Haste que dá sustentação ao foguete e ao foguetinho em sua elevação. *Ele [o foguete], sem flecha, não sobe.* (Inf. 12).

**Fundo** – S.m. Extremidade das cápsulas dos fogos que se opõe à boca. *O fundo é a parte que marra primeiro sem dinamite.* (Inf. 07).

**Estalo** – S.m. Fogos de chão constituído de um palito escorvado envolvido em papel de linho fino com pólvora e que provoca um pequeno estampido. (Inq. Quais são os tipos de fogos feitos aqui?) *Bomba e estalo.* (Inf. 06).

**Foguete** – S.m. Fogo de subida que estoura com estampido no ar. *Tem foguete com... foguete de duas bomba, foguete de três bomba, foguete de quatro bomba...* (Inf. 12).

**Fogueteiro** – S.m. Pessoa que fabrica fogos; atualmente também aquele que administra a fábrica. (Inq. Como se chama a pessoa que faz fogos?) *Fogueteiro.* (Inf. 06).

**Fogos** – S.m. Artefício pirotécnico que produz ruídos ou efeitos luminosos. *O material de fogos é... Qual o tipo de fogos, bomba ou foguete?* (Inf. 12).

**Foguetinho** – S.m. Fogo de subida composto de uma pequena peça explosiva e flecha. (Inq. Quais são os tipos de fogos feitos aqui?) *Bomba, foguetinho... traque de riscar.* (Inf. 09).



**Forma (ô)** – S.f. 1. Cilindro comprido de bambu ou alumínio usado para enrolar a caixa e o canudo. *É uma forma de bambu, de bambu ou cano de antena...* (Inf. 01). 2. Instrumento retangular de madeira com bordas que serve de molde para fazer a embalagem da chuvinha. (...) *colocar o papel solofan [celofane] numa forma de madeira, depois coloca o rótulo da chuvinha...* (Inf. 11).

**Forminha** – S.f. Objeto feito de gomo de bambu usado para encher as bombas individualmente. (...) *pegava uma forminha feita de gomo de bambu, (...) corria na pólvora e ia botando dentro da bomba de uma em uma.* (Inf. 11).

**Goma** – S.f. Mistura cozida de goma de mandioca ou farinha de trigo e água usada para colar as caixas e canudos. (...) *passa a goma, farinha de trigo ou goma, faz tipo uma papa e passa pra poder colar.* (Inf. 08).

**Guia** – S. f. [V. Quebrar a guia] Capital de giro; capital único investido numa produção. *Eu mesmo quebrei a guia com fogos.* (Inf. 12).

**Massa de palito** – S.f. Mistura combustível, composta de clorato de potássio, enxofre, goma-laca, óxido de ferro e álcool, usada para escorvar palito. *A massa de palito que pega ocre de ferro.* (Inf. 04).

**Mamãe vem ver** – Fraseol. Chuvinha de má qualidade. *Botou o nome assim mamãe vem ver. A menina acendia a chuvinha (...) Quando a mãe chegava aqui já tinha acabado.* (Inf. 12).

**Milheiro de papel** – S.m. Montante de papel cortado conforme o tamanho da caixa ou do canudo, empilhado e amarrado com barbante. *Milheiro, chama milheiro de papel. Esse aí é de bomba número 1. Vem todo amarradinho, a gente abre, corta esse cordãozinho.* (Inf. 07).

**Óxido de ferro** – S.m. Substância química de cor avermelhada, usada para preparar a massa de palito. *A massa de palito é clorato, enxofre e óxido(x) de ferro pra dar a cor vermelhinha.* (Inf. 07). [Var. ocre de ferro]. (...) *que essa escova que é o palito tem clorato, enxofre, ocre de ferro e brasilaque.*

**Paleta** – S.f. 1. Peça de plástico usada para espalhar a pólvora na raque. (Inq. Como se chama esse instrumento usado para espalhar a pólvora?) *Paleta* (Inf. 03). [Var. paetinha]. (...) *a gente bota a pólvora, espalha com uma paetinha*. 2. Peça de madeira ou plástico usada para encher as bombas e os traques de pólvora antigamente. (...) *tinha uma paletazinha... ia enchendo de uma a uma*. (Inf. 10) [Var. paetinha]. *Enchia de uma a uma na paetinha*. (Inf. 12). 3. Peça de madeira usada para mexer a massa de palito. (Inq. E esse pedaço de madeira que você usa tem algum nome proprio pra chamar? [Var. Palheta] *Palheta, a gente dá o nome de palheta*. (Inf. 02).

**Palito branco** – S.m. Palito sem escorva. *É esse palito branco aqui que a gente dá uma massa vermelha nele imitando massa do palito de fosco [fósforo]*. (Inf. 02).

**Papel de linho** – S.m. Papel pardo fino usado para confeccionar bomba e estalo. (...) *papel de linho, o marronzinho é de linho*. (Inf. 08).

**Papel branco** – S.m. Papel claro usado para confeccionar os canudos das chavinhas, do foguetinho, do traque de barro. (...) *tem papel branco... tipo essas folhas de papel officio*. (Inf. 08).

**Papelão** – S.m. Papel grosso usado para encorpar a caixa da bomba e para confeccionar as cápsulas do esputinique e do vulcão; cartolina. *A gente corta o papelão, pesa em quilo e manda que dê a quantidade certa de um milheiro de bomba*. (Inf. 01).

**Pesada** – S.f. Pesagem de pólvora que corresponde a cinco quilos de clorato, um quilo e meio de alumínio, um quilo de enxofre e trezentos gramas de sulfureto. *Tem gente que faz uma pesada de pólvora por dia, tem quem faz meia*. (Inf. 03).

**Pé-de-pólvora** – S.m. Resíduo de pólvora que fica na banca. (Inq. Como se chama esse resto de pólvora em cima da mesa? Tem outro nome?) *Pé-de-tenda, pé-de-pólvora*. (Inf. 11).

**Pé-de-tenda** – S.m. [V. pé-de-pólvora]. (Inq. Como se chama esse resto de pólvora em cima da mesa? Tem outro nome?) *Pé-de-tenda, pé-de-pólvora*. (Inf. 11).

**Pilão** – S.m. Instrumento de madeira usado para pilar o carvão. (Inq. Quais são os instrumentos usados para fazer o carvão?) *O pilão, a peneira, corana, queimar para fazer o carvão...* (Inf. 12).

**Pocar** – V.i. Estourar. (...) *pra poder botar na bombinha, pra pocar.* (Inf. 02).

**Pó-de-serra** – S.m. Serragem; pó que sai da madeira que se serra, usado para encher a chuvinha. *Da chuvinha, que encher a chuvinha de pó-de-serra...* (Inf. 11).

**Pólvora de explosão** – S.f. Pólvora que provoca estampido. (...) *peneira numa peneira plástica e já tá pronto, preparada a pólvora de explosão.* (Inf. 01).

**Pólvora fraca** – S.f. Pólvora que dá propulsão ao foguete; pólvora do arrojado do foguete. (...) *aí faz a pólvora fraca dele subir.* (Inf. 12).

**Pólvora preta** – S.f. [V.pólvora de explosão]. *O dinamite, a gente precisa do clorato, o enxofre, o alumínio, o sulfureto, o alumínio, aí tá pronto o dinamite. Ele vira... fica a polva preta. Dá o nome de polva preta.* (Inf. 02).

**Quebrar a guia** – Fraseol. Falir; perder o único capital que possuía. *Eu mesmo quebrei a guia com fogos.* (Inf. 12).

**Rabo** – S.m. Parte extrema e amarrada da bomba que se opõe ao bico. *Depois que amarra, se chama rabo, que fez um rabo.* (Inf. 10).

**Rabear** – V.i. Subir fazendo movimentos semelhantes à cauda de um animal. (...) *bater pra poder rabear, pra poder subir o foguete.* (Inf. 09).

**Raque** – S.f. Peça circular de madeira, contornada por uma borracha e munida de um cabo, usada para encher as bombas de pólvora. (...) *esse raque é feito de tauba pra colocar pólvora dentro da bomba.* (Inf. 10).

**Refugo** – S.m. Sobra de caixas de bomba que não servem para uso por estarem mal enroladas. (Inq. Quando não sai perfeita a caixa com se chama?) *Chama refugo.* (Inf. 10).

**Restolho** – S.m. [V.pé-de-pólvora]. (Inq. Como se chama esse resto de pólvora em cima da mesa? Tem outro nome?) *Chama restolho.* (Inf. 10).

**Resma** – S.f. Quantidade de quinhentas folhas de papel. *Resma é o papel vem todo arrumadinho, todo certinho já, todo embalado.* (Inf. 01).

**Rifeiro** – S.m. Aquele que vende fogos a retalho na banquinha. (...) *existe o pessoal que compra na mão da gente pra... é que chama rifeiro (...). É o cara que vende fogos na banquinha.* (Inf. 05).

**Roda** – S.f. Peça circular de lâmina de madeira, usada para acomodar as caixas de bombas. (...) *roda, que dizer, é uma roda, digamos assim, de trinta centímetros de largura, de, de, boca; coloca as bombas ali dentro...* (Inf. 12).

**Salitre** – S.m. Substância química usada na preparação da pólvora fraca. [Var. salito, salitro]. (...) *que a gente queima a lenha, faz calvão pra poder pisar o salito.* (Inf. 10).

**Socador** – S.m. Instrumento roliço de madeira, usado para embuchar o vulcão e o esputinique com o papel. *A gente usa só o socador, né, que empurra o papel até ficar preso no tubo pra não escapar a pólvora.* (Inf. 03).

**Sulfureto** – S.m. Substância química usada na preparação da pólvora preta. [Var. sulfureto]. (...) *vem a pólvora que é o clorato de potássio, o alumínio, enxofre e sulfureto, que o pessoal chama de antimônia...* (Inf. 01).

**Tabela** – S.m. Peça quadrada de borracha, perfurada, onde são fixados os palitos brancos a serem escorvados. *Vêm tabela, tabela é um pedaço de plástico, de borracha, furadinha, com os palitos em pé...* (Inf. 10).

**Taboca** – S.f. Cápsula do arrojado do foguete feita do gomo do bambu. *A taboca é aquilo que enrola para fazer o arrojado.* (Inf. 12).

**Tabuleiro** – S.m. Peça quadrada com bordas laterais, de madeira, usada antigamente para acomodar as bombas cheias de pólvora. *Tabuleiro é uma tauba grande que tinha assim, quatro lado, quadrado...* (Inf. 08).

**Tenda** – S.f. Construção rústica onde se fabricam os fogos; fábrica artesanal de fogos. *A gente dá o nome de tenda. Faz uma cabana, faz uma casinha, cobre, bota as mesa, os banco e chama... bota o nome de tenda; é onde se fabrica fogos.* (Inf. 02).

**Tendeiro** – S.m. Dono de tenda; fabricante de fogos; fogueteiro. (...) *tendeiro, geralmente o dono da tenda que é responsável por tudo, pela pólvora, por essas coisas.* (Inf. 04).

**Traque de barro** – S.m. Pequeno artefato pirotécnico com fundo de barro, que estoura com estampido. (...) *era traque de barro, aqueles traquinho... enrolava, cortava, embuchava...* (Inf. 12).

**Traque de canudo** – S.m. [V.traque de barro]. *Chama traque de canudo também, porque coloca um canudo pra acender.* (Inf. 11).

**Traque de tição** – S.m. [V.traque de barro; traque de canudo]. *Traque de barro é traque de tição, porque só acende no tição da fogueira, com a brasa.* (Inf. 11).

**Vulcão** – S.m. Artefato pirotécnico de forma cônica, envolvido em papel laminado ou papel de presente, que jorra lavas. (...) *tem o papel de presente para enfeitar o vulcão...* (Inf. 03).

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Isaías. *Matas do sertão de baixo*. Rio de Janeiro: Ed. Reper, (s.d.)
- AUGUSTO, Lamartine. *Porta do sertão*. Salvador: Ed. Kouraçã, 1999.
- BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. 5 ed. São Paulo: Ática, 1998. (Série Princípios).
- BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia: aspectos estruturais e semântico-sintáticos. In: PAIS, Cidmar Teodoro *et al. Manual de Lingüística*. 2 ed. São Paulo: Global Editora, 1986.
- BENJAMIN, Roberto Câmara; ARAÚJO, Valdenir Caldeira C. Fogueteiros, artesãos do efêmero. In *Ciclo Junino*. Recife: Secretaria de Educação de Pernambuco / Comissão de Moral e Civismo, 1987.
- BIDERMAN, Maria Teresa C. A estrutura mental do léxico. In: *Estudos de Filologia e Lingüística*. Homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo: T. A. Queiroz/ EDUSP, 1981.
- BIDERMAN, Maria Teresa C. *Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BRANDÃO, Sílvia. *Geografia lingüística*. São Paulo: Ática, 1991.
- CARDOSO, Suzana. *Dialectologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir*. DELTA – Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada. São Paulo. V. 17, p. 25-44, 2001. Número especial.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura / Instituto Nacional do Livro, 1980.
- CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, Peter. *La Dialectologia*. Madrid: Visor Libros, 1994.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas lingüístico do Brasil – Questionários*. Londrina. UEL, 2001.
- COSERIU, Eugênio. *Fundamentos e tarefas da Sócio- e da Etnolingüística*. I CONSEL. João Pessoa: 1978. (Mimeo).
- COSERIU, Eugênio. *Sincronia, Diacronia e História*, Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- ELIA, Sílvio Edmundo. As unidades lexemáticas. In: I CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA. *Anais...* Rio de Janeiro, UERJ, 1997.

FARACO, Antonio Carlos. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Ática, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio eletrônico século XXI*. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lexikon Informática, 1999.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Carlota et. al. *Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. 2. ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

FERREIRA, Manuela Barros et al. Variação linguística: perspectiva dialectológica. In: FARIA, Isabel Hub et al. (Org.) *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996.

GECKELER, Horst. *Semántica estructural y teoría del campo léxico*. Trad. Marcos Martínez Hernández. Madrid: Editorial Gredos, 1976.

HEYE, Jürgen. Sociolinguística. In: PAIS, Cidmar Teodoro et al. *Manual de Linguística*. 2 ed. São Paulo: Global Editora, 1986.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Sales. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISQUERDO, Aparecida N. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de ; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. 2 ed. Campo Grande, UFMS, 2001 (p. 91-100).

LACROIX, Jean-Francis. Linguística geográfica e dialetologia. In: MARTINET, André. *Conceitos fundamentais da linguística*. Trad. Wanda Ramos. Lisboa: Presença/Livraria Martins Fontes, 1976.

LABOV, William. *Building on empirical foundations*. Pennsylvania: University of Pennsylvania, 1982.

LABOV, William. *Modelos sociolinguísticos*. Trad. de José Miguel Marinas Herreras. Madrid Ediciones Cátedra, 1983.

LAMBACH, Jane Bernadete. *Vocabulário da cachaça: resgate e memória*. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

LIMA, Evanildes Ramos. *Águas de Rio Fundo: memória, imaginário e representações (1920-1960)*. 2002. Monografia. UNEB: Santo Antônio de Jesus.

LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. 20 ed. São Paulo: Ática, 2000.

MALMBERG, Bertil. *As novas tendências da lingüística: uma orientação à lingüística moderna*. 2 ed. Trad. Francisco da Silva Borba. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

MARTINET, André. *Elementos de lingüística geral*. 6 ed. Trad. Jorge Morais Barbosa. Martins Fontes, 1975. (s.l.)

MORAIS SILVA, Antônio. *Grande dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1948.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

OLIVEIRA, Simone Maria Rocha. *Interação técnico/ homem do campo: o léxico da agricultura*. 2001. 190 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

OKADA, Reginaldo. Hanabi, a trajetória dos fogos de artifício. CULTURA. 463 ed. Tokyo. International Press Japan: 2000.

PALHARINI, Alcir Antônio. *O léxico dos trabalhadores na produção e industrialização da citricultura na região de Bebedouro-SP*. 1997. 239 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara.

POTTIER, Bernard. *Lingüística geral: teoria e descrição*. Trad. e adapt. portuguesa de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença/Universidade Santa Úrsula, 1978 (Coleção Linguagem n. 7).

PUPIER, Paul. Léxico. In: MARTINET, André. *Conceitos fundamentais da lingüística*. Trad. Wanda Ramos. Lisboa: Presença/Livraria Martins Fontes, 1976.

ROSSI, Nelson *et al.* *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: MEC/ Instituto Nacional do Livro, 1963.

SANTIAGO, Paulino. Fogos de São João. BOLETIM ALAGOANO DO FOLCLORE. Comissão Alagoana de Folclore: Maceió. Ano II, nº 2, 1957.

SANTOS, Denise Gomes Dias. *O léxico da casa de farinha*. 1996. 148 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANTOS, Denise Gomes Dias. *Os segredos da arte: os carpinteiros navais do Baixo Sul da Bahia sob um olhar etnolingüístico*. 2004. Tese (Doutorado em Letras e Lingüística) Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. Salvador.

SANTOS, Rosineide C.B. dos. *Tendas do labor e da sobrevivência: trabalho e cotidiano de “tendeiros” em Muniz Ferreira (1950-1970)*. 2000. 56 f. Monografia (apresentada ao final do curso de pós-graduação *stricto sensu* em História Regional) – UESB, Vitória da Conquista.

SAPIR, Edward. *A lingüística como ciência*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.



CHÖN, Jacqueline. Etnolingüística. In: MARTINET, André. *Conceitos fundamentais da lingüística*. Trad. Wanda Ramos. Lisboa: Editorial Presença/Livraria Martins Fontes, 1976.

SILVA-CORVALÁN Carmen. *Sociolingüística: Teoría y análisis*. Madrid: Alhambra, 1988.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985.

TARALLO, Fernando. *Fotografias sociolingüísticas*. São Paulo: Pontes, 1989.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 3 ed. Tradução por J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

VELARDE, Manuel Casado. *Lenguaje y cultura: la etnolingüística*. Madrid: Editorial Síntesis, 1991.

**ANEXOS**

## ANEXO I

## Ficha do Informante

No. do informante:

## DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE

|   |  |  |
|---|--|--|
| 1. NOME:  |  | 2. ALCUNHA:  |
| 3. DATA DE NASCIMENTO:  | 4. SEXO: A. M B. F   | 5. IDADE:  |
| 6. ENDEREÇO:<br>RUA e Nº:<br>BAIRRO:<br>CEP:  |  |  |
| 7. ESTADO CIVIL: A. solteiro B. casado C. viúvo D. outro  |  |  |
| 8. NATURALIDADE:  | 9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE) |  |
| 10. A. DOMICÍLIOS, ÉPOCA E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:<br><br>B. MOTIVO DO(S) AFASTAMENTO(S) |  |  |
| 11. ESCOLARIDADE:   | 12. OUTROS CURSOS:<br>A. especialização B. profissionalizante C. outros      |  |
| 13. NATURALIDADE:<br>A. da mãe:<br>B. do pai:<br>C. do cônjuge:   |  | 14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS?<br>A. sim B. não   |
|   |  | 15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO?<br>NATURALIDADE: A. da mãe adotiva:<br>B. do pai adotivo: |
| 16. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE):              |  |  |
| 17. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:  |  | 18. PROFISSÃO:<br>A. do pai:<br>B. da mãe:<br>C. do cônjuge:   |



**PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES**

|  | FREQÜENTEMENTE | ÀS VEZES | RARAMENTE | NUNCA |
|--|----------------|----------|-----------|-------|
| 30. CINEMA                               | A.             | B.       | C.        | D.    |
| 31. TEATRO                               | A.             | B.       | C.        | D.    |
| 32. SHOWS                                | A.             | B.       | C.        | D.    |
| 33. MAN. FOLCLÓRICAS                     | A.             | B.       | C.        | D.    |
| 34. FUTEBOL                              | A.             | B.       | C.        | D.    |
| 35. OUTROS ESPORTES                      | A.             | B.       | C.        | D.    |
| 36. OUTROS                               | A.             | B.       | C.        | D.    |
| 37. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA? _____ |                |          |           |       |

**PARA PREENCHIMENTO APÓS ENTREVISTA**

|  |                          |                         |
|--|--------------------------|-------------------------|
| 38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE: A. tímido B. vivo C. perspicaz D. sarcástico                 |                          |                         |
| 39. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO: A. total B. grande C. média D. fraca   |                          |                         |
| 40. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO: A. cooperativa B. não cooperativa C. agressiva D. indiferente |                          |                         |
| 41. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE: A. "A" B. "B" C. "C" D. "D"  |                          |                         |
| 42. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INF. E INQUIRIDOR: A. grande B. médio C. pequeno D. nenhum                    |                          |                         |
| 43. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES: A. sim B. não  |                          |                         |
| 44. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):  |                          |                         |
| 45. DADOS SOBRE A FAMÍLIA DO INFORMANTE  |                          |                         |
| 46. AMBIENTE DO INQUÉRITO:   |                          |                         |
| 47. OBSERVAÇÕES:   |                          |                         |
| 48. NOME DOS INQUIRIDOR:   | 48. LOCAL DA ENTREVISTA: | 49. DATA DA ENTREVISTA: |
|  |                          | 50. DURAÇÃO:            |

## ANEXO II

### QUESTIONÁRIO

#### I. QUESTÕES GERAIS

1. A maioria das pessoas daqui trabalha em quê?
2. Onde normalmente se fazem fogos?
3. Quais são os tipos de fogos feitos aqui?
4. Como se chama a pessoa que trabalha com fogos aqui? Tem outro nome?
5. Existem outras pessoas envolvidas nesse processo? Como são chamadas?
6. Você faz muitos fogos?
7. Tem algum nome para chamar a pessoa que produz poucos fogos?
8. Quais são os materiais necessários para fazer fogos?
9. Quais são as etapas da fabricação de fogos?
10. Você trabalha em que etapa?
11. Tem algum nome para tratar a pessoa que trabalha nessa etapa?

#### II. QUESTÕES ESPECÍFICAS

##### CORTE DO PAPEL

12. Que materiais são usados nesse trabalho?
13. Quais são os instrumentos necessários para o corte do papel?
14. Depois do corte como são arrumados os papéis?
15. Depois de arrumados para onde vão?

##### ENROLAMENTO DAS CÁPSULAS

16. Que materiais são usados nesse trabalho?
17. Como é o nome desse objeto que se usa para enrolar a cápsula?
18. Descreva o processo de enrolamento da cápsula.

19. Depois de enrolada a cápsula o que se faz?

#### ENCHIMENTO DE TABELA

20. Quais são os materiais necessários para este trabalho?

21. Como se faz este trabalho?

22. Depois de preenchida a (tabela) o que se faz?

23. Como são arrumadas as tabelas?

#### PREPARAÇÃO DA MASSA DE PALITO

24. Depois que as tabelas chegam aqui o que se faz?

25. Como que se (escovam) os palitos?

26. Como se faz essa (massa)?

27. Como se chama esse objeto onde se coloca a (massa)?

#### ENCHIMENTO DE RODA

28. Como é o nome desse objeto onde são arrumadas as caixas?

29. E esse onde se coloca a (roda)?

30. Depois de arrumadas na (roda) o que se faz com as caixas?

31. Como é o nome daquilo que se usa para desentupir as (bocas) das caixas?

#### PREPARAÇÃO DA PÓLVORA

32. Que materiais são usados nesse trabalho?

33. Como se prepara a pólvora?

34. Como se chama esse local onde é feita a pólvora? Em cima de que se faz a pólvora?

35. Depois de preparada a pólvora, o que se faz com ela?

36. Como é o nome desse objeto que se usa para colocar a pólvora na caixa?

37. Esse trabalho sempre foi feito dessa forma? Antigamente, como era feito?

### AMARRAÇÃO DA BOMBA

38. Esses pregos nessa mesa aqui servem para quê?
39. O que se usa para fazer isto?
40. Sempre se usaram esses pregos para fazer esse trabalho? O que se usava antigamente?
41. Para (amarrar a bomba), primeiro faz o quê?
42. As bombas amarradas umas às outras como se chama isso?
43. Como é o nome dessa parte da bomba onde fica o palito?
44. E essa parte sem palito, como se chama?
45. Esse restinho de pólvora em cima mesa como se chama? E esse que cai no chão? Tem algum nome?
46. Como é o nome daquele objeto que se usa para limpar a mesa depois que termina o trabalho?

### FABRICAÇÃO DE FOGUETE, FOGUETINHO, VULCÃO, ESPUTINIQUE E CHUVINHA

47. Que materiais são usados nesse trabalho?
48. Quais são os instrumentos necessários para .....?
49. Quais são as partes do .....?
50. Descreva o processo de.....?
51. Como se faz a ..... do .....

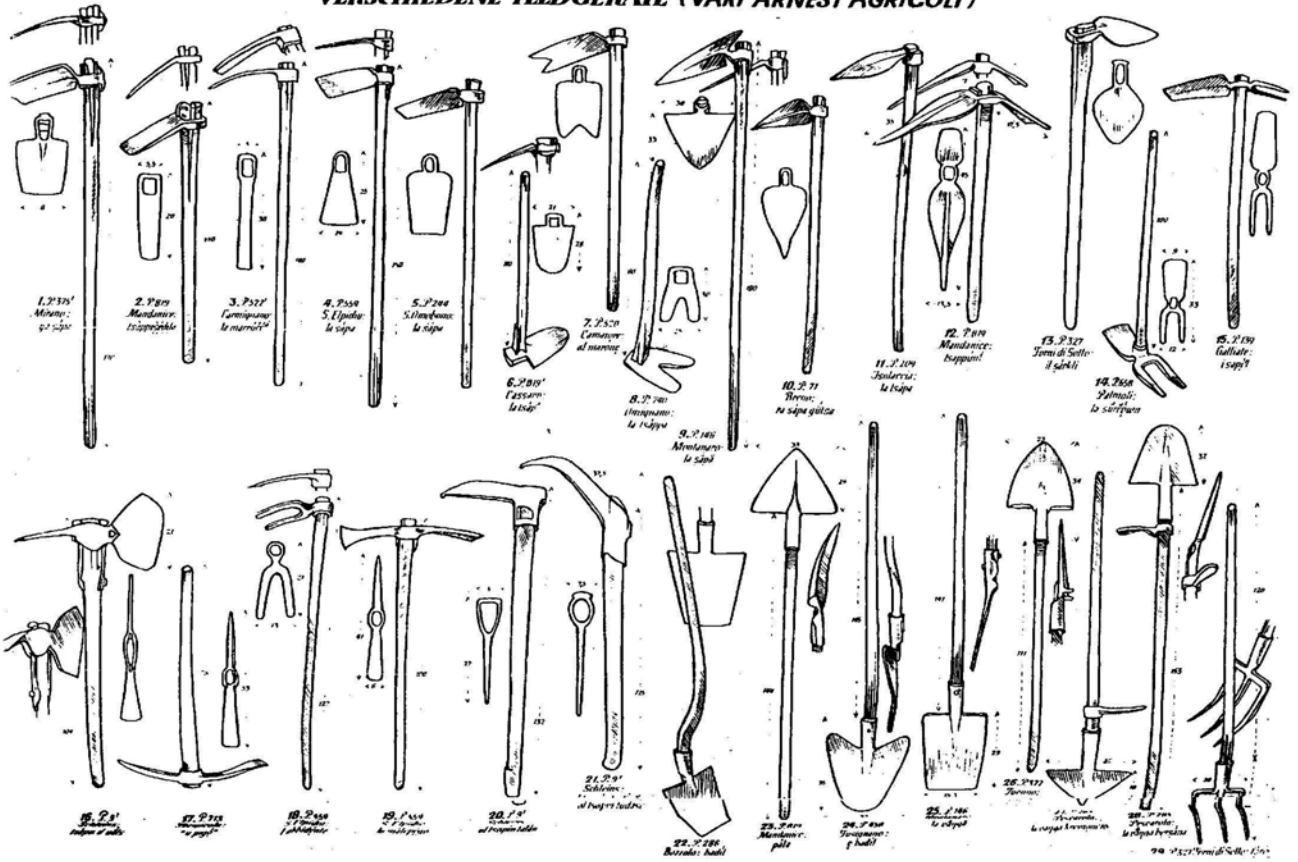
### VENDA DO PRODUTO

52. Como se chama a pessoa que vende fogos?
53. Como se chama o local onde se vendem fogos?
54. Quais são os tipos de fogos vendidos aqui?
55. De onde vêm esses fogos?
56. Como são transportados?
57. Vender fogos dá lucro? Quem lucra mais?

### RELATO DE UM CASO RELACIONADO AO TRABALHO.



VERSCHIEDENE FELDGERÄTE (VARI ARNESI AGRICOLI)



Der Hackenstiel (il manico della zappa)

CM 53" - 36" = 0

Typ. Sic. III, 545 il manico della zappa

Wie lassen im folgenden diejenigen Anworten zum Typus 'manico' weg, die schon aus den folgenden grammatischen Notizen hervorgehen. Es betrifft das folgende Plural

- 11. 525 526 527 528 529 530 531 532 533 534 535 536 537 538 539 540 541 542 543 544 545 546 547 548 549 550 551 552 553 554 555 556 557 558 559 560 561 562 563 564 565 566 567 568 569 570 571 572 573 574 575 576 577 578 579 580 581 582 583 584 585 586 587 588 589 590 591 592 593 594 595 596 597 598 599 600 601 602 603 604 605 606 607 608 609 610 611 612 613 614 615 616 617 618 619 620 621 622 623 624 625 626 627 628 629 630 631 632 633 634 635 636 637 638 639 640 641 642 643 644 645 646 647 648 649 650 651 652 653 654 655 656 657 658 659 660 661 662 663 664 665 666 667 668 669 670 671 672 673 674 675 676 677 678 679 680 681 682 683 684 685 686 687 688 689 690 691 692 693 694 695 696 697 698 699 700 701 702 703 704 705 706 707 708 709 710 711 712 713 714 715 716 717 718 719 720 721 722 723 724 725 726 727 728 729 730 731 732 733 734 735 736 737 738 739 740 741 742 743 744 745 746 747 748 749 750 751 752 753 754 755 756 757 758 759 760 761 762 763 764 765 766 767 768 769 770 771 772 773 774 775 776 777 778 779 780 781 782 783 784 785 786 787 788 789 790 791 792 793 794 795 796 797 798 799 800 801 802 803 804 805 806 807 808 809 810 811 812 813 814 815 816 817 818 819 820 821 822 823 824 825 826 827 828 829 830 831 832 833 834 835 836 837 838 839 840 841 842 843 844 845 846 847 848 849 850 851 852 853 854 855 856 857 858 859 860 861 862 863 864 865 866 867 868 869 870 871 872 873 874 875 876 877 878 879 880 881 882 883 884 885 886 887 888 889 890 891 892 893 894 895 896 897 898 899 900 901 902 903 904 905 906 907 908 909 910 911 912 913 914 915 916 917 918 919 920 921 922 923 924 925 926 927 928 929 930 931 932 933 934 935 936 937 938 939 940 941 942 943 944 945 946 947 948 949 950 951 952 953 954 955 956 957 958 959 960 961 962 963 964 965 966 967 968 969 970 971 972 973 974 975 976 977 978 979 980 981 982 983 984 985 986 987 988 989 990 991 992 993 994 995 996 997 998 999 1000

Der Picket (il piccone) Re 53,10

S. Skizze 17.

Wie sprechen unter Picket ein zum Hacken von Steinen oder zur Abreibung von steinigem Boden dienen des Instrument, das sich dadurch charakterisiert, dass es auf der einen Seite mit einem langen Spitz, auf der anderen mit einem kürzeren, Harten, horizontalen Kopf versehen ist.

- 321 u. a. sicut 322 u. a. sicut 323 u. a. sicut 324 u. a. sicut 325 u. a. sicut 326 u. a. sicut 327 u. a. sicut 328 u. a. sicut 329 u. a. sicut 330 u. a. sicut 331 u. a. sicut 332 u. a. sicut 333 u. a. sicut 334 u. a. sicut 335 u. a. sicut 336 u. a. sicut 337 u. a. sicut 338 u. a. sicut 339 u. a. sicut 340 u. a. sicut 341 u. a. sicut 342 u. a. sicut 343 u. a. sicut 344 u. a. sicut 345 u. a. sicut 346 u. a. sicut 347 u. a. sicut 348 u. a. sicut 349 u. a. sicut 350 u. a. sicut 351 u. a. sicut 352 u. a. sicut 353 u. a. sicut 354 u. a. sicut 355 u. a. sicut 356 u. a. sicut 357 u. a. sicut 358 u. a. sicut 359 u. a. sicut 360 u. a. sicut 361 u. a. sicut 362 u. a. sicut 363 u. a. sicut 364 u. a. sicut 365 u. a. sicut 366 u. a. sicut 367 u. a. sicut 368 u. a. sicut 369 u. a. sicut 370 u. a. sicut 371 u. a. sicut 372 u. a. sicut 373 u. a. sicut 374 u. a. sicut 375 u. a. sicut 376 u. a. sicut 377 u. a. sicut 378 u. a. sicut 379 u. a. sicut 380 u. a. sicut 381 u. a. sicut 382 u. a. sicut 383 u. a. sicut 384 u. a. sicut 385 u. a. sicut 386 u. a. sicut 387 u. a. sicut 388 u. a. sicut 389 u. a. sicut 390 u. a. sicut 391 u. a. sicut 392 u. a. sicut 393 u. a. sicut 394 u. a. sicut 395 u. a. sicut 396 u. a. sicut 397 u. a. sicut 398 u. a. sicut 399 u. a. sicut 400 u. a. sicut

Der Karst (il badino) Re 53,10

S. Skizze 17.

Wie sprechen unter Karst ein zum Auskratzen von Erde oder zum Einkratzen in den Boden dienendes Instrument, das sich dadurch charakterisiert, dass es auf der einen Seite mit einem langen Spitz, auf der anderen mit einem kürzeren, Harten, horizontalen Kopf versehen ist.

- 401 u. a. sicut 402 u. a. sicut 403 u. a. sicut 404 u. a. sicut 405 u. a. sicut 406 u. a. sicut 407 u. a. sicut 408 u. a. sicut 409 u. a. sicut 410 u. a. sicut 411 u. a. sicut 412 u. a. sicut 413 u. a. sicut 414 u. a. sicut 415 u. a. sicut 416 u. a. sicut 417 u. a. sicut 418 u. a. sicut 419 u. a. sicut 420 u. a. sicut 421 u. a. sicut 422 u. a. sicut 423 u. a. sicut 424 u. a. sicut 425 u. a. sicut 426 u. a. sicut 427 u. a. sicut 428 u. a. sicut 429 u. a. sicut 430 u. a. sicut 431 u. a. sicut 432 u. a. sicut 433 u. a. sicut 434 u. a. sicut 435 u. a. sicut 436 u. a. sicut 437 u. a. sicut 438 u. a. sicut 439 u. a. sicut 440 u. a. sicut 441 u. a. sicut 442 u. a. sicut 443 u. a. sicut 444 u. a. sicut 445 u. a. sicut 446 u. a. sicut 447 u. a. sicut 448 u. a. sicut 449 u. a. sicut 450 u. a. sicut 451 u. a. sicut 452 u. a. sicut 453 u. a. sicut 454 u. a. sicut 455 u. a. sicut 456 u. a. sicut 457 u. a. sicut 458 u. a. sicut 459 u. a. sicut 460 u. a. sicut 461 u. a. sicut 462 u. a. sicut 463 u. a. sicut 464 u. a. sicut 465 u. a. sicut 466 u. a. sicut 467 u. a. sicut 468 u. a. sicut 469 u. a. sicut 470 u. a. sicut 471 u. a. sicut 472 u. a. sicut 473 u. a. sicut 474 u. a. sicut 475 u. a. sicut 476 u. a. sicut 477 u. a. sicut 478 u. a. sicut 479 u. a. sicut 480 u. a. sicut 481 u. a. sicut 482 u. a. sicut 483 u. a. sicut 484 u. a. sicut 485 u. a. sicut 486 u. a. sicut 487 u. a. sicut 488 u. a. sicut 489 u. a. sicut 490 u. a. sicut 491 u. a. sicut 492 u. a. sicut 493 u. a. sicut 494 u. a. sicut 495 u. a. sicut 496 u. a. sicut 497 u. a. sicut 498 u. a. sicut 499 u. a. sicut 500 u. a. sicut

Die Wasserhacke (zappa da far fieno)

Typ. Sic. I, 545 il manico della zappa

Wie sprechen unter Wasserhacke ein zum Hacken von Wasser dienendes Instrument, das sich dadurch charakterisiert, dass es auf der einen Seite mit einem langen Spitz, auf der anderen mit einem kürzeren, Harten, horizontalen Kopf versehen ist.

- 501 u. a. sicut 502 u. a. sicut 503 u. a. sicut 504 u. a. sicut 505 u. a. sicut 506 u. a. sicut 507 u. a. sicut 508 u. a. sicut 509 u. a. sicut 510 u. a. sicut 511 u. a. sicut 512 u. a. sicut 513 u. a. sicut 514 u. a. sicut 515 u. a. sicut 516 u. a. sicut 517 u. a. sicut 518 u. a. sicut 519 u. a. sicut 520 u. a. sicut 521 u. a. sicut 522 u. a. sicut 523 u. a. sicut 524 u. a. sicut 525 u. a. sicut 526 u. a. sicut 527 u. a. sicut 528 u. a. sicut 529 u. a. sicut 530 u. a. sicut 531 u. a. sicut 532 u. a. sicut 533 u. a. sicut 534 u. a. sicut 535 u. a. sicut 536 u. a. sicut 537 u. a. sicut 538 u. a. sicut 539 u. a. sicut 540 u. a. sicut 541 u. a. sicut 542 u. a. sicut 543 u. a. sicut 544 u. a. sicut 545 u. a. sicut 546 u. a. sicut 547 u. a. sicut 548 u. a. sicut 549 u. a. sicut 550 u. a. sicut 551 u. a. sicut 552 u. a. sicut 553 u. a. sicut 554 u. a. sicut 555 u. a. sicut 556 u. a. sicut 557 u. a. sicut 558 u. a. sicut 559 u. a. sicut 560 u. a. sicut 561 u. a. sicut 562 u. a. sicut 563 u. a. sicut 564 u. a. sicut 565 u. a. sicut 566 u. a. sicut 567 u. a. sicut 568 u. a. sicut 569 u. a. sicut 570 u. a. sicut 571 u. a. sicut 572 u. a. sicut 573 u. a. sicut 574 u. a. sicut 575 u. a. sicut 576 u. a. sicut 577 u. a. sicut 578 u. a. sicut 579 u. a. sicut 580 u. a. sicut 581 u. a. sicut 582 u. a. sicut 583 u. a. sicut 584 u. a. sicut 585 u. a. sicut 586 u. a. sicut 587 u. a. sicut 588 u. a. sicut 589 u. a. sicut 590 u. a. sicut 591 u. a. sicut 592 u. a. sicut 593 u. a. sicut 594 u. a. sicut 595 u. a. sicut 596 u. a. sicut 597 u. a. sicut 598 u. a. sicut 599 u. a. sicut 600 u. a. sicut

Die Hackenaxt (la scure - scura)

Typ. Sic. I, 545 il manico della zappa

Wie sprechen unter Hackenaxt ein zum Hacken von Holz dienendes Instrument, das sich dadurch charakterisiert, dass es auf der einen Seite mit einem langen Spitz, auf der anderen mit einem kürzeren, Harten, horizontalen Kopf versehen ist.

- 601 u. a. sicut 602 u. a. sicut 603 u. a. sicut 604 u. a. sicut 605 u. a. sicut 606 u. a. sicut 607 u. a. sicut 608 u. a. sicut 609 u. a. sicut 610 u. a. sicut 611 u. a. sicut 612 u. a. sicut 613 u. a. sicut 614 u. a. sicut 615 u. a. sicut 616 u. a. sicut 617 u. a. sicut 618 u. a. sicut 619 u. a. sicut 620 u. a. sicut 621 u. a. sicut 622 u. a. sicut 623 u. a. sicut 624 u. a. sicut 625 u. a. sicut 626 u. a. sicut 627 u. a. sicut 628 u. a. sicut 629 u. a. sicut 630 u. a. sicut 631 u. a. sicut 632 u. a. sicut 633 u. a. sicut 634 u. a. sicut 635 u. a. sicut 636 u. a. sicut 637 u. a. sicut 638 u. a. sicut 639 u. a. sicut 640 u. a. sicut 641 u. a. sicut 642 u. a. sicut 643 u. a. sicut 644 u. a. sicut 645 u. a. sicut 646 u. a. sicut 647 u. a. sicut 648 u. a. sicut 649 u. a. sicut 650 u. a. sicut 651 u. a. sicut 652 u. a. sicut 653 u. a. sicut 654 u. a. sicut 655 u. a. sicut 656 u. a. sicut 657 u. a. sicut 658 u. a. sicut 659 u. a. sicut 660 u. a. sicut 661 u. a. sicut 662 u. a. sicut 663 u. a. sicut 664 u. a. sicut 665 u. a. sicut 666 u. a. sicut 667 u. a. sicut 668 u. a. sicut 669 u. a. sicut 670 u. a. sicut 671 u. a. sicut 672 u. a. sicut 673 u. a. sicut 674 u. a. sicut 675 u. a. sicut 676 u. a. sicut 677 u. a. sicut 678 u. a. sicut 679 u. a. sicut 680 u. a. sicut 681 u. a. sicut 682 u. a. sicut 683 u. a. sicut 684 u. a. sicut 685 u. a. sicut 686 u. a. sicut 687 u. a. sicut 688 u. a. sicut 689 u. a. sicut 690 u. a. sicut 691 u. a. sicut 692 u. a. sicut 693 u. a. sicut 694 u. a. sicut 695 u. a. sicut 696 u. a. sicut 697 u. a. sicut 698 u. a. sicut 699 u. a. sicut 700 u. a. sicut

Die Holzhauerhacke (zappa del boscaiolo)

Typ. Sic. I, 545 il manico della zappa

Wie sprechen unter Holzhauerhacke ein zum Hacken von Holz dienendes Instrument, das sich dadurch charakterisiert, dass es auf der einen Seite mit einem langen Spitz, auf der anderen mit einem kürzeren, Harten, horizontalen Kopf versehen ist.

- 701 u. a. sicut 702 u. a. sicut 703 u. a. sicut 704 u. a. sicut 705 u. a. sicut 706 u. a. sicut 707 u. a. sicut 708 u. a. sicut 709 u. a. sicut 710 u. a. sicut 711 u. a. sicut 712 u. a. sicut 713 u. a. sicut 714 u. a. sicut 715 u. a. sicut 716 u. a. sicut 717 u. a. sicut 718 u. a. sicut 719 u. a. sicut 720 u. a. sicut 721 u. a. sicut 722 u. a. sicut 723 u. a. sicut 724 u. a. sicut 725 u. a. sicut 726 u. a. sicut 727 u. a. sicut 728 u. a. sicut 729 u. a. sicut 730 u. a. sicut 731 u. a. sicut 732 u. a. sicut 733 u. a. sicut 734 u. a. sicut 735 u. a. sicut 736 u. a. sicut 737 u. a. sicut 738 u. a. sicut 739 u. a. sicut 740 u. a. sicut 741 u. a. sicut 742 u. a. sicut 743 u. a. sicut 744 u. a. sicut 745 u. a. sicut 746 u. a. sicut 747 u. a. sicut 748 u. a. sicut 749 u. a. sicut 750 u. a. sicut 751 u. a. sicut 752 u. a. sicut 753 u. a. sicut 754 u. a. sicut 755 u. a. sicut 756 u. a. sicut 757 u. a. sicut 758 u. a. sicut 759 u. a. sicut 760 u. a. sicut 761 u. a. sicut 762 u. a. sicut 763 u. a. sicut 764 u. a. sicut 765 u. a. sicut 766 u. a. sicut 767 u. a. sicut 768 u. a. sicut 769 u. a. sicut 770 u. a. sicut 771 u. a. sicut 772 u. a. sicut 773 u. a. sicut 774 u. a. sicut 775 u. a. sicut 776 u. a. sicut 777 u. a. sicut 778 u. a. sicut 779 u. a. sicut 780 u. a. sicut 781 u. a. sicut 782 u. a. sicut 783 u. a. sicut 784 u. a. sicut 785 u. a. sicut 786 u. a. sicut 787 u. a. sicut 788 u. a. sicut 789 u. a. sicut 790 u. a. sicut 791 u. a. sicut 792 u. a. sicut 793 u. a. sicut 794 u. a. sicut 795 u. a. sicut 796 u. a. sicut 797 u. a. sicut 798 u. a. sicut 799 u. a. sicut 800 u. a. sicut

## ANEXO IV

## DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



**Fig. 01** – Corte de papel/ Cortador de papel.



**Fig. 02** – Bobinas de papel.



Milheiros  
de papel

**Fig. 03** – Tiras de *papel*.



Goma

Cartolina

Forma (ô)

**Fig. 04** – *Enrolação de caixa*.



← *Cavalete*

**Fig. 05** – *Enroladeira* amarrando o *fundo da caixa*.



**Fig. 06** – *Pencal/corrente de bomba*.



**Fig. 07** – *Roda.*



**Fig. 08** - *Canudos.*



**Fig. 09** – Roda sobre o encosto ou encostador.



**Fig. 10** – Espontão e roda cheia de caixa.

*Palitos  
enfiados na  
tabela*



*Palheta*

**Fig. 11** – *Escorva*



**Fig. 12** – *Secagem de palito*



**Fig. 13** – *Bacia de massa.*



**Fig. 14** – *Desenfiando palito.*





**Fig. 15** – *Raque*



**Fig. 16** – *Palheta sobre raque.*



**Fig. 17** – *Cera e cordão.*



**Fig. 18** – *Bomba chilena.*



**Fig. 19 - Chuvinhas**

*Flecha* →



**Fig. 20 – Foguete.**

*Flecha*



**Fig. 21** – *Foguetinhos*.



**Fig. 22** – *Vulcão*.



**Fig . 23** – *Esputinique.*



**Fig. 24** – *Besourinho ou corisco.*



**Fig. 25** – *Estalos ou traques de riscar.*



**Fig. 26** – *Judas.*



**Fig. 27** – *Forma (ô)* para encaixar chuvinha.



**Fig. 28** – *Cachopa*.



**Fig. 29** – *Arrojo* de foguete.



**Fig. 30** – *Espoleta* ou *palito escorvado*.





**Fig. 31** – Efeito do *vulcão*.